

MESTRADO INTEGRADO

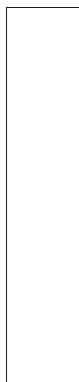
ARQUITETURA

Da casa em Portugal (2005-15)

Teresa Sofia Nunes da Silva Leite



2017



DA CASA EM PORTUGAL
(2005-2015)

FAUP

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura

Ano lectivo 2016/2017

Desenvolvido por Teresa Sofia Nunes da Silva Leite

Sob orientação do Professor Manuel Mendes

Pela sua incansável presença
Pela sua ausência

À minha mãe

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Manuel Mendes por ter *aceite o desafio*
e pela incansável disponibilidade.

Ao Mano e ao Pai, por tudo.

À Ana e ao Pedro pelo incentivo inesgotável.

Aos amigos pelo apoio.
Às Pepas pelo percurso maravilhoso que proporcionaram.

Agradeço
ao Arquiteto Miguel Marcelino
ao Arquiteto João Caldeira Ferrão do escritório Extrastudio
pelo material fornecido.

Resumo

palavras-chave: Portugal / Habitação unifamiliar;
Regional / Global / Local;
Contemporaneidade / era da informação e interatividade.

Pretende-se refletir e incitar um olhar crítico sobre a habitação unifamiliar dos dias de hoje em Portugal, através da observação de morfologias contemporâneas em paralelo com construções de tempos anteriores.

O abrigo, o espaço de trabalho, o objeto, o refúgio frente ao contexto. De padrões regionais, a correntes internacionais, até a interpretações únicas.

Da casa que é terreno, à casa pousada, à casa que quer pertencer e intervir no meio.

Da comunidade local, ao público de massas, ao *indivíduo*.

Da observação aqui empreendida são destacadas algumas das interpretações dadas às relações entre Casa e envolvente; meio e estrutura; e estrutura e habitante; de forma a construir um corpo de despertadores de projeto, que permita um olhar crítico sobre a habitação unifamiliar, bem como constituir uma base de temas que podem ser equacionados na construção *da Casa em Portugal*.

Abstract

keywords: *Portugal / single family housing;*
Regional / Global / Local;
Contemporaneity / Interactivity and Information era.

It is intended to reflect and incite a critical look about a house of the present day in Portugal, through the observation of contemporary morphologies in parallel with constructions of previous times.

The shelter, the workspace, the object, the shelter from the context.
From the house that is land, to the house laid on the ground, to the house that wants to belong and intervene in the middle.
From regional references, to international trends, to unique interpretations.
From the local community, to the mass public, to the *individual*.

From this observation are highlighted some interpretations as the relations between House and surroundings; medium and structure; and structure and inhabitant; in order to build project body that allows a critical look at single family housing. As well as to constitute a range of themes that can be equated in the construction *of the House in Portugal*.

Índice

[I]	Da dissertação	13
	Tema 1 – Mundo global / Portugal	15
	Tema 2 – O habitante e as morfologias da habitação	17
	Tema 3 – Recursos teóricos	19
	Tema 4 – Desenvolvimento do trabalho	23
	Tema 5 – Estrutura do trabalho	28
[II]	Meio – Estrutura – Indivíduo	31
	2.1 Casa, habitante, construção	33
	2.2 Contextos(s)	40
	2.2.1 Condições geológicas, geográficas e climáticas	43
	2.2.2. Da(s) circunstancia(s)	47
	Construção, tempo, circunstancia I	48
	Construção, tempo, circunstancia II	51
	Construção, tempo, circunstancia III	55
	Construção, tempo, circunstancia IV	63
	2.2.3. Circunstancia urbana	68
[III]	Situação Portuguesa	75
	IIIa Envoltente – Casa	79
	a.1. Morfologias urbanas	81
	a.2. Conexões	91
	IIIb Meio – Estrutura	101
	b.1. Forma	101
	b.2. Mecanismos de relação entre meio e estrutura	111
	b.3. Materialização	119
	IIIc Estrutura – Habitante	121
	c.1. Programa	123
	c.2. Organização interior	137
	c.3. Flexibilidade como potencialidade	145
	IIId Implantação tecnológica	153
[IV]	Para projetar uma casa	159
	IVa Casa – Envoltente	163
	IVb Meio – Estrutura	165
	IVc Estrutura – Habitante	168
	IVd Considerações finais	171
	Bibliografia	175
	Créditos de imagem	179

A presente dissertação foi escrita segundo o novo acordo ortográfico.
Todas as citações em língua estrangeira foram traduzidas pela autora para português.
Todas as fotografias, quadros, diagramas não referenciados são da autoria da aluna.

Da dissertação

Tema 1 – Portugal / Mundo global

Tema 2 – O habitante e as morfologias da habitação unifamiliar

Tema 3 – Recursos teóricos

Tema 4 – Desenvolvimento do trabalho

Tema 5 – Estrutura

Após um ano de intercambio no Brasil e uma longa viagem pela América do Sul, tornou-se-me claro que na arquitetura, como em quase tudo, encontramos em pleno processo de unificação e interatividade do mundo, na *era da globalização* e da *informação*.

A América do Sul apresentava uma tradição diferenciada do continente Europeu – dois continentes com graus de desenvolvimento distintos, imagem e história próprias – contudo, quando procurei pela vida do cidadão comum, mais do que pela história e tradição vendida ao turista, encontrei supermercados muito parecidos, os mesmos *shoppings*, por vezes os mesmos ideais e crenças, e até os mesmos gracejos sobre séries televisivas ou personalidades. Consequências do generalizado acesso à informação e da mobilidade cada vez mais facilitada, que fazem com que a realidade atual deixe de ser regional.

Além da viagem, também a minha participação no grupo de pesquisa que se dedicava à construção de um quadro ilustrativo da “casa contemporânea brasileira”¹ motivou o sentimento de arbitrariedade, na medida em que, à primeira vista, as construções estudadas podiam pertencer a qualquer parte do mundo. O que transformava aqueles projetos, em “casas contemporâneas brasileiras”?

No mundo atual da globalização, ainda faz sentido falar num registo nacional ou regional? Ainda faz sentido falar numa casa local em Portugal? Existe alguma base ou princípio, no qual assenta a construção das casas de hoje, que se possa dizer português?

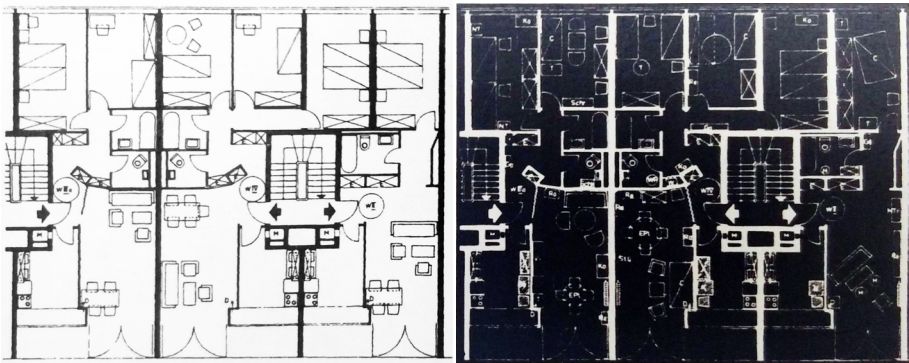
Com o regresso a Casa – país, Portugal – senti a necessidade de fechar o meu ciclo de estudos colmatando esta inquietude.

Na época do instantâneo e globalizado, num país da Europa unificada onde a mobilidade facilitada é promessa de proximidade, e a propagação da informação ocorre a um ritmo muito acelerado, como são as casas no Portugal de hoje?

1. “A casa contemporânea brasileira” trata-se de um grupo de pesquisa no qual participam pesquisadores de cinco universidades brasileiras – UFRGS, UFPB, UFPel, UCS e UEG – e que tem como tema a habitação contemporânea brasileira e como objeto de estudo, projetos de habitação unifamiliar desenvolvidos por 25 arquitetos ou escritórios eleitos em 2010 como a “nova geração de arquitetos brasileiros” pela revista AU-Arquitetura e Urbanismo (Editora PINI). Pode-se aceder à pesquisa através do seguinte website: <https://www.ufrgs.br/casacontemporanea/>



1 - Casas germinadas, com estruturas iguais, e que se desenvolvem de maneira distinta.



2 - À esquerda planta mobilada do edifício de habitação plurifamiliar de Oscar Niemeyer em Hansaviertel, Berlim (1958 - 1959) e à direita, planta da organização feita pelos habitantes.

A presente dissertação debruça-se sobre a habitação unifamiliar destinada à primeira habitação em Portugal continental, com o objetivo de apontar morfologias da habitação contemporânea, capacitando a reflexão e o olhar crítico sobre a Casa.

Com a consciência de que o território contemporâneo é um produto de tempos sobrepostos; um depósito de inúmeras contribuições fruto de épocas distintas ou, dentro de uma mesma época, de gostos, recursos e programas diversos, compreende-se e observa-se a habitação contemporânea enquanto morfologia que influencia e é influenciada por uma simultaneidade de sobreposições de programas, recursos, gostos.

O programa de habitação unifamiliar é um programa que admite alguma liberdade, devido à sua intrínseca relação com o futuro habitante e respectivos gostos, vivências, cultura, etc.. Mesmo quando é possível identificar tipologias em estreita relação com uma região ou localidade, mais do que as semelhanças que se consigam anotar, existe sempre um grande número de variantes que as diferencia entre si. Nem as casas germinadas construídas em simultâneo pela mesma equipa resultam em habitações iguais (imagens 1 e 2).

A associação do *individuo uno* à habitação unifamiliar, a percepção dessa individualidade, revela com nitidez que o número de formas e estruturas que podem constituir o universo heterogéneo da casa, é incalculável – cada casa é uma casa.

Programa capaz de abraçar a inovação e experimentos nunca testados na disciplina, está simultaneamente ligado à tradição, e de novo, vai depender do habitante a decisão de refletir mais ou menos cada um destes dois pontos – tradição/inovação.

Como exposto por Jaime Salazar no livro *Singular housing: el domínio privado*, a habitação unifamiliar diz respeito ao *habitat* individual. Esse *habitat* é um quadro íntimo no qual intervêm os desejos e fantasias íntimas dos usuários que, influenciados pelos media e pelos clichés coletivos que daí resultam, tornam difícil operar uma autentica intervenção reformuladora. Simultânea e paradoxalmente a habitação unifamiliar é, de facto, o programa onde ocorrem grande parte dos experimentos da disciplina de arquitetura.

*“No entanto, a questão da habitação familiar é, paradoxalmente, onde algumas das tentativas mais paradigmáticas de renovação disciplinar podem ser encontradas; Um cenário onde muitas das propostas destinadas a sintonizar a organização do espaço com uma nova compreensão do quadro cultural geral foram, pela primeira vez, testadas e ganharam forma material. E provavelmente porque, apesar de tudo, este continua a ser o programa mais aberto às ideias ainda emergentes - e a esses profissionais; Onde o cliché é aceite, juntamente com a tomada de riscos e a inovação.”*²

2. GAUSA, Manuel, SALAZAR, Jaime, *Singular housing: el domínio privado*. Barcelona: GG, 2002, p.6. *“Yet the issue of single-family housing is, paradoxically, where some of the more paradigmatic attempts at disciplinary renewal can be found; a scenario where many of the projectural proposals intended to syntonize the organization of space with a new understanding of the general cultural framework have, for the first time, been tried out and given material form. And probably because, despite everything, this continues to be the program that is more open to such still-emerging ideas - and to such professionals; where the cliché is accepted, along with risk-taking and innovation.”*

As morfologias da habitação unifamiliar são, em grande parte, fruto do indivíduo e da sua moldura de referências, e podem ou não, admitir inovações a todos os níveis. É essa moldura de referências que pode justificar a presença de princípios ou bases comuns identificáveis, que se traduzem em padrões regionais ou nacionais na casa.

O estudo que aqui se constrói procura (por se mostrar necessário à compreensão do todo) enquadrar morfologias da casa em Portugal através de padrões comuns assinaláveis, que retratam a evolução desta tipologia em território nacional continental.

Na impossibilidade de fazer corresponder um intervalo de tempo definido às diversas morfologias da habitação unifamiliar, optou-se por recorrer a períodos identificáveis mas indeterminados ou indefinidos, que correspondam a uma visão menos taxativa e mais real do universo da casa. O tempo é, neste tema em específico, um parâmetro a ter em conta, muito devido à já referida mescla entre tradição e inovação – não existe uma casa correspondente a um intervalo de tempo fechado. Ao invés de observar um intervalo e a ele fazer corresponder uma ou várias morfologias específicas, observam-se as transformações na ideia de casa em Portugal com o passar dos anos. A compreensão dessas transformações visa capacitar o entendimento desse meio heterogéneo onde a ‘nova casa’ se irá inserir, tendo presente que, tal como todo o edificado, ela é indissociável do meio que a acolhe.

A ideia de casa – termo utilizado daqui para a frente para referir especificamente habitação unifamiliar – altera-se em relação às circunstâncias nas quais se insere o seu habitante, que existe num determinado contexto. Apesar da relação casa/região ter sido uma condicionante primária à construção, hoje essa relação não é linear. Conseguir que a construção contemporânea pertença ao produto da sobreposição de tempos existente é, por isso, um dos desafios que a casa enfrenta nos dias de hoje.

“A Habitação é um produto funcional e cultural que reproduz relações, fenomenologias e efeitos típicos do tecido social que a gera. Assim o habitar é um conceito que se tem transformado ao longo do tempo, acompanhando especificamente posturas, ritmos, significados e desejos das sociedades. As relações de causa e efeito no curso da evolução das formas de habitar sempre foram mútuas, tendo-se condicionado reciprocamente.”³

Pretende-se enquadrar morfologias da habitação unifamiliar em Portugal, e quando possível identificar padrões que carácter nacional ou regional, com vista a compreender a paisagem construída pela casa e assim, abrir caminhos para um pensamento sobre o presente e o futuro da casa em Portugal.

3. MILANO, Maria, *Do Habitar*. ESAD - Escola Superior de Arte e Design; Matosinhos: ESAD, 2005, p.13.

A observação que aqui se propõe desenvolver assenta sobre recursos teóricos, que se apresentam sucintamente. As principais obras de suporte ao presente estudo são o livro *Single-family housing: the private domain* de Jaime Salazar e Manuel Gausa (Barcelona, 1959 –), *Casa Collage* de Xavier Monteys (Barcelona, 1953 –) e Pere Fuentes (Terrassa, 1966 –), e *Housing design: a manual* de Bernard Leupen e Harald Mooij (1974 –), as quais são ocasionalmente sustentadas por obras complementares destes e de outros autores, dedicadas ao tema.

Manuel Gausa e Jaime Salazar são co-autores do livro *Single-family housing: the private domain*, uma continuação da obra de Manuel Gausa – *Housing: new alternatives, new systems* – onde olha para a habitação como parte integrante de uma rede de conexões, que evolui e se modifica continuamente, o que se reflete no projeto habitacional. Para Manuel Gausa, arquiteto, editor e principal autor destes livros, a casa contemporânea deve deixar de ser uma resposta compositiva, para tornar-se um instrumento de reestruturação do meio. A cidade em constante evolução é tida como um impulso para a incessante procura de novas soluções – que ilustra com exemplos internacionais.

Estes autores ressaltam a importância da observação dos casos de estudo em relação ao contexto em que se inserem – contexto que é incansavelmente referido como em constante evolução.

O livro *Single-family housing: the private domain* dedica-se especificamente ao estudo da habitação unifamiliar contemporânea, numa visão da atualidade com perspetiva de futuro. Divide-se em três momentos: casa-caixa, casa como artefacto e casa como paisagem.

No que se refere à *casa-caixa* observa-se o espaço interior da estrutura que abriga. O programa, o espaço de intimidade, as necessidades do(s) habitante(s), bem como a capacidade reativa da casa face às mesmas, são abordados numa visão que enfatiza a importância da construção própria do(s) habitante(s) no interior da estrutura.

Em *casa como artefacto* os autores refletem sobre a implantação tecnológica, referindo-se sobretudo aos instrumentos que cada vez mais equipam e constroem a habitação, numa perspectiva da casa enquanto produto técnico. Em *casa como paisagem* referem a, cada vez maior, dissolução da forma face ao(s) contexto(s).

“O projeto de arquitetura é uma determinada “mensagem” física sobre o “meio” da realidade. Portanto, se o meio se transforma, também se transforma a mensagem. O projeto contemporâneo desenvolve-se segundo pautas que distorcem e dissolvem a relação objetual da arquitetura perante o meio, a relação figura e fundo. A arquitetura não faz sentido como um objeto

diferenciado, mas como um mecanismo operativo que se molda ou persegue uma determinada estratégia de adaptação ao meio real.”⁴

Single-family housing: the private domain é um livro que lança temas capazes de provocar a reflexão sobre a casa do futuro próximo, ou seja, a casa que construímos agora, enquanto nova geração de profissionais e habitantes. Aborda diferentes relações entre a estrutura e o meio, sugerindo um regresso à correlação casa-contexto; sugere novas organizações interiores mais livres e apropriáveis, com núcleos de serviço compactos, paredes grossas para armazenamento e amplos espaços livres, propondo uma organização interior menos tradicional e mais interativa; reitera a importância da implantação tecnológica na vida quotidiana, olhando a casa não como um produto objetual mas como mecanismo reativo que assiste o habitante nas tarefas do dia a dia.

Bernard Leupen e Harald Mooij em *Housing design: a manual*, aproximam o tema da habitação sobre a perspectiva da necessidade de construção em massa. Apesar da abordagem distante do contexto nacional, não deixam de levantar questões que aqui nos interessam do ponto de vista técnico. Este livro apresenta-se como manual de desenho da habitação, passível de ser consultado durante o processo de projeto da habitação. Oferece uma perspetiva pragmática e objetiva, onde os componentes da casa são encarados como matéria de projeto. Propõem numerosas soluções para problemas mais ou menos recorrentes na construção da habitação, através da introdução a ferramentas de análise do contexto onde se irá inserir a construção. Também no que diz respeito à materialização e formulação dos espaços da casa são contabilizadas as consequências de cada escolha de projeto.

O manual presta considerável atenção à relação entre o interior da habitação, o meio em que se insere, e a forma como é vivido, num percurso capaz de evocar vários temas sem deixar de considerar a intrínseca relação entre eles, sublinhando o grande número de fatores envolvidos na construção da casa e na sua definição ao longo do tempo.

“O arquiteto cria lugares para habitar mas, com isso, também cria algumas restrições. O projeto completo oferece oportunidades para que emergjam certas formas de habitação mais do que outras.”⁵

“A casa faz parte de um todo maior, num ambiente que define a experiência do habitar em diferentes níveis. Enquanto a habitação – o lugar – produz uma separação entre o interior e o exterior, a habitação – o fenómeno – ocorre em

ambos os lados desta linha de separação.”⁶

Xavier Monteys aborda o tema da habitação através de recortes diversos, tal como diversos são os temas que considera constituírem o universo da casa. Através da aproximação a estes temas, que podem parecer dispersos, constrói-se – no livro *Casa Collage* – uma narrativa a Casa que nos permite, logo à partida, compreende-la menos como um mero espaço arquitetónico e mais como um lugar habitado. Monteys oferece uma visão aparentemente menos técnica e analítica, que se prende essencialmente com as vivências do habitante enquanto indivíduo e o reflexo das suas ações na casa: apropriação material do espaço, o uso dado aos espaços, as diversas culturas e como se refletem na habitação; ao invés de incidir na forma e construção.

Além de observar a apropriação do espaço por parte do habitante, lança algumas provocações, que visam motivar a reflexão quer na comunidade de arquitetos e estudantes, quer no público em geral, na ambição de despertar o interesse e promover uma atitude crítica perante a casa e os seus usos e apropriações.

“Isto não faz mais do que reforçar a concepção da casa como algo vivo, como algo que responde às inquietudes e necessidades dos seus ocupantes e que, portanto, se altera à medida que eles se alteram.”⁷

Apesar de construírem três abordagens distintas, os autores referidos encontram-se em alguns dos principais pontos das suas observações.

Todos os autores referem o importante papel do habitante na definição de casa, como indivíduo, construtor de *habitat* individual e por isso único. Olham para o projeto de habitação unifamiliar como fruto de um processo único e individual, que compreende o contexto em mutação em que se insere, bem como o(s) habitante(s) em atualização que dele fazem parte.

Manuel Gausa, Jaime Salazar, abordam o tema através da percepção da evolução do programa unifamiliar, Bernanrd Leupen, Harald Mooij, constroem um manual técnico, e Xavier Monteys e Pere Fuentes pretendem provocar a reflexão e debate sobre as formas de habitar.

No entanto, todos confluem na observação da casa enquanto construção que faz parte de um sistema em constante renovação, o que se reflete nas morfologias da habitação unifamiliar ao longo dos tempos. Uma casa que se altera conforme o indivíduo, que se adapta conforme o contexto em que se insere, contribuindo para a heterogeneidade de morfologias habitacionais presentes na paisagem atual, sendo o trabalho do arquiteto algo que virá a ser complementado pelo habitante, e que deve por isso permitir essa apropriação.

6. LEUPEN, Bernard, MOOIJ, Harald, *Housing Design – a manual*. Rotterdam: NAI Publishers, 2011, p.21 “Dwelling takes place as part of a greater whole, in an environment that defines the experience of dwelling at varying levels. While the dwelling – the place – effects a separation between inside and outside, dwelling – the phenomenon – takes place on both sides of this line of separation.”

7. MONTEYS, Xavier, FUENTES, Pere, *Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona: GG, 2001, p.22 “Esto no hace más que ahondar en una concepción de la casa como algo vivo, como algo que responde a las inquietudes y necesidades de sus ocupantes y que, por tanto, cambia a la vez que ellos lo hacen.”

Como visto até aqui, o programa de habitação unifamiliar relaciona-se com o seu futuro habitante como nenhum outro, e por isso, espelha o contexto em que se insere, por espelhar as ambições e desejos desse habitante.

A inter-relação entre contexto e ideia de casa acontece desde sempre: se o contexto se altera, também se altera a ideia de casa. Mecanismo de separação/fronteira entre o corpo e o exterior, instrumento através do qual o indivíduo manipula ou adapta o meio para viver, a casa tem-se transformado cada vez mais em habitação/lugar habitado: de abrigo a espaço de trabalho; de espaço de trabalho a objeto de representação; de objeto de representação a dispositivo interativo.

Desde a casa como abrigo, até à casa como dispositivo interativo dos dias de hoje, é possível identificar quatro componentes constantes: uma ideia de centro, um terreno, uma estrutura e um ou mais habitantes (indivíduos) – a casa vai ser sempre composta por um terreno, onde assenta uma estrutura, que abriga um indivíduo e medeia a sua relação com o meio. Insiste-se na palavra indivíduo pela unicidade que lhe está implícita, com vista a reiterar as caraterísticas únicas de cada habitante.

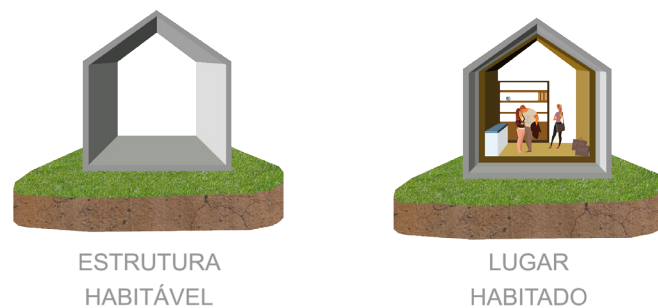
Num primeiro tempo, terreno e estrutura eram definidos pelo indivíduo que habita. Nesta fase havia uma maior liberdade na escolha do terreno, muito devido à inexistência de regulamentação.

Na maioria das vezes era o próprio habitante quem construía a casa, baseando-se na sua própria janela de referências, geralmente reduzida à escala local. Esta casa cumpria a função de abrigo, mas descorava algumas das principais funções que hoje lhe são atribuídas – *a casa é uma estrutura que abriga* (Construção · Tempo · Circunstância I).

Os primeiros avanços tecnológicos que se observam na casa – introduzidos em escala significativa – estão relacionados com a subsistência e atividade económica (agricultura, pecuária) e não com o habitar do indivíduo propriamente dito. Verifica-se a introdução de mecanismos de apoio à agricultura e novos compartimentos especializados aos quais é atribuída uma função concreta, como o curral, a eira ou o aido. A casa transforma-se em meio de subsistência – *a casa é espaço de trabalho* (Construção · Tempo · Circunstância II).

Com a revolução industrial emerge uma sociedade de representação e consumo, consequência da produção em série. Além de propiciar um comportamento colecionista, proporciona também o enriquecimento da classe média, que se irá refletir na construção das suas casas.

Novas infraestruturas de suporte técnico e mudanças a nível estrutural e compositivo, alteram a materialização e a forma da casa, correspondente a uma época de construção pessoal muito vinculada aos bens materiais e à representação – *é uma estrutura que representa* (Construção · Tempo ·



Circunstância III).

Na era da globalização e informação, a casa assume um papel reativo em relação ao meio que a acolhe. De representação, a dispositivo que serve e interage ativamente com o habitante. A casa é agora um instrumento que reage a impulsos e ações, que pressupõe a imprevisibilidade e a mudança constante, e que apoia a capacitação do indivíduo enquanto habitante – é *uma estrutura que interage* (Construção · Tempo · Circunstância IV).

“A partir da “caixa” autista e distante – um ícone abstrato puro – para a “caixa” interativa receptiva à informação que incide sobre ela. Da caixa como um volume geométrico, para a caixa como diagrama tático. Do “objeto” à “interface”. Do movimento “retrátil” para a capacidade “reativa”.”⁸

A ideia de centro é transversal a todas as ideias de casa, correspondentes às circunstâncias aqui assinaladas. Mas, tal como a casa, também a ideia de centro se altera ao longo do tempo, ainda que esteja sempre associada ao agregado familiar e à habitação enquanto meta.

Num primeiro tempo o centro poderia abranger a aldeia/vila e a comunidade em que se inseria a casa: os vizinhos, a família, o forno comunitário, etc., que ao viverem comumente transmitem a sensação de segurança e estabilidade. A transformação da casa em espaço de trabalho relaciona-se com uma nova interpretação de centro, que se retrai à casa e às explorações que lhe estão associadas, bem como a uma subsistência familiar ou de um grupo mais reduzido de pessoas que trabalham em conjunto.

Com a revolução industrial e o abandono da atividade agrícola, ressurge o núcleo familiar restrito. O habitante centra-se na construção da casa à sua imagem - a casa é um meio de comunicação capaz de transmitir à sociedade aspectos do indivíduo que a habita. Há um reconhecido esforço de construção pessoal por parte do habitante na casa, que deve transmitir uma mensagem. Hoje a casa mantém o seu valor de meta, apesar de nos deslocarmos mais frequentemente. No entanto, a este centro parecem associar-se cada vez mais pequenos centros bem como núcleos familiares, de trabalho, de amigos, de famílias de amigos, capazes de nos transmitirem segurança.

Também o facto de ser cada vez mais vulgar cada indivíduo possuir carro próprio, além de permitir a deslocação fácil e rápida entre um centro onde se trabalha ou estuda e um centro onde se descansa, permite que o próprio carro se transforme num pequeno centro móvel. Dependendo da circunstância pode ter associado o valor de meta: como se de um compartimento móvel, integrante da casa, se trata-se. O carro desloca-se connosco, e além de nos transportar, ele oferece suporte às atividades que desenvolvemos no exterior da habitação. Assim, na contemporaneidade pode-se observar a existência,

8. GAUSA, Manuel, SALAZAR, Jaime, *Singular housing: el dominio privado*. Barcelona: GG, 2002, p.7 *“From the autistic and distant “box” - a pure, abstract icon - to the interactive “box” receptive to the information that impinges on it. From the box as a geometric volume to the box as tactical diagram. From “object” to “interface”. From “retractive” movement to “reactive” capacity.”*



de vários pequenos centros, que orbitam em torno do centro, casa ou meta. No desenvolvimento da presente dissertação pretende-se aprofundar estes momentos de construção da casa e da percepção de centro que lhes está associada, com vista a enquadrar as morfologias habitacionais contemporâneas.

Esta reflexão permite compreender à partida a existência de quatro elementos constantes na definição de casa – uma ideia de centro, um terreno, uma estrutura e um indivíduo que habita, presentes no diagrama da página anterior. Permite também perceber que a estrutura habitável é responsável por mediar a relação entre o habitante e o terreno, ou de forma mais abrangente, entre habitante e o meio, sendo que a definição desse meio relaciona-se com a percepção de centro em cada circunstância.

A relação entre uma casa popular rural e o meio em que está inserida, por exemplo, transmite ao habitante a sensação de segurança que se relaciona com a aproximação ao centro – casa – apenas por se encontrar na sua comunidade.

Quando da construção fazem parte os terrenos agrícolas, não estarão esses terrenos incluídos na sua ideia de centro na medida em que transmitem a sensação de “estar em casa”?

Com a revolução industrial o trabalho passa para fora de casa. A população tem, na generalidade, melhor qualidade de vida, o que proporciona a aquisição de mais bens materiais, alimentando o consumo e a cultura ao individual. O centro desloca-se para o indivíduo, e por isso, para o seu reflexo na casa.

Hoje, as circunstâncias sociais, culturais, económicas e políticas permitem a existência de vários pequenos centros que orbitam em torno de um grande centro. Isto é perceptível quer em pequena escala, no que ao indivíduo e à sua casa diz respeito, quer em grande escala, no que a um grupo de indivíduos e às cidades diz respeito.

“Aprofundar uma concepção da casa como algo vivo, como algo que responde às inquietudes e necessidades dos seus ocupantes e que, por isso, muda à medida que os habitantes mudam.”⁹

O diagrama anterior ilustra genericamente esta evolução da percepção da casa e do centro que lhe está associado.

São criadas quatro colunas, que correspondem às quatro circunstâncias aqui descritas, e que se irão aprofundar no decorrer do próximo capítulo. Em comum, todas têm uma ideia de centro à qual se associa um terreno, uma estrutura e um indivíduo.

9. MONTEYS, Xavier, FUENTES, Pere, *Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona: GG, 2001, p.22 “Ahondar en una concepción de la casa como algo vivo, como algo que responde a las inquietudes y necesidades de sus ocupantes y que, por tanto, cambia a la vez que ellos lo hacen.”

Um momento introdutório procura definir uma ideia de casa com base em recursos teóricos (II.1 Casa · Habitante · Construção). A(s) ideia(s) de casa não se demonstra(m) perene(s).

Assim, para empreender um estudo sobre as morfologias da habitação unifamiliar contemporânea em Portugal – tema da dissertação – é fundamental associar a observação da casa a tempos e circunstâncias, e compreender a sua relação para com a circunstância contemporânea - produto de sobreposições e cohabitação de tempos.

Com a consciência dessa sobreposição de tempos (que se traduzem em diversas formas de viver e materializar), procurou-se desconstruir a paisagem atual, apontando reflexos da circunstância social, cultural, política e económica na construção da casa.

Na impossibilidade de definir intervalos de tempo correspondentes às circunstâncias referidas, ilustram-se momentos de transformação da definição de habitar em Portugal, e por isso, de casa.

Esses momentos não são pontuais, pelo contrário, acontecem de forma muito gradual, não fosse a casa uma construção intrinsecamente conectada com a tradição, e simultaneamente, um programa onde surgem com maior facilidade oportunidades de inovação e teste.

Este fenómeno resulta num conjunto heterogéneo de soluções, onde se erguem simultaneamente construções de cariz tradicional ou nostálgico, e construções que se pretendem vanguardistas, bem como intermédios ou mesclas dos dois pontos opostos – experimentação/tradição – que podem adquirir as mais diversas configurações.

Por motivos práticos, apontam-se quatro amplos momentos, correspondentes a recortes temporais que assumem a imprevisibilidade dos acontecimentos a que a construção da casa está sujeita. Estes recortes foram já apontados anteriormente e referem-se à casa enquanto abrigo, à casa enquanto espaço de trabalho, à casa enquanto representação, e à casa enquanto estrutura que interage com o habitante e medeia a sua relação para com o meio (II.2 Contexto(s)).

A cada momento corresponde um tempo, uma construção e uma determinada circunstância social, cultural, política e económica, que será apresentada sucintamente, com vista a enquadrar a construção da habitação unifamiliar na realidade portuguesa.

Compreende-se que, apesar da construção da casa estar sujeita à ação das condições geológicas, geográficas e climáticas, bem como das circunstâncias supra referidas, ela é sempre constituída por um meio, que se relaciona com a estrutura, que por sua vez se relaciona com o habitante.

É a partir dessa definição que se estrutura a observação da habitação

unifamiliar construída entre 2005 e 2015 em território continental português: observa-se várias formulações da relação entre casa e envolvente em que se insere (IIIa Envolvente – Casa); entre estrutura e meio (IIIb Meio – Estrutura); e entre estrutura e habitante (IIIc Estrutura – Habitante).

Evocam-se casos de estudo capazes de ilustrar algumas das possíveis abordagens a estas relações no Portugal de hoje.

Estes casos de estudo, apesar de observados parcialmente no decorrer da dissertação, encontram-se disponíveis em anexo, de forma a proporcionar uma observação paralela que permita a compreensão do todo.

Do cruzamento entre estas observações e a bibliografia surgem temas de projeto que são sintetizados no último capítulo (Para projetar uma casa IV). Esses temas e respetivas formulações são evocados na pretensão de auxiliar o processo de projeto da habitação unifamiliar em Portugal e permitem assinalar intenções comuns, que refletem a realidade atual da casa em Portugal.

Meio · Estrutura · Indivíduo

Casa · Habitante · Construção
Contexto(s)

Todos temos uma ideia de casa. Todos temos uma casa. Até há quem tenha várias casas, e apenas habite uma.

No entanto, não há nenhuma casa igual à minha, nem igual à tua. Tudo porque, a minha casa sem mim, deixa de ser “a minha casa”. E a tua casa sem ti, deixa de ser “a tua casa”.

Não é um qualquer espaço com paredes, chão e teto que nos faz *sentir em casa*. A nossa casa é algo mais, e é esse *algo* que nos transmite o sentimento de estar *em casa*. A nossa cama, o nosso lugar à mesa, a nossa comida, a nossa secretária, as coisas em cima da nossa secretária, a nossa organização ou desorganização. Mas também a nossa rua, a nossa cidade, o nosso país. Tal como a nossa casa está relacionada connosco, toda a casa, para ser casa, está intrinsecamente relacionada com cada um dos seu(s) o(s) habitante(s). E tal como os habitantes estão relacionados com o local, a casa está relacionada com a rua, cidade, país.

*“A habitação é uma casa, mais as pessoas que a habitam, mais os objetos que guarda.”*¹⁰

Essas paredes, chão e teto que referi, são transversais a qualquer ideia de casa: uma casa de alvenaria em Portugal, uma casa de madeira na América do Norte, uma casa em chapa na América do Sul, um iglo nos pólos. Apesar de diferentes, todas correspondem à ideia de abrigo, todas são constituídas por uma estrutura assente num terreno.

Essa estrutura pode tomar inúmeras formas e dimensões, que vão sempre abrigar e relacionar tudo o resto. Esse resto é, de novo, o que nos faz *sentir em casa*. Assim, a estrutura que abriga (o abrigo) está implícita na casa, mas a casa não está implícita nesse abrigo.

Bernard Leupen e Harald Moou, no livro *“Housing design – a manual”*¹¹ afirmam que, uma das primeiras coisas que a casa faz é criar uma divisão entre o mundo exterior incerto e o interior controlado. Desde sempre, o Homem procurou circunscrever um território, definir uma fronteira, no fundo, um qualquer limite material que promova não só o descanso físico, mas também psicológico, através da sensação de controlo sobre uma área – um abrigo / uma estrutura.

Jaime Salazar e Manuel Gausa vêm a casa como um dispositivo de interface com o meio. Ao invés de centrarem a sua interpretação na fronteira entre interior e exterior, refletem sobre a ponte que a casa produz entre o corpo humano e o meio. De separação / fronteira, a conexão / ligação. Segundo estes autores, a casa deve ser um sistema capaz de prolongar e estimular as habilidades do indivíduo, transformando-se cada vez mais em mecanismo de interface entre o usuário e o entorno. Apesar da ideia de estrutura que abriga

10. MONTEYS, Xavier, FUENTES, Pere, *Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona: GG, 2001, p.14
“Sin embargo, una casa es una vivienda más la gente que la habita y los objetos que guarda.”

11. LEUPEN, Bernard; MOOIJ, Harald, *Housing Design – a manual*. Rotterdam: NAI Publishers, 2011,

se manter, essa estrutura deve ser: refúgio frente ao contexto, templo face ao mundo, e simultaneamente conector.¹² Ao criar uma divisão entre interior e exterior a casa está, automaticamente, a mediar a relação entre o habitante e o meio, ou seja, a conectar ou desconectar o habitante e o meio que o rodeia. A relação entre habitante e meio pode ser mais ou menos franca ou direta. O nível de interação entre habitante e meio vai depender da definição da estrutura e do que ela permite, como podemos observar no ponto seguinte da presente dissertação. Assim, a estrutura que abriga relaciona-se com o meio e com o habitante simultaneamente, na ordem: meio – estrutura – habitante. É a estrutura que medeia a relação entre o habitante e o meio. Sem qualquer um destes três componentes não existe casa. Uma casa existe inevitavelmente inserida num meio ao qual reage, o que garante que a relação meio/estrutura exista sempre. Por outro lado, uma estrutura conectada com o meio, que no entanto, não é habitada, continua a não ser uma casa.

“(…) *a primeira questão que necessitamos endereçar é o que é uma casa. O que transforma uma casa em casa?*”¹³

É a conexão com quem habita a estrutura, que transforma o abrigo em espaço doméstico.

“(…) *um lugar, uma casa, só se transforma em habitação quando é habitada. Ocupantes, não designers, transformam a casa em habitação, simplesmente por viverem – habitarem – ali.*”¹⁴

A ação transformadora de habitar é algo mais do que circunscrever, desenhar e erguer um espaço. Segundo Martin Heidegger, habitar implica a criação de um lugar. Também Leupen e Harald Moou, afirmam que habitar significa construir um lugar, e enfatizam o caráter contínuo ou constante dessa construção. Na estrutura habitada está implícita uma construção continuada por parte do habitante. Essa construção de lugar acontece pela acumulação de bens através dos quais o indivíduo molda o espaço, e pelas deslocações no espaço que quando repetidas ao longo do tempo são associadas a hábitos.

“*Quanto mais tempo passamos nele, o mundo interior torna-se maior; atribuímos-lhe mais importância; a casa torna-se não só um abrigo, mas um espaço de residência. O espaço é adaptado e organizado para servir essa residência: o mundo interior adquire mais e mais importância.*”¹⁵

12. GAUSA, Manuel, “CASA-CAJA”, in GAUSA, Manuel, SALAZAR, Jaime, *Singular housing: el dominio privado*. Barcelona: GG, 2002

13. LEUPEN, Bernard, MOOIJ, Harald, *Housing Design – a manual*. Rotterdam: NAI Publishers, 2011, p.15. “(...)the first question we need to address is just what a dwelling is. What is it that makes a dwelling a dwelling?”

14. LEUPEN, Bernard, MOOIJ, Harald, *Housing Design – a manual*. Rotterdam: NAI Publishers, 2011, p.18. “(...) a place, a house, only becomes a dwelling once it is lived in. Occupants, not designers, make the house a dwelling, a home, simply by living – dwelling – there.”

15. LEUPEN, Bernard, MOOIJ, Harald, *Housing Design – a manual*. Rotterdam: NAI Publishers, 2011, p.18. “As we spend more time in it, this inner world becomes larger; we attach greater importance to it; the dwelling becomes not just a shelter but a place of residence. Its space is adapted and arranged to serve this residence: the inner world acquires more and more significance.”

Quem já mudou pelo menos uma vez de habitação, já experimentou a sensação de estranheza que nos primeiros dias ou semanas, não nos permite sentir verdadeiramente em casa. À medida que desenvolvemos as nossas tarefas habituais adaptamos – inevitavelmente e, em parte, inconscientemente – a casa à nossa forma de viver.

Colocamos os objetos nos lugares que nos parecem mais apropriados, reposicionamos algum do mobiliário, desarrumamos a almofada do sofá, enchemos o lixo... Ao desenvolver estas e tantas outras ações construímos cada vez mais a casa. Esse lugar construído é o lugar do hábito – importante mecanismo da construção de lugar. À medida que o reflexo do hábito se imprime na casa, ela corresponde mais e melhor ao(s) indivíduo(s) que acolhe, o seu universo expande-se: a casa é cada vez mais casa. Através do desenvolvimento de hábitos no interior da estrutura, e pela adaptação dessa estrutura aos mesmos, a minha casa é cada vez mais a minha casa, a tua casa é cada vez mais a tua casa. Ela reflete o individuo por permitir a apropriação por parte do mesmo.

Se o hábito constrói e se por hábito entendemos algo que repetimos continuamente, uma rotina que acontece já de forma pouco pensada, também a construção de lugar acontece naturalmente e, em grande parte, de forma inconsciente. A casa espelha naturalmente os hábitos do(s) habitante(s). Temos tendência a moldá-la a eles: quem recebe muitos amigos em casa, tem tendência a ter a casa preparada para que tais reuniões possam acontecer – dispõe de uma grande mesa de jantar ou de algum tipo de solução extensível. Contudo, alguém que viva sozinho e raramente receba visitas, pode fazer as suas refeições sentado nos bancos altos de um balcão de cozinha. Essa construção está implícita no nosso ser – as pessoas são porque habitam.¹⁶ O homem é um animal que, além de se refugiar, também constrói uma casa para si,¹⁷ está na sua natureza, como exemplifica Xavier Monteys numa analogia ao jogo infantil:

“*O ‘jogo da caverna’ revela, de certa maneira, que a construção da casa está enraizada no ser humano desde a infância e, se não fosse através da ação do arquiteto, prosseguia o seu aperfeiçoamento até construir a casa de um homem adulto.*”¹⁸

Na perspectiva de Bernard Leupen e Harald Moou construir continuamente um lugar¹⁹ é uma arte de auto-expressão – *sou, logo habito, logo construo* – ainda que, na maior parte das vezes, essa construção/auto-expressão ocorra dentro de uma estrutura pensada por terceiros. Em Casa Collage, é utilizado o exemplo da *La casa de la vida*²⁰ de Mario

16. LEUPEN, Bernard, MOOIJ, Harald, *Housing Design – a manual*. Rotterdam: NAI Publishers, 2011, p.19. “In this, based on its root meaning, he imparts dwelling with an existential dimension as well: people are because they dwell (...)”

17. MONTEYS, Xavier, FUENTES, Pere, *Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona: GG, 2001, p.28 “(...) Rasmussen parece decirnos que el hombre es un animal que, no sólo se refugia, sino que se hace una casa.”

18. MONTEYS, Xavier, FUENTES, Pere, *Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona: GG, 2001, p.28 “El ‘juego de la cueva’ revela, en cierto modo, que la construcción de la casa está arraigada en el ser humano desde la infancia y, de no ser por la acción del arquitecto, proseguiría su perfeccionamiento hasta construir la casa de un hombre adulto.”

19. LEUPEN, Bernard, MOOIJ, Harald, *Housing Design – a manual*. Rotterdam: NAI Publishers, 2011, p.18

20. PRAZ, Mario, “La casa de la vida”, Alfons el Magnànim, Valencia, 1995 in *Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona: GG, 2001, p.22.

Praz, para ilustrar a exaustiva e continua construção de lugar por parte do usuário. Com este exemplo, fica explícito que é no processo de construção, mais do que no resultado final, que reside a definição de habitar. Xavier Monteys apresenta-nos Mario Praz, um colecionador aficionado por acumular móveis e objetos, cuja casa se transforma em museu logo após a sua morte – deixa de estar habitada. Este exemplo ilustra a casa enquanto construção continuamente inacabada. Após a sua conclusão a casa deixa de ser habitação. À construção inconsciente de lugar que aqui descrevemos como ferramenta de criação da casa, está associada uma ideia de centro. O indivíduo constrói um lugar, habita um lugar, porque tem a necessidade de se refugiar, de se resguardar, isolar, e tudo isto acontece num único lugar – o centro de cada um. Este centro é um lugar ao qual regressar, um centro de órbita, uma meta. O interior controlado é esse ponto central necessário: o lugar a que regressamos ao fim de um dia de trabalho ou uma semana de férias. Apesar de habitar-mos dentro e fora de casa, o regresso é um pressuposto contido na expressão “fora de casa”. É apenas pela existência do centro no interior da estrutura, que faz sentido falar de um exterior incerto. Ligado à criação do fogo, onde durante muito tempo se reunia a família e se preparavam as refeições, o centro é o ponto de referencia das deslocações do indivíduo.

*“Nenhum outro espaço além da casa tem o valor de meta, refúgio, descanso definitivo. (...) por isso é o polo, o centro, de todo o território no qual se move o indivíduo, e de forma subordinada, do sistema de lugares em que o ser humano desenvolve a sua atividade quotidiana.”*²¹

Esse centro, a casa, é então o resultado da junção do meio, mais a estrutura, mais o habitante – e a construção que o espelha no interior dessa estrutura. Esse habitante somos cada um de nós, cada indivíduo, cada identidade, na sua singularidade. Por isso, a casa (cada casa) será também sempre singular, única.

É a fronteira entre interior e exterior que dá liberdade ao habitante para se refletir livremente, para se auto-expressar. O envelope protetor, essa estrutura que delimita, é o ponto de partida para as liberdades do mundo exterior.²²

*“Desligar o mundo exterior torna possível criar nosso próprio ambiente – um habitat autónomo cujos ocupantes moldam de acordo com as suas próprias vidas como acharem conveniente. Quanto mais consciente e explicitamente fazem isso, mais “habitada” a casa se torna.”*²³

Apesar de, como referido anteriormente, a relação entre estrutura e meio poder ser mais ou menos franca ou direta, compreende-se que ela

deve garantir um nível mínimo de privacidade, capaz de proporcionar ao habitante a liberdade necessária à auto-expressão, longe dos julgamentos e preconceções da sociedade. Essa relação pode até ser flexível – uma porta que fecha e abre – desde que possibilite sempre, de uma maneira ou de outra, esse isolamento.

*“A coisa principal da casa é a porta, mais do que a janela porque não tem peitoril: só um degrau de poucos centímetros para o mundo ou para fugir ao mundo (sempre se pode fechar a porta ou não a abrir ou escancarar as folhas da porta). (...) A casa é o eu de cada um.”*²⁴

Ao afirmar que a casa é o eu de cada um, Álvaro Siza enfatiza a revelação da intimidade por parte do habitante no interior da sua casa, espaço onde é capaz de se expressar e refletir livremente. Contudo, além de permitir esse reflexo, a casa deve adaptar-se à continua evolução do seu habitante, pois este, enquanto indivíduo, está em constante atualização. Existe uma quantidade indeterminada de fatores que condiciona a sua identidade: a cultura, as crenças religiosas, a sociedade em que se insere, o país onde cresceu, os países que visitou, as pessoas que conheceu, os países que habitou. A identidade individual também deve ser vista como uma construção constantemente inacabada, que acontece ao longo da vida. A atualização dessa identidade e o seu reflexo na casa representa para Heidegger a verdadeira essência do habitar.²⁵

*“A nossa ideia de casa é definida pelo nosso quadro de referência individual.”*²⁶
*“Diferentes mundos com diferentes contextos culturais, que resultam em distintas expectativas em termos de organização da casa.”*²⁷

A atualização do indivíduo depende das vivências do mesmo – desses fatores que condicionam a sua identidade – esses fatores ou vivências, são influenciadas e influenciam os hábitos de cada ser humano. A formalização das vivências na casa acontece diretamente através dos objetos e das memórias que lhes estão associadas ou, de forma menos óbvia, através das funções atribuídas a um espaço, ou das relações entre os vários espaços. As funções que a casa acolhe, ou seja, quais atividades são desenvolvidas no interior ou no exterior da casa, são definidas pelo referencial do indivíduo, que depende das suas vivências.

“De fato, a maneira como a casa é moldada, bem como as relações entre a habitação e outras atividades sociais, está significativamente ligada à cultura. As condições climáticas locais, os padrões de comportamento social,

24. SIZA, Álvaro, “A casa”, texto 129, in *01 Textos*. Porto: Civilização ed., 2009, p.349

25. LEUPEN, Bernard, MOOIJ, Harald, *Housing Design – a manual*. Rotterdam: NAI Publishers, 2011, p.18

26. LEUPEN, Bernard, MOOIJ, Harald, *Housing Design – a manual*. Rotterdam: NAI Publishers, 2011, p.15
“Our idea of a dwelling is defined by our individual frame of reference.”

27. LEUPEN, Bernard, MOOIJ, Harald, *Housing Design – a manual*. Rotterdam: NAI Publishers, 2011, p.15
“Different worlds with different cultural backgrounds, which have resulted in different expectations in terms of the organization of housing.”



CASA

A definição de casa está em constante atualização. Aqui se ilustram os pontos que pertencem permanentemente ao universo no qual se move a sua definição.

A casa será sempre um lugar habitado, e por lugar habitado compreende-se a permanente construção por parte do seu habitante, ao qual é atribuído o **valor de meta**. Este lugar é composto por três ou mais elementos físicos: **um meio, uma estrutura e um indivíduo**.

O **meio** é o terreno onde a casa será construída. Ele indica a localização da casa e essa localização define o clima, o tipo de solo, a fauna e flora existentes no terreno, bem como as acessibilidades do mesmo em relação a uma rede de conexões.

A **estrutura** são as paredes, chão, teto, a porta, e todas as infraestruturas que podem ou não lhe estar associadas. A estrutura torna-se cada vez mais complexa.

O **indivíduo** é o habitante e os seus desejos, hábitos, cultura, crenças e vivências próprias e únicas, que se vão refletir na casa, através do hábito.

“Mas projetar para um contexto particular também depende de outros fatores locais: o clima, bem como o contexto político e cultural.”
“O desenho de um novo projeto de habitação deve considerar a sua localização em relação à rede urbana.”

“Os espaços que desenha o arquiteto são os bastidores, dessa “obra” que cada um quer representar dentro da sua casa;”

“(…)um lugar, uma casa, só se torna uma habitação uma vez que está habitada. Os ocupantes, e não os designers, fazem da casa uma habitação, uma casa, simplesmente por viverem - habitarem - ali”.

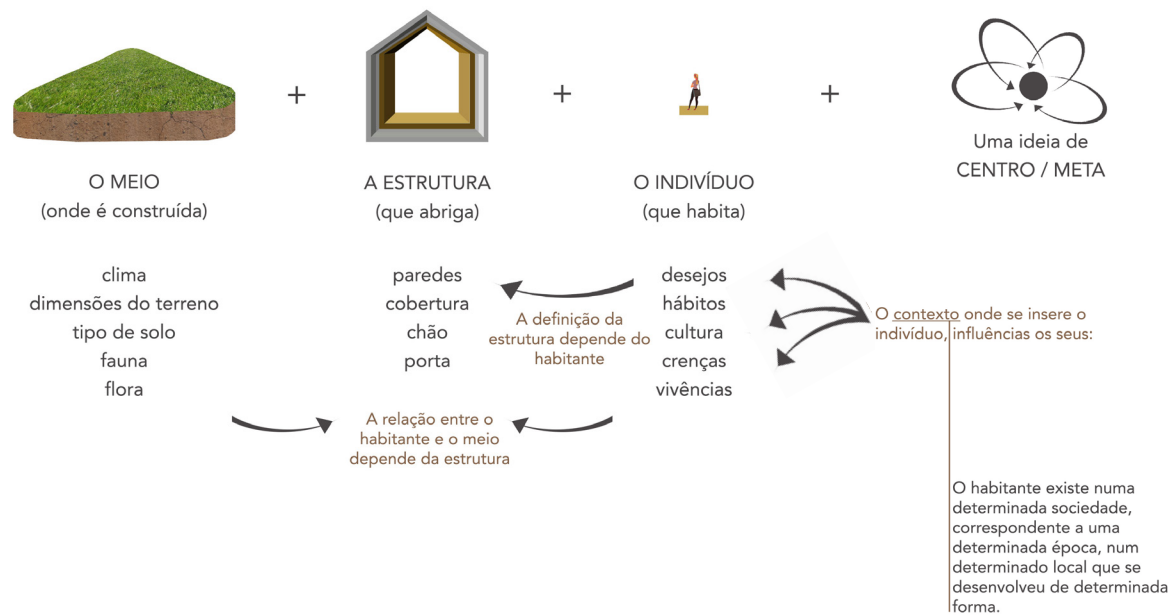
“Para o habitante o centro do seu ambiente é a sua própria habitação; ele chama-lhe casa.”

LEUPEN, Bernard; MOOIJ, Harald, Housing Design – a manual, NAI Publishers: Rotterdam, 2011, p.333.

MONTEYS, Xavier; Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa. Barcelona: GG, 2001; p.22.

LEUPEN, Bernard; MOOIJ, Harald, Housing Design – a manual, NAI Publishers: Rotterdam, 2011, p.18.

DOOREN, Jon van, At House, in Dwelling as a figure of thought, Amsterdão: Sun Publishers, 2005, p.21



as tradições, a religião e os interesses económicos determinam em grande medida as atividades que se realizam em ambos os lados da fronteira entre o interior e o exterior.”²⁸

Apesar da estrutura que abriga ser um elemento contínuo e de existirem atividades que desde sempre foram associadas à casa – como o espaço do fogo, a cozinha – a configuração espacial dessas atividades altera-se consoante a época em que foi construída, traduzindo-se geralmente numa maior ou menor especialização das peças que constituem a casa. Por sua vez, o habitante e os respetivos bens são sempre variáveis, em constante relação à época e à sociedade em que se inserem.

No entanto, se a cultura, as crenças religiosas, a sociedade em que se insere, bem como a geografia local, estão relacionados com a identidade do habitante, é provável que dois habitantes crescidos numa mesma cidade, com a mesma religião predominante e a mesma base cultural, adotem uma forma de habitar semelhante. É também provável que, numa sociedade mais fechada ao mundo, as formas de viver se assemelhem mais entre si, e que, por outro lado, numa circunstancia social aberta ao mundo e às suas influências externas, surjam novas formas de habitar que se distanciam entre si.

“A habitação está sujeita a um processo contínuo de evolução, mesmo que uma série de constantes permaneçam aplicáveis.”²⁹

A estrutura faz a ponte entre o meio e o habitante, refletindo ambos. Sendo que o habitante reflete as circunstancias sociais, culturais, económicas em que está inserido na forma como constrói a sua estrutura. Por isso, não é possível compreender a casa sem primeiro compreender as circunstancias a que vai estando associada ao longo do tempo.

Assim, toda a definição de casa dependerá primeiro do individuo, pela época e local onde está inserido e onde pretende construir, bem como pelas as vivências que se relacionam diretamente com a sua personalidade, responsável por definir o hábito, que por sua vez, define em grande parte o lugar que constrói.

Se a habitação é o lugar onde o ser humano vive. E esse ser humano – indivíduo – está em constante atualização, também a casa estará sempre em constante redefinição.

28. LEUPEN, Bernard, MOOIJ, Harald, Housing Design – a manual. Rotterdam: NAI Publishers, 2011, p.23

“In fact, the way the house is shaped, as well as the relationships between housing and other social activities, is significantly linked to culture. Local climatic conditions, patterns of social behavior, traditions, religion, and economic interests largely determine the activities that take place on both sides of the boundary between the interior and the exterior.”

29. LEUPEN, Bernard, MOOIJ, Harald, Housing Design – a manual. Rotterdam: NAI Publishers, 2011, p.29

“Dwelling is subject to a continuous process of evolution, even as a number of constants remain applicable.”

*“Vivemos numa casa, mas não apenas nela. Também vivemos na rua, numa aldeia ou numa cidade, nos bosques, no campo, nas montanhas ou perto do mar; Numa província, num país, num continente e na Terra; Num subúrbio ou no centro da cidade, perto da autoestrada, ao lado de um centro comercial e perto de amigos. A habitação ocorre como parte de um todo, num ambiente que define a experiência de habitar em diferentes níveis.”*³⁰

Como exposto anteriormente, o lugar que o habitante constrói, ou seja, a sua definição de casa, varia de acordo com o contexto onde se insere o próprio individuo. Época, sociedade, cultura, país, local, são partes desse contexto, ou seja, desse meio onde se irá inserir a nova estrutura habitável. O habitante existe numa determinada época (circunstância temporal, social, política, cultural e económica), num determinado local (condições geológicas, geográficas e climáticas), organizado de determinada forma (circunstância urbana). Prefere-se a palavra circunstância pelo caráter momentâneo que acarreta, sendo que momentânea é também a definição do contexto. O conjunto de circunstâncias e condições que aqui descrevemos como constituintes do contexto – temporais, sociais, físicas e urbanas – têm em comum a mudança permanente. Já aqui foi referido que esta condição de constante mutação do contexto se relaciona com uma consequente alteração do habitante, ou seja, uma constante atualização da sua identidade. Ao se alterar o habitante, também a relação habitante/estrutura e a relação estrutura/meio se modifica.

No entanto, esta mudança além de permanente é também muito gradual. Ela acontece por sobreposição de fatores, pelo que a sua apreensão se torna um exercício cada vez mais complexo, quantas mais camadas lhe são adicionadas. O contexto é esse todo do qual a casa irá fazer parte, um conjunto de circunstâncias e condições que contribuem e participam do processo de projeto. Vai além de um item figurativo, e é constituído por camadas cada vez mais densas de informação, sendo que hoje podem até ser consideradas camadas virtuais ou globais.

*“E é da acção conjunta e da interacção destas várias ordens de factores, diversamente hierarquizados conforme os casos, que derivam os tipos, as formas e os estilos peculiares das casas das diferentes regiões.”*³¹

Se se alteram as circunstancias, também se altera o contexto. Alterando-se o contexto, altera-se o habitante. Se o habitante se modifica, a ideia de casa que lhe está associada também se modificará e, por isso, a forma como a estrutura se relaciona com o meio também se altera. Estas relações são intrínsecas à construção da casa que, por isso, revela as

circunstâncias em que foi construída. Compreender o contexto como uma composição em constante construção permite clarificar e aceitar que um olhar taxativo sobre a habitação unifamiliar será sempre limitador, quer cronológica como tipologicamente.

*“Estes diferentes ambientes habitacionais foram construídos em diferentes momentos, segundo diferentes noções sobre as necessidades dos residentes e a organização das actividades na cidade - e às vezes sem nenhuma noção específica.”*³²

O contexto é, cada vez mais, resultado de um sistema compósito produzido por realidades acumuladas que se transformam continuamente. Contexto que Manuel Gausa descreve como uma *“acumulação de múltiplos estados: realidades, ações e experiências simultâneas.”*³³ Assim, para compreender a casa de hoje, procura-se compreender as camadas que sobrepostas constituem o contexto atual, coabitando na paisagem. Não é possível identificar uma correspondência direta entre uma camada específica e um intervalo de tempo ou época, o que dificulta a identificação e definição de cada ‘camada’ no território presente. No entanto, é possível encontrar, na mescla que constitui a paisagem atual, recortes capazes de ilustrar momentos de transformação da ideia de habitar, e é a partir deles que aqui se constrói uma imagem da paisagem atual.

É através destes momentos que se experimenta aqui o apontamento de camadas construídas, com o único objetivo de compreender a pluralidade que constitui o contexto atual. Um exemplo capaz de ilustrar este processo são os castros, que apesar de ainda existirem no território atual, foram há muito desprovidos da sua função. Contudo, apesar de corresponderem a uma época, a um tempo, ou seja, a uma ‘camada’ que constitui paisagem, não é possível datar com precisão o momento em que estas estruturas deixaram de ser habitadas.

Tal como o habitante dos castros, o Homem de cada época deixou o testemunho do seu modo de vida na estrutura que habitou, e isso torna possível observar a evolução dos modos de habitar e apontar em direção ao futuro próximo. É através das construções das várias épocas existentes na paisagem, e da sua relação com as diversas circunstancias em que se inseriam, que é possível anotar recortes temporais que ajudam à compreensão da construção da habitação unifamiliar. Ou seja, para compreender o contexto atual, é necessário compreender os vários tempos que o compõem e as circunstâncias que lhes estão associadas, exercício que se desenvolve nos pontos seguintes.

30. LEUPEN, Bernard; MOOIJ, Harald, *Housing Design – a manual*. Rotterdam: NAI Publishers, 2011, p.21

“We live in a dwelling, but not just there. We also live in a street, in a village or in a city, in the woods, in the countryside, in the mountains or by the sea; in a province, a country, on a continent and on Earth; in a suburb or a city centre, near the ring road, next to a shopping centre and close to friends. Dwelling takes place as part of a greater whole, in an environment that defines the experience of dwelling at varying levels.”

31. OLIVEIRA, Ernesto de Veiga; GALHANO, Fernando; *Portugal de perto: Arquitectura tradicional portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p.15

32. LEUPEN, Bernard; MOOIJ, Harald, *Housing Design – a manual*. Rotterdam: NAI Publishers, 2011, p.23

“These differing housing environments were built at different times, according to different notions about the needs of residents and the organization of activities in the city – and sometimes without any specific notions at all.”

33. GAUSA, Manuel, *Housing, Nuevas alternativas, nuevos sistemas*. Barcelona: GG, 2002, p.43

As condições geológicas, geográficas e climáticas, dependem dos limites e localização do terreno onde se construiu ou pretende construir. Sendo que a presente dissertação se foca na habitação unifamiliar construída em Portugal continental, torna-se pertinente uma breve anotação sobre as condições geológicas, geográficas e climáticas gerais do País. Também porque, numa observação geral à grande escala, de carácter introdutório, como a que aqui se empreende, as condições geológicas, geográficas e climáticas são, de todos os componentes que constituem o contexto, as que sofrem alterações menos abruptas.

Ponta mais ocidental da Europa, característica que lhe confere uma intonação um tanto periférica, “o território português abre-se para o mundo por uma vasta fachada oceânica”.³⁴

Centros de cidade densos, periferias desenhadas, aglomerações dispersas, aldeias isoladas: um país que se desenvolveu a dois tempos, onde é possível encontrar pequenas povoações envelhecidas e áreas sobrepovoadas e diversas. Cidades que crescem para fora dos seus limites, que deixam de ser definidos, e onde crescem também os serviços disponíveis, as multinacionais, e a vertente turística.

Cortado por diversos cursos de água, com uma cultura aberta ao mundo e um território voltado ao mar, pode-se, em traços largos, anotar duas grandes regiões em Portugal: o Norte e o Sul³⁵. O contraste entre elas é visível, apesar de não ser linear.

No Norte do País, de altos relevos e litorais abertos³⁶, abundam os solos graníticos e xistosos, e os pinheiros bravos.

No Sul de influência mediterrânea com vastas planícies amareladas, onde são comuns os pinheiros mansos, “desconhece-se o granito e é raro o xisto, onde escasseiam os afloramentos de rocha mas abundam os terrenos argilosos. Aqui utilizam-se calcários moles e friáveis, mármore e materiais dóceis.”³⁷

A zona centro parece mesclar e dissolver os contrastes entre o Norte e o Sul. Área de transição, onde o cultivo do milho, típico do Norte, se mistura com o cultivo do trigo, de carácter mais mediterrâneo,³⁸ torna-se particularmente interessante pelas construções de carácter regional que aqui surgem.

Além da bipolaridade Norte/Sul, existe um outro contraste flagrante, que já havia sido descrito em 1945 pelo geógrafo Orlando Ribeiro: o contraste entre Litoral e Interior.

Este contraste prende-se sobretudo com a ocupação do território. Com os dois principais pólos urbanos no litoral – Lisboa e Porto – assiste-se à desertificação do interior do país, da qual a casa é testemunha.

Dois tempos de desenvolvimento diferentes mas simultâneos. Um interior mais lento no que à adoção da tecnologia diz respeito, no qual ainda



3 - Paisagem característica do Norte, acidentada, onde predominam o granito e os pinheiros bravos.



4 - Alvenaria de granito



5 - Alvenaria mista de granito e xisto



6 - Paisagem característica do Sul, menos acidentada, onde predominam o barro e os pinheiros mansos.



7 - Alvenaria em tijolo de adobe.



8 - Alvenaria em técnica mista com tijolo de adobe e taipa de pilão.

34. RIBEIRO, Orlando. *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1991, p.132

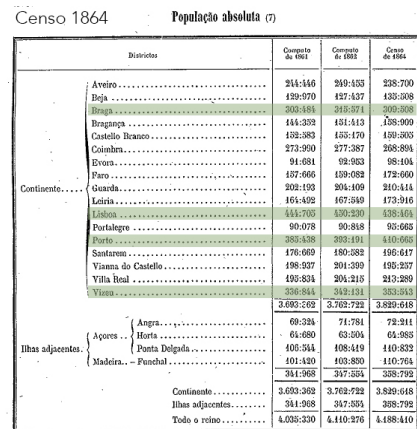
35. OLIVEIRA, Ernesto de Veiga; GALHANO, Fernando; *Portugal de perto: Arquitectura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000.

36. Associação dos Arquitectos Portugueses. *Arquitetura Popular em Portugal*. 4ª Edição, Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004, p. XXI

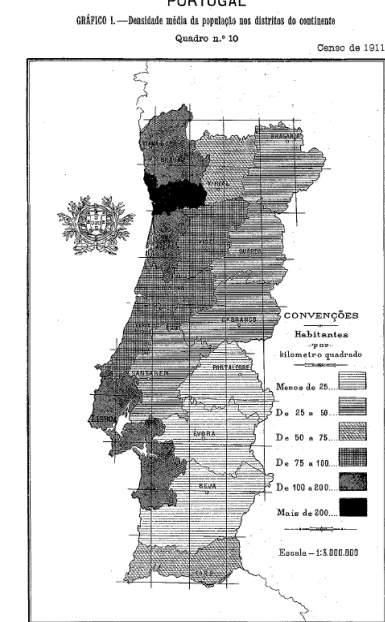
37. OLIVEIRA, Ernesto de Veiga; GALHANO, Fernando; *Portugal de perto: Arquitectura tradicional portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p.151

38. RIBEIRO, Orlando. *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1991, p.39

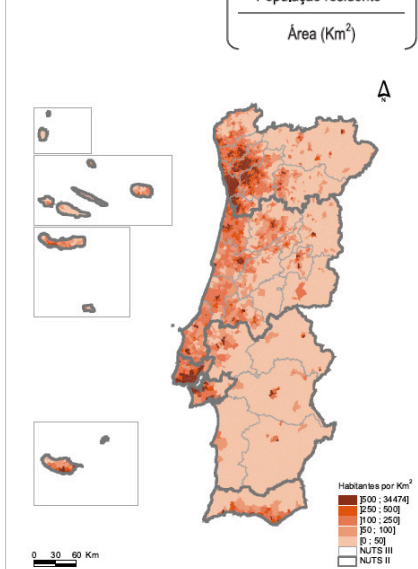
Censo 1864



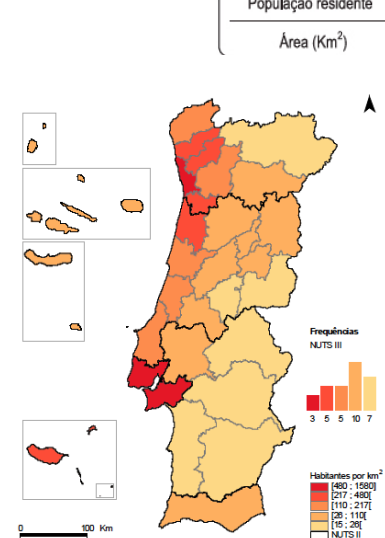
Censo 1911



Censo 2001



Censo 2011



encontrarmos povoados onde prevalecem casas populares rurais construídas pelo proprietário, apesar de na maioria das vezes existir já uma mistura com materiais generalizados, resultado de atualizações feitas ao longo dos anos. E um litoral em constante renovação, cheio de gente, onde chegam primeiro todas as inovações tecnológicas e que tem sido palco de uma exploração turística sem precedentes em Portugal.

Hoje, várias medidas foram adotadas no sentido de inverter a tendência de fixação no litoral. No entanto, atualmente “quatro quintos da população vive a menos de 50km da linha de costa, deixando atrás de si um território vazio de gente e de atividades, sendo esta uma das mais importantes características do povoamento moderno de Portugal.”³⁹ Fernando Távora refere-se a esta tendência como um “fenómeno de desintegração do território português [que] começa a partir do séc. XVIII.”⁴⁰

Num debate organizado pela televisão pública RTP1⁴¹, Helena Freitas⁴² afirma que: “A manter-se a tendência, em 2040 mais de 80% da população portuguesa estará concentrada no litoral. O interior terá perdido mais de 157 mil pessoas.” “Nem investimentos nem incentivos têm conseguido inverter um país a cair para o mar.”⁴³

Apesar das medidas tomadas para esbater este contraste, ele continua a ser uma característica vincada no habitar em Portugal. Enquanto outros contrastes são diluídos pela era contemporânea da informação e interatividade – como o contraste Norte/ Sul – o contraste entre interior e litoral continua a intensificar-se.

A esta descrição genérica dos contrastes geológicos e geográficos, estão associadas circunstâncias sociais, culturais, económicas e urbanas, que se traduzem em diferentes relações estrutura / meio. Assim, as habitações podem refletir de uma forma mais ou menos direta a realidade geográfica, climática e geológica aqui exposta.

*"Não é porém unicamente na dimensão espacial, no meio físico e a sua variabilidade, e na diversidade dos seus elementos, nem mesmo nesse ajustamento funcional ao género de economia de uma dada região, daquelas decorrente, que se encontram os factores explicativos da totalidade dos caracteres próprios da casa popular dessa região: a casa é acima de tudo um produto do Homem, um facto de cultura, e será no próprio Homem nas leis da sua criação cultural que se devem procurar a razão de ser e a explicação decisivas da casa que é a sua obra — a história e "correntes de civilização", movimentos de difusão e influências, componentes sociais e conceitos de família, status económico e profissional, tradição e traços de psicologia de grupo e gosto pessoal, etc. respeitantes a essa mesma região."*⁴⁴

39. Atlas Santa Maria da Feira. “35 Anos de Caminho, da democracia à união europeia. De 1974 a 2009 - um percurso de mudança e excelência” Santa Maria da Feira: Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, 2010, p.63

40. TÁVORA, Fernando. *Da Organização do espaço*. Porto: Faup publicações, 1996.

41. Pros e Contrás – Edição especial povoamento. Conduzido por Carlos Daniel. Vila Real: 20 de Fevereiro de 2017. Disponível em: <http://www.rtp.pt/play/p3246/edicao-especial-despovoamento> [Acedido em: 1 de Março de 2017]

42. Presidente da Unidade de Missão para a Valorização do Interior

43. CADETE, Patrícia. *Desertificação do interior vem de trás e projecta-se no futuro*. 20 de Fevereiro de 2017, 20:47h. Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/pais/desertificacao-do-interior-vem-de-tras-e-projecta-se-no-futuro_v984262 [Acedido em 1 de Março de 2017].

44. OLIVEIRA, Ernesto de Veiga; GALHANO, Fernando; *Portugal de perto: Arquitectura tradicional portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p.14

[II]	Meio · Estrutura · Indivíduo
2.2	Contexto(s)
2.2.2	Das circunstâncias

“A casa está implicitamente contida num contexto social, na sociedade humana.”⁴⁵

As circunstancias sociais, culturais, políticas e económicas revelam as principais características do habitante de cada época, e por isso, da casa que constrói, estando intrinsecamente ligadas à interpretação de todas condicionantes que possam intervir ativamente no projeto. A casa é a síntese por excelência das condições sociais do sujeito. A cada realidade social, cultural e económica corresponde uma época distinta, que se reflete na generalidade das habitações, ainda que de forma pouco linear.

Como referido anteriormente, não é possível definir intervalos de tempo fechados e designar-lhes ou atribuir-lhes uma época correspondente a um tipo de construção (não é possível, por exemplo, datar com precisão o momento em que se extingue a construção da casa rural tradicional e se inicia a adoção de novas tipologias). O universo da habitação unifamiliar altera-se de forma lenta e gradual sobretudo porque, ao ser uma tipologia naturalmente propícia a experimentos e inovações, está simultaneamente vinculada ao hábito e à tradição. Ainda assim, é possível identificar no território diferentes tempos de construção da casa, através de um enquadramento que revele genericamente as circunstancias correspondentes às obras que compõem a realidade atual. Por motivos práticos, ensaia-se a evolução da casa em quatro tempos, que se definem pelo reflexo das circunstâncias sociais, culturais e económicas em que estão inseridos – como se experimenta de seguida neste ponto – mas também por a eles corresponderem morfologias identificáveis. Estes quatro momentos assumem a imprevisibilidade dos acontecimentos a que a construção da casa está sujeita e corresponde-lhes um tempo, uma construção e uma determinada circunstancia social, cultural, política e económica, que será apresentada de seguida, com vista a enquadrar a construção da habitação unifamiliar na realidade portuguesa.

45. LEUPEN, Bernard; MOOIJ, Harald, *Housing Design – a manual*. Rotterdam: NAI Publishers, 2011, p.21 “Dwelling is implicitly contained in a social context, in a human society.”

46. LEUPEN, Bernard, MOOIJ, Harald, *Housing Design – a manual*. Rotterdam: NAI Publishers, 2011, p.18. *“One of the first things aa dwelling does, therefore, is create a division between a controllable world inside anda n uncertain world outside.”*

47. Expressão que designa casa térrea e pequena, que se reduz a um simples compartimento quadrangular. OLIVEIRA, Ernesto de Veiga, GALHANO, Fernando, *Portugal de perto: Arquitectura tradicional portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p.23.

48. OLIVEIRA, Ernesto de Veiga; GALHANO, Fernando, *Portugal de perto: Arquitectura tradicional portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000.

49. OLIVEIRA, Ernesto de Veiga, GALHANO, Fernando, *Portugal de perto: Arquitectura tradicional portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p.21.

50. OLIVEIRA, Ernesto de Veiga, GALHANO, Fernando, *Portugal de perto: Arquitectura tradicional portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p.23.

Construção · Tempo · Circunstância I

Casa como abrigo

*“Uma das primeiras coisas que a casa faz, portanto, é criar uma divisão entre o mundo controlável interior e o mundo incerto exterior.”*⁴⁶

Tal como afirma Bernard Leupen supracitado, a primeira coisa que a casa faz é criar um abrigo. Em Portugal, a tipologia que ainda pertence ativamente ao contexto, no sentido em que ainda é habitada, mais próxima do que aqui consideramos ser a casa como abrigo (ou antes, só como abrigo) é a casa elementar.⁴⁷

Com apenas uma divisão de pequenas dimensões, de planta quadrada ou retangular, estas construções serviam para pouco mais do que abrigar o seu habitante das intempéries, constituídas por um espaço único e polivalente, onde dormiam, trabalhavam, conviviam e cozinhavam várias pessoas em simultâneo.

Esta primeira tipologia revela um país pobre, isolado em relação ao mundo, onde a principal atividade económica era a agricultura, e onde, por falta de recursos, se construía com os materiais disponíveis no local.

A construção destes abrigos era responsabilidade do povo, e considera-se um produto imediato das relações do Homem com o meio natural que o rodeia⁴⁸, refletindo-o. Construídas na base do conhecimento popular, proveniente de repetidas experiências de adaptação ao meio geográfico, espelham o território onde estão inseridas através da utilização dos materiais locais e adaptação a peculiaridades climáticas ou culturais. Apresentam uma relação direta entre terreno, materiais de construção e casa, que, mais do que uma opção, é uma necessidade. Como sintetizado por Ernesto Oliveira e Fernando Galhano, *“de um modo geral, onde há pedra constrói-se em pedra, e onde ela falta constrói-se em terra, adobo ou tijolo, ou em madeira e outros materiais vegetais.”*⁴⁹

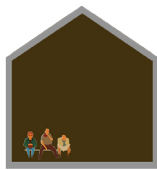
Casas de geometrias simples com poucas divisões interiores e raras aberturas, denunciam um povo a viver com poucas condições de salubridade, pouco ou nenhum conforto e privacidade. Apesar de se encontrarem hoje adaptadas à nova realidade através de pequenas reformas ou reabilitações, ainda é possível encontrar casas com esta raiz de construção, e compreender de que forma foram habitadas.

*“Estas casas encontram-se especialmente em regiões pobres ou serranas cujo isolamento económico ou geográfico constitui um poderoso factor arcaizante, propício à conservação de modos de viver e formas culturais de outras eras.”*⁵⁰

PRANCHA 1

Casa como abrigo
A casa elementar

Casa como abrigo



Casas elementares rurais



13 - Casa elementar em Monsaraz, com chaminé.



15 - Casa elementar em Cucujães, Oliveira de Azeméis.



14 - Casa elementar no Torrão, Setúbal.



16 - Casa elementar em Santa Maria da Feira, com telha vã.

Quatro casas elementares de pequenas dimensões, construídas com materiais locais e com raras aberturas para o exterior.

As primeiras (em cima) ficma na região Sul, são construídas em taipa ou adobe e encontram-se caiadas. Uma na aldeia do Torrão, em Setúbal, e a outra, em Monsaraz.

Depois, em baixo, duas casas elementares no Norte: uma em Cucujães, Oliveira de Azeméis, e outra em Santa Maria da Feira, ambas construídas em granito, sendo que na da direita se observam alterações profundas.

*“A casa térrea, por seu turno, de um modo geral, ocorre por toda a parte; mas em determinadas áreas ela constitui a forma habitacional normal e característica, que define o estilo arquitetônico dessa área e exprime verdadeiramente a vida doméstica e económico-profissional da sua população, e que, independentemente do nível económico do seu possuidor, predomina expressivamente sobre a casa sobrada que, menos significativa, com ela coexiste, própria apenas de algumas famílias. (...) A casa térrea é, de um modo geral pequena e singela. Ela é fundamentalmente a casa do Sul, da estremadura, Ribatejo, Alentejo e Algarve. Ou do litoral central do pais, zonas ribeirinhas.”*ⁱ

i. OLIVEIRA, Ernesto, GALHANO, Fernando, *Portugal de perto: Arquitectura tradicional portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p.20

À casa enquanto espaço de trabalho faz-se corresponder genericamente as casas populares rurais, fruto de uma época em que Portugal era um país fechado ao mundo, com um sistema político ditatorial e em que a agricultura era o principal motor da economia. O reflexo da importância dessa atividade na casa é tão claro que alguns autores afirmam mesmo que a casa, mais do que habitação, é neste tempo concebida como instrumento agrícola. Esta perspectiva surge geralmente pelos olhos de antropólogos, mais do que arquitetos, como por exemplo, no estudo desenvolvido pelo Museu de Etnologia⁵¹, que enfatiza a incorporação de instrumentos agrícolas no volume da habitação, e/ou a existência de conjuntos de edifícios dedicados à exploração das terras.

*“A casa popular, e sobretudo a casa rural, é mesmo concebida não apenas como um abrigo, mas sobretudo como um verdadeiro instrumento agrícola que é preciso adaptar às necessidades de exploração da terra (...)”*⁵²

Conceitos como conforto e privacidade surgem posteriormente⁵³ numa casa que é essencialmente a expressão de um povo pobre, que trabalha no campo. Sem nos demorarmos demasiado, e conscientes da diversidade de formas de arquitetura rural popular presentes na paisagem, identificaram-se duas tipologias mais frequentes no território continental português, e por isso, capazes de ilustrar as circunstâncias sociais, culturais e económicas desta época: a casa térrea e de andar, mais corrente no Norte; e a casa térrea, mais frequente no Sul.

*“Podem distinguir-se, além de certos caracteres comuns elementares, duas categorias fundamentais correspondentes, em termos gerais, a outras tantas zonas do País – o Norte e o Sul – delimitadas pela linha latitudinal que vai aproximadamente de Leiria a Castelo Branco: casas de térreo e andar, e casas térreas.”*⁵⁴

A casa de térreo e andar reflete as circunstâncias económico-sociais que predominam na região Norte: pequenos ou médios proprietários, com raros assalariados, que trabalham a terra e criam animais para sustento próprio. A configuração desta tipologia revela um grande cuidado no que à atividade agrícola diz respeito, à qual se destinam espaços pensados e especializados, com mecanismos próprios (prancha 2): o piso térreo é composto por uma loja, destinada ao armazenamento do gado e de bens agrícolas, e o piso sobradado é destinado à habitação, sendo que os dois pisos têm entradas independentes. Demonstra uma maior preocupação com a vertente de suporte a esta atividade, do que com os espaços de habitação.

51. Referência aos antropólogos Ernesto de Veiga Oliveira e Fernando Galhano autores do livro *Portugal de perto: Arquitectura tradicional portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000.

52. OLIVEIRA, Ernesto de Veiga; GALHANO, Fernando; *Portugal de perto: Arquitectura tradicional portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000; p.13

53. RYBCZYNSKI, Witold. *Home - a short story of an idea*. Nova York: Viking Penguin, 1986, p.20

54. OLIVEIRA, Ernesto de Veiga, GALHANO, Fernando, *Portugal de perto: Arquitectura tradicional portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p.23

As habitações têm poucas e pequenas aberturas e o seu interior é geralmente escuro e pouco higiénico, também devido ao fumo da lareira e fogueira, que se esgueirava pela telha vã.

*“Expressão do clima, da natureza do solo e, sobretudo, da paisagem humana, económica e cultural, peculiar da região em que surge, a casa popular do Sul, comparada com a do Norte que atrás descrevemos, apresenta características totalmente diversas, no que se refere nomeadamente à sua forma essencial, aos materiais típicos de construção que nela se usam e às suas funções, sublinhando expressivamente os contrastes geográficos entre duas zonas.”*⁵⁵

A casa térrea, mais frequente no Sul, destina-se apenas à habitação devido ao maior número de trabalhadores assalariados que se ocupam das terras dos senhores (em herdades ou montes). Os interiores das habitações revelam-se mais asseados devido às chaminés, que por vezes tomam o valor de objeto de luxo, e podem surgir ornamentadas, e também ao uso generalizado da cal que protege a casa do calor.

A demarcação de dois tipos gerais de habitação ilustra um padrão, não uma regra. Esta divisão, de ordem prática, tem em vista facilitar a compreensão das casas de um tempo e circunstancias comuns. Conscientes das inúmeras formas e peculiaridades que a casa tradicional rural pode tomar, é possível criar esta diferenciação devido ao referencial local ou regional da população que os construiu. Compreende-se a existência de algumas matrizes regionais, reflexo de uma cultura fechada, baseada em referências essencialmente locais. De facto, surgem algumas tipologias caraterísticas de determinadas regiões que não se repetem pelo país, como os palheiros na região litoral centro, a cima do rio Tejo (prancha 2), ou as construções em colmo, na região litoral abaixo do rio Tejo.

Para Orlando Ribeiro *“a casa popular demarca, nos dois tipos fundamentais, a oposição entre o mundo de serranias e vales perdidos no isolamento e as planuras que a Natureza e a História abriram a mais amplas influências mediterrâneas.”*⁵⁶

Apesar de ainda hoje encontrarmos casas rurais no território, e da sua construção se ter mantido durante largos anos especialmente no interior, há notícia já no início do séc. XX, de correntes de pensamento que propõem um reconhecimento dessa casa⁵⁷, o que demonstra o abandono generalizado da construção destas tipologias rurais.



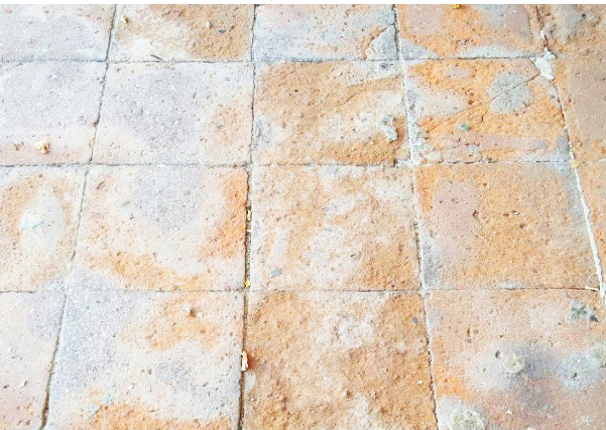
17 - Casa popular rural em Arada, Ovar.



19 - Casa rural popular frequente no Sul, com beirais coloridos e chaminés decoradas. Santiago do Escoural, Montemor-o-Novo.



18 - Casa popular rural em Cucujães, Oliveira de Azeméis.



20 - Tijoleira em taipa, numa casa do Torrão, Setúbal.

Em cima, casas com térreo e piso. O térreo tem portas amplas e pequenas janelas, denuncia o seu caráter agrícola. Em baixo, uma casa térrea no Santiago do Escoural, Montemor-o-novo, com uma chaminé generosa, cuidadosamente ornamentada e o chão em tijoleira de taipa, já com algum desgaste, numa casa no Torrão, em Setúbal. Ilustram o contraste entre a atenção dada ao programa habitacional no Sul e a atenção dada à atividade agrícola no Norte.

*“Por outro lado, e sob o ponto de vista da sua estrutura arquitetónica fundamental, as casas, em Portugal, podem ser sobradadas (ou de andar) e térreas. A casa sobradada, além de ser do tipo urbano normal, mostra, nos níveis rurais, as mais das vezes e nos casos mais expressivos, o térreo para gado e arrumações, o andar para a habitação das pessoas. Ela é fundamentalmente a casa campesina nortenha característica, de Entre-Douro-e-Minho, Trás-os-Montes, Beira transmontana, Beira Alta e Beira Baixa, Região de Coimbra e terra saloias dos arredores de Lisboa. Casa-bloco típica, ela englobava porém, como dissemos, para lá dessa estrutura geral, as mais das vezes um certo número de dependências ou anexos específicos e independentes, de dimensões mais ou menos reduzidas, para gados e arrumações (...).”*ⁱ

i. OLIVEIRA, Ernesto, GALHANO, Fernando, *Portugal de perto: Arquitectura tradicional portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p.18

55. OLIVEIRA, Ernesto de Veiga, GALHANO, Fernando, *Portugal de perto: Arquitectura tradicional portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000, p.151

56. RIBEIRO, Orlando. *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1991, p.144

57. Por exemplo “A casa Portuguesa” de Raul Lino. Nome com enorme impacto no estudo e reconhecimnto da casa popular rural em Portugal.



21 - Sequeiro de grandes proporções, anexado a habitação, Travanca, Santa Maria da Feira.



22 - Porta com folha recortada datada de 1946, Feira.



23 - Porta com folha recortada, Ovar.

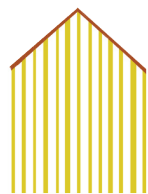


24 - Lagar no piso térreo de uma habitação, Santa Maria da Feira.

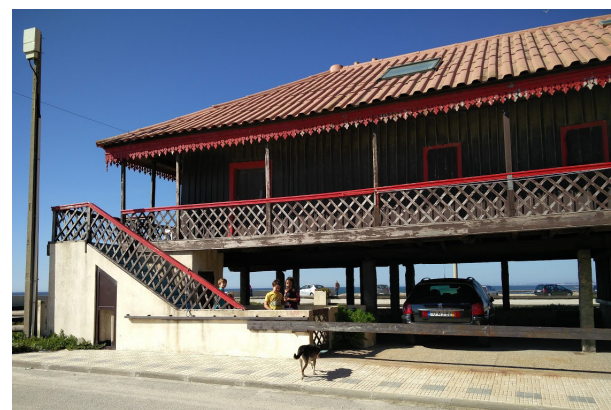
Em cima à esquerda, uma fotografia de um sequeiro de grandes dimensões – uma estrutura elevada construída em ripas de madeira que permite a passagem do ar para a seca dos cereais. À direita, um lagar, onde se produzia vinho, no interior de uma loja numa casa em Arrifana, Santa Maria da Feira.

As portas de grandes dimensões que surgem nas imagens 22 e 23, permitem a entrada dos carros de bois, mas são desproporcionadas em relação à escala humana. Este contraste é muitas vezes enfatizado por uma pequena porta que se recorta numa das folhas maiores.

Estes exemplos ilustram a forte relação entre casa e trabalho na tipologia mais comum do Norte.



25 - Palheiro, Esmoriz, Ovar



26 - Palheiro, Cortegaça, Ovar

Na região litoral-centro surge uma morfologia proveniente da atividade piscatória, que reforça a conexão trabalho/casa.

Os palheiros – imagem 25 e 26 – eram inicialmente utilizados para armazenar materiais de pesca. Mais tarde passaram a ser utilizados como habitação permanente ou habitação de veraneio (muitas vezes em simultâneo).

Construção · Tempo · Circunstância III

Casa como representação

Se a casa rural se baseia num referencial predominantemente local, o alargamento desse referencial vai naturalmente traduzir-se em novas formas de habitação unifamiliar.

A emigração é um dos principais motivadores da amplificação do espectro de referências da casa, até então de cariz local, juntamente com os novos meios de transporte e comunicação, que proporcionam novas e aliantes oportunidades além fronteiras – de trabalho, estudo ou lazer.

O referencial no qual se move a ideia de casa de cada indivíduo amplifica-se, quer pela viagem propriamente dita, quer mais tarde, pelas novas formas de habitação que começam a surgir no território e se transformam então em referência.

No que aos emigrantes diz respeito, partem à procura de uma melhor remuneração ou oportunidade de negócio, e geralmente voltam para investir no país natal – investimento traduzido em casas que espelham o aumento da sua capacidade financeira, bem como, o desejo de expor/ostentar as suas vivências “exóticas”.

No geral, este período temporal vai corresponder à ascensão da classe média, provocada quer pela abertura de portas pós-revolução de Abril, quer pela emigração ou sua influência, e também pela revolução industrial.

A partir da casa rural tradicional voltada para o interior, surgem habitações unifamiliares voltadas ao exterior que adquirem a função de representação da (aparente) situação financeira do habitante.

Simultaneamente, estas casas apresentam uma melhora significativa nas condições de habitabilidade. O novo cuidado com o interior das habitações, alia-se ao aumento da área construída e à maior compartimentação do interior das casas, o que se irá traduzir na melhoria da qualidade de vida.

A casa é essencialmente o reflexo da melhor remuneração de parte da população e o habitante utiliza-a para comunicar isso mesmo – ela demonstra o que ele é ou deseja ser.

No interior, reflete-se a ascensão de uma sociedade de consumo, que tem mais poder económico e onde recentemente surgem os mais diversos objetos úteis ou decorativos, que vão preencher (ou encher) as habitações.

Assim, a *casa como representação* corresponde às habitações unifamiliares que, devido a novos métodos construtivos, mais e melhores recursos financeiros, materiais e estruturais, adquirem feições embelezadas, que visam representar ou ilustrar a ideia de casa do seu habitante, e deixam de ser estritamente funcionais.

As morfologias importadas pelos emigrantes – “*estrangeirismos*, [que] ao mesmo tempo que testemunhariam a desnacionalização das classes médias portuguesas, transporiam para Portugal soluções arquitetónicas estranhas

ao clima e à paisagem nacionais.”⁵⁸ – como o *Chálet* ou a *Cottage*, ou as casas cujos telhados são pretos e muito inclinados (solução frequente no Norte da Europa, explorada na prancha auxiliar 3) são representativas da viagem. Inúmeras motivações podem estar por trás da adoção destas formas e ornamentos por parte do habitante – nostalgia do lugar ou viagem passada, imaginário, pretensão – e mesmo sem que se identifiquem, a casa transmite e representa essas motivações. Também as casas do português suave ou do movimento da *casa portuguesa*⁵⁹, declaram a intenção de representar o sabor tradicional na casa construída.

Se a casa como abrigo corresponde à aplicação dos materiais e recursos disponíveis numa construção elementar, que posteriormente desenvolve uma vertente de apoio ao sustento familiar; a casa como representação demonstra uma época em que as necessidades básicas de abrigo e sustento começam a ser supridas com facilidade. Assim, o Homem influenciado pela sociedade de consumo, desenvolve a sua casa como mais um objeto que contém inúmeros objetos. A relação com a envolvente torna-se menos clara, sendo que cada casa é agora um objeto único pousado na paisagem. A casa é a mensagem do habitante no meio.

“Em termos objectivos, em particular no decurso dos anos 1980, o país maioritariamente rural dos anos 1950 entrou num processo de pós- ruralização com fortes incidências na paisagem rural construída. O abandono de formas tradicionais de arquitetura popular, a multiplicação de modelos construtivos direta ou indirectamente influenciados pela casa do emigrante, a generalização de soluções serializadas de inspiração citadina são algumas das expressões dessas mudanças objectivas, que se refletiram também em processos de reciclagem da casa rural em que o popular – sem aspas – passou a “popular” – com aspas – isto é, se tornou num símbolo nostálgico, com valor sobretudo decorativo, de um disappearing world.”⁶⁰

Do país fechado com referenciais locais e uma população geralmente pobre, para um país com uma nova classe média, melhores condições económicas e de vida, que utiliza formas e materiais importados, e simultaneamente procura reinventar a arquitetura popular, numa sentida nostalgia pelo rural. Surgem novas formas por toda a paisagem, que refletem o crescimento económico imprevisto e uma legislação incapaz de o acompanhar, num intervalo de tempo caracterizado por uma ampla coexistência de estilos e modos de fazer. A casa deixa de ser construída pelo próprio habitante, sendo que a equipa envolvida na sua construção se amplifica.



27 - Casa em Santa Maria da Feira, que reproduz traços do “Chalet”.



28 - Casa em Ovar, que reproduz traços do “Chalet”.

As fotografias 27 e 28 refletem traços de estrangeirismos em tipologias reproduzidas em Portugal. Estas casas espelham o poder económico dos seus proprietários, regra geral provenientes de uma classe média alta que enriqueceu no estrangeiro. Reflexo da procura por melhores condições de vida face à casa rural popular, ostentam publicamente a riqueza dos seus proprietários.

“Eivados de influências citadinas, seduzidos pelo fulgor dos grandes centros e o aparato das suas realizações, desprezam as lições de sobriedade, de funcionamento e de coerências que poderiam colher “in loco”, para imporem aos burgos aquilo que consideram uma feição progressiva – e que é apenas, em inúmeros casos, parecida com a dos meios maiores. Feição inadequada, com excessiva frequência, que alimenta vaidades pacóvias mas não beneficia nem embeleza esses mesmos burgos.”ⁱ

“Em termos objectivos, em particular no decurso dos anos 1980, o país maioritariamente rural dos anos 1950 entrou num processo de pós-ruralização com fortes incidências na paisagem rural construída. O abandono de formas tradicionais de arquitectura popular, a multiplicação de modelos construtivos directa ou indirectamente influenciados pela casa do emigrante, a generalização de soluções serializadas de inspiração citadina são algumas das expressões dessas mudanças objectivas (...).”ⁱⁱ

i. *Arquitectura Popular em Portugal*, Associação dos Arquitectos Portugueses, 4ª Edição, Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004.
ii. LEAL, João. *Entre o Vernáculo e o Híbrido: a partir do inquérito à arquitectura popular em Portugal*, p.4, in Joelho, revista de cultura arquitetónica, Intersecções: Antropologia e Arquitetura, nº2. Coord.Paulo Providência, et.all. Coimbra: EDARQ, Abril de 2011.



29 - Casa em Lourosa, Santa Maria da Feira, com telhado muito inclinado.



30 - Casa em Fiães, Santa Maria da Feira, com telhado muito inclinado.



31 - Casa em Santa Maria da Feira. Complexa composição formal e material.



32 - Casa em Santa Maria da Feira. Complexa composição formal e material.

“É nesse sentido uma arquitectura popular onde coisas que deveriam estar separadas se misturam, é uma arquitectura popular híbrida, de resto tal como a identidade cultural dos próprios emigrantes, eles próprios instavelmente situados entre a terra de origem e a terra de acolhimento, entre a condição camponesa dos seus pais e os seus sonhos de mobilidade social, entre o trabalho no campo e a construção civil na cidade. É essa hibridez das identidades migrantes que as casas de emigrante reflectem.”ⁱ

No geral, estas casas mantêm o esquema de organização dos espaços da casa tradicional: se na casa tradicional rural (principalmente do Norte do país) o térreo é destinado a currais e armazenamento de alfaías agrícolas, e o piso sobradado se destina à habitação; as casas a que aqui nos referimos continuam, muitas das vezes, a habitar apenas o piso superior, deixando o piso térreo para arrumos e garagem. No entanto, verificam-se alterações de escala e da forma. Surgem os telhados muito inclinados, caraterísticos dos países de origem que estão associados aos períodos de neve abundante (que em Portugal não se verificam).

iLEAL, João. Entre o Vernáculo e o Híbrido: a partir do inquérito à arquitectura popular em Portugal, in Joelho, revista de cultura arquitetónica, Intersecções: Antropologia e Arquitectura, nº2. Coord.Paulo Providência, et.all. Coimbra: EDARQ, Abril de 2011, p.78



33 - Casa em Santa Maria da Feira.



34 - Casa em Santa Maria da Feira.



35 - Casa em Santa Maria da Feira

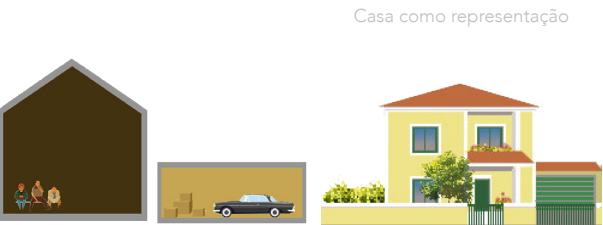


36 - Casa em Santa Maria da Feira. Chaminé muito saliente.

Composições formais complexas com volumes muito salientes, onde são aplicados novos materiais e novas técnicas construtivas. São frequentes as chaminés salientes e as escadas de acesso a um alpendre situado na fachada frontal.

A influência destas habitações irá propagar-se até aos dias de hoje. As cidades estão repletas de casas com volumetrias complexas, falsos elementos estruturais destacados, recortes de telhados compostos ou muito inclinados, que correspondem a uma grande parte da mancha construída do país. Refletem desejos comuns, como a nostalgia do rural, a evocação do atemporal, ou formas integralmente importadas de outros países que refletem a vivência do seu habitante.

O habitante reflete o eu que deseja ser, no exterior da sua habitação. A preocupação com a imagem exterior da casa é salientada pela existência de escadarias de acesso na fachada frontal que raramente são utilizadas, bem como arcadas, elementos decorativos e jardins cuidados voltados para a rua, sendo que nas traseiras subsistem muitas vezes as hortas.



37 - Casa em Santa Maria da Feira.



39 - Casa em Ovar



38 - Casa em Santa Maria da Feira.



40 - Antiga casa dos Magistrados (1960), Arquitetos Alcino Soutinho, Augusto Amaral, Santa Maria da Feira.

As habitações unifamiliares aqui retratadas ilustram a casa como objeto de posse, e fortes valores formais, fruto da sociedade de consumo. Procuram caraterísticas estritamente formais da “casa portuguesa” (imagens 37 e 38), e cuja influência se estende até aos dias de hoje (imagem 39). Ao mesmo recorte temporal associam-se casas construídas sob influência moderna (imagem 40) apesar dos seus exemplares rarearem em Portugal.

Hoje, ainda se verificam habitações unifamiliares contemporâneas a retratar a nostalgia do rural mimetizando elementos decorativos caraterísticos da habitação popular, como as beiras amarelas ou as telhas com remates pintados em branco (imagem 39). Contrastam com as anteriores pela utilização de materiais mais contida. Têm geralmente molduras em pedra nas janelas e portas, são alpendradas e apresentam já grandes vãos, denunciando a aplicação de novas técnicas construtivas. Destinadas integralmente à habitação, a garagem surge geralmente numa construção anexa, colada ao limite posterior do terreno.

Apesar da maioria dos projetos de habitação unifamiliar continuarem a ser desenvolvidos por outras especialidades (desenhistas, engenharias), os arquitetos portugueses surgem pela primeira vez no debate em torno na casa. Debate que teve essencialmente duas frentes, uma procura por “um tipo português de habitação”⁶¹, preconizado por Raul Lino, e uma procura pela legitimação de uma arquitetura mais próxima do movimento moderno, mais funcional e simples, que tem por base a arquitetura popular rural, preconizada pelo sindicato nacional dos Arquitetos que se iniciou com o Inquérito à Arquitetura Popular entre 1950 e 1960, sendo que ambos negavam (mais ou menos diretamente) as formas de construção da casa popular – que nesta época correspondem às já referidas “casas de emigrante”, muito ornamentadas, com utilização de vários materiais e complexas formas, ora salientes ora recortadas.

“O Inquérito à Arquitectura Popular foi desde o princípio visto como uma forma de combate ao peso que na cena arquitectónica portuguesa tinha a ideologia ruralista e anti-modernista da Casa Portuguesa. Contrariando essa ideologia, o que os arquitectos modernos do Inquérito queriam demonstrar era que moderno e popular podiam coincidir, era que a arquitectura popular era uma arquitectura moderna.”⁶²

As casas deste tempo refletem a mudança na circunstancia social, económica e politica do país, apesar de ainda nos encontrarmos numa situação periférica em relação ao desenvolvimento do resto da Europa.

61. LEAL, João. *Arquitetos, Engenheiros, Antropólogos: Estudos sobre Arquitetura Popular no século XX português*. 1ª Edição, Porto: Fundação Instituto Arquiteto José Marques da Silva, 2009, p.4

62. LEAL, João. *Entre o Vernáculo e o Híbrido: a partir do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal in Joelho*, revista de cultura arquitetónica, Intersecções: Antropologia e Arquitetura, nº2. Coord.Paulo Providência, et.all. Coimbra: EDARQ, Abril de 2011, p.74

Além da ascensão da classe média descrita no momento anterior, também a adesão à união europeia vai contribuir para um aumento generalizado no nível de vida da população, comprovado por indicadores como o aumento da escolaridade média ou da esperança média de vida.

Era da informação, da conexão, da interação, da mobilidade, a viragem para o século XXI é marcada pela generalização da internet, e com ela, a disseminação de informação (de fontes mais ou menos fidedignas) a todas as classes: de um tempo de informação escassa, passamos a um tempo de informação superabundante.

Atualmente há constantes bombardeamentos de informação que influenciam o nosso quotidiano e que nos transformam, cada vez mais, em cidadãos do mundo. Imagens de edifícios surgem nas mais diversas plataformas online e rapidamente se transformam em referências – links – dos quais, mais ou menos conscientemente, nos recordamos. Fotografias surgem em cascata: detêm a nossa atenção por meros segundos e convertem-se em imagens no nosso inconsciente, criando referências descontextualizadas e vazias.

No entanto, não só de instantaneidade se mune a contemporaneidade. Os novos recursos digitais de pesquisa e comunicação permitem uma busca de informação facilitada e relativamente aprofundada, e as novas modalidades de transporte – voos lowcost, aplicativos de boleias, pacotes de viagens de comboio – cada vez mais difundidos, possibilitam um grau de mobilidade sem precedentes. Estes fatores são motores de transformação da sociedade, da qual fazem parte os arquitetos e, mais relevante, os habitantes, cujos modos de vida são inquestionavelmente influenciados por este fenómeno de internacionalização cultural.

Novos hábitos, que são transcritos em novos desejos e novas necessidades e, portanto, novos modos de habitar que se refletem na produção arquitetónica. No que há casa diz respeito, o aumento do grau de escolaridade da população, bem como o crescente reconhecimento de alguns arquitetos portugueses, e a sua participação em projetos de habitação social, vão dar um novo reconhecimento à disciplina, até então entendida como um luxo dispensável por grande parte da população.

“Só nos últimos anos é que a arquitectura pôde passar à categoria de desejo alcançável por uma classe média alargada, até então pouco dada a especiais exigências de conforto, de civilidade, ou de funcionalidade. Apenas recentemente houve suficiente dinheiro para que os portugueses pudessem de facto confundir desejo com saber. E, evidentemente, compreender essa capacidade que a arquitectura vai tendo em gerar reconhecimento social. Mesmo que não consigamos reconhecer as causas da crescente visibilidade de uma disciplina que sai rapidamente dos circuitos estritos e fechados dos

atelieres – para passar a presença regular em jornais, revistas generalistas ou programas de televisão – o facto é que nunca, em Portugal, se terá assistido a tanta exibição pública de arquitetura como a que se nos é dada a observar nos últimos anos.”⁶³

Também a crescente regulamentação das construções, e o consequente aumento de técnicos envolvidos na construção da habitação unifamiliar, vão contribuir para um maior e mais generalizado envolvimento do arquiteto na produção da habitação unifamiliar. O grupo alargado de profissionais envolvidos na construção da habitação unifamiliar associa, no processo de projeto, cada vez mais detalhes relacionados com as circunstâncias específicas de cada caso. Este aumento de especificidade em cada obra, dá notícia do aumento da formação de todos os envolvidos – até mesmo do habitante. O referencial é mais amplo do que nunca e em simultâneo, as circunstâncias sociais e culturais do habitante são cada vez mais heterogêneas, tanto quanto globais.

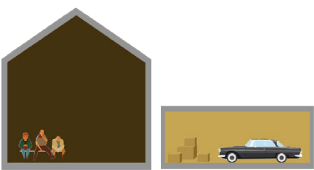
“Ao mesmo tempo, existe uma tendência para harmonizar a legislação nacional e internacional. Os arquitetos estão cada vez mais a operar numa plataforma internacional e inclinados a impor as suas ideias aos vários contextos em que estão a trabalhar. E, embora a legislação desempenhe um papel importante, cabe ao arquiteto decidir como responder ao contexto.”⁶⁴

A casa é agora um instrumento reativo, onde habitam cidadãos do mundo. Os lugares são lugares em transito, tal como o próprio cidadão, que se vê muitas vezes forçado a imigrar, refugiar ou até, pelo novo entendimento de proximidade, encontra Casa em qualquer lugar do mundo. Este encadear de transformações e mútuas influências vai refletir-se na forma como habitamos e por isso, na forma como organizamos as redes urbanas, bem como, o interior das nossas habitações - resultando numa casa reativa (que reage aos contextos) que se formaliza não segundo matrizes formais, mas antes, como o resultado da conjugação de todas as circunstâncias intervenientes no seu desenho.

“Da vivenda como ritual, a casa, passamos à vivenda como contentor, a casa-caixa; artefacto mecânico primeiro, objeto, e posteriormente dispositivo interativo, diagrama. Um mecanismo artificial mas que já não é autista (prototípico), se não interativo (sinérgico), atento às solicitações exteriores que incidem sobre ele e que o fazem ao mesmo tempo abstrato e esquemático (global), e também único e intransferível (local). Um “sistema operativo” capaz de articular uma ordem elementar básica e uma definição



41 - Habitação Unifamiliar em Leiria. A casa desenvolve-se toda num só bloco, sendo que a garagem se encontra no piso enterrado.



42 - Casa em Francelos, Nuno Brandão Costa Arquitetos. A casa é composta por um dois corpos separados - habitação e garagem.



43 - Casa ZM2, José Pedro Sousa e Pilar Luz. Reinterpreta o declive natural do terreno. O bloco do piso superior pousa sobre dois volumes: o volume que contém a sala e a cozinha, e o volume da garagem.



44 - Casa Y, Arquitetos Sousa Santos; Fotografia exterior - portões de entrada. A garagem é protagonista no alçado de acesso à casa.

Cada casa é um caso, sendo que a interação está sempre presente. Interação para com o contexto atual, o habitante, o meio, o passado.

Tal como o contexto é fruto da sobreposição de tempos, também a casa é fruto de uma evolução lenta e gradual que acumula ensinamentos.

Observam-se casas com habitação nos pisos superiores e garagem no térreo ou cave, o bloco de habitação compacto apoiado pelo anexo de garagem, o bloco monolítico sem qualquer tipo de anexo ou dependência secundária, ou novas formas orgânicas fundidas com o terreno.

No entanto, as formas, além de variadas, surgem sobretudo por imposições legais, contextos, interações, do que por modelos impostos.

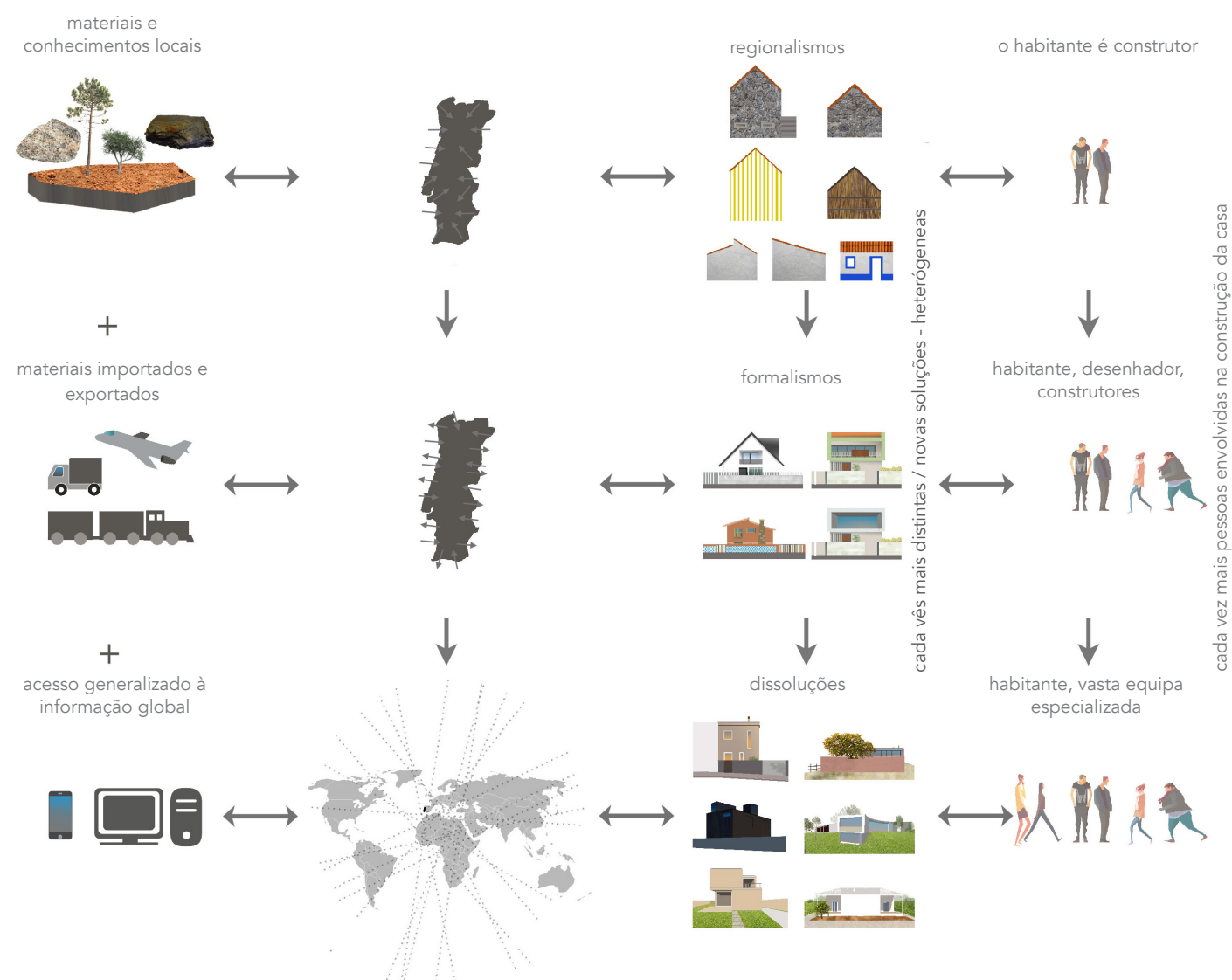
Os materiais disponíveis sofrem constantes atualizações mas são quase sempre justificados além do ornamento - enquadramento na paisagem, material local, material permitido pelo orçamento ou solução construtiva.

A casa é um corpo interativo, que reage a uma multiplicidade de condições, circunstâncias e desejos.

63. COSTA, Pedro Machado. *Habitar Portugal 2006/2008*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2009, p.162

64. LEUPEN, Bernard; MOOIJ, Harald, *Housing Design – a manual*. Rotterdam: NAI Publishers, 2011, p.333

“At the same time there is a tendency to harmonize national and international legislation. Architects are increasingly operating on an international platform and inclined to impose their ideas on the various contexts they are working in. And although legislation plays an important role, it is ultimately up to the architect to decide how to respond to the context.”



definitivamente diversa, livre (descodificada) e individual).⁶⁵

A casa interativa (a casa de hoje) é, tal como o contexto em que se insere, produto de sobreposições, e por isso, não se desvincula da casa como abrigo (ela também é abrigo), da casa como espaço de trabalho (a casa de hoje pode, ou não, conter espaços de trabalho), da casa como representação (pois continua a refletir o seu habitante, ainda que isso possa acontecer de forma menos evidente).

De facto, a construção da casa interage hoje com um número de elementos sem precedentes – quer no que aos envolvidos na sua construção diz respeito (cada vez mais técnicos especializados, equipas de construção, até a equipas de fiscalização ou classificação), quer através do alargamento do seu referencial, quer numa intenção de fusão para com o terreno ou a paisagem.

Importa referir que as circunstâncias sociais, culturais e económicas podem variar dentro de uma mesma cidade, ou até rua, mas contudo, continuam a definir padrões de comportamento característicos de determinadas regiões: um exemplo flagrante é a diferença entre a forma e utilização do vaso sanitário no ocidente e no oriente e um outro exemplo menos óbvio, que Xavier Monteys refere no livro *Casa Collage*⁶⁶, é a denominação dada aos espaços da habitação, que no ocidente se rege por uma função pré-definida, e no oriente se rege pela sua localização relativa a um espaço central. Este grupo de circunstâncias são uma parte do contexto que depende essencialmente do indivíduo e por isso, do contexto social.

No caso das construções tradicionais fruto de um Portugal rural, de fronteiras fechadas e com uma população com pouca formação, a circunstância social e económica é quase transversal à população, e isso reflete-se nas casas que, apesar de sempre diferentes, têm um padrão comum identificável.

Neste estudo, centrado na habitação unifamiliar de Portugal, interessou compreender de uma forma muito geral os padrões identificáveis de circunstância social, cultural e económica em determinada época, que estão na origem da multiplicidade de camadas que hoje constitui a paisagem, admitindo sempre a relação intrínseca com o indivíduo uno.

65. CASA-CAJA, GAUSA, Manuel, in *Singular Housign: el dominio privado*. Barcelona: GG, 2002, p.61 "De la vivienda como ritual, la casa, pasamos a la vivienda como contenedor, la caja: artefacto mecánico primero, objeto, y posteriormente dispositivo interactivo (sinérgico)."

66. MONTEYS, Xavier, FUENTES, Pere, *Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona: GG, 2001.

Por circunstância urbana entende-se a circunstância em que se encontra a casa em relação à cidade, vila ou aldeia em que está inserida. Ou seja, em escala crescente, as circunstancias urbanas referem-se à relação da casa com a rua e com o quarteirão, do quarteirão com a cidade, desta cidade com as cidades próximas, e por último, da casa com o mundo. No fundo, referem-se à localização da habitação em relação à rede de conexões urbana.

*“O desenho de uma nova habitação deve considerar a localização do projeto em relação à rede urbana.”*⁶⁷

A relação da casa com a rede urbana é circunstancial, na medida em que o mundo, cidade, quarteirão, rua, com que se relaciona mudam continuamente. Sendo das mais significativas, e simultaneamente diversificadas constituintes do tecido urbano, a casa pode existir em inúmeras circunstancias. Para compreender essas circunstâncias torna-se necessário um enquadramento que, a título introdutório, apresente algumas caraterísticas do urbanismo em Portugal.

Uma característica da ocupação do território em Portugal, prende-se com a adaptação do traçado aos terrenos mais ou menos acidentados. O terreno define a rua, que se adoça aos declives e constrói cidades muito características. Inúmeras cidades do país são exemplo dessa adaptação, que se verifica também no contraste de Lisboa pré e pós-terramoto e nas cidades colonizadas do Brasil que contrastam com o resto das cidades do continente americano – fruto da colonização espanhola, que adopta a forma reticular. Apesar de adaptadas às curvas de nível, os povoados tinham, regra geral, uma praça central com uma igreja, a partir da qual se desenvolvia tudo o resto.

A estas características recorrentes no território, é ainda possível adicionar particularidades regionais, que conservam o contraste entre Norte e Sul, também no que à ocupação do território diz respeito.

A norte os povoados tinham geralmente um cariz comunitário. Organizavam-se em vilas ou aldeias densas onde existiam concelhos de vizinhos (órgão de poder) e onde as populações trabalhavam para o abastecimento da própria comunidade.⁶⁸

No centro, encontram-se concentrações de cariz urbano, como Lisboa, Leiria ou Aveiro, vilas ligadas ao mar e à pesca, vilas suburbanas de assalariados que trabalham nas cidades – constituídas à relativamente pouco tempo – e herdades ou “montes” muito espaçados.

Na região sul, no litoral predominam as vilas de origem piscatória que hoje são na grande maioria pólos turísticos, e no interior predominam pequenos aglomerados habitacionais e “montes” – com origem nas terras

de assalariados agrícolas muito afastados entre si.

As situações urbanas alteraram-se significativamente nos últimos anos, com a expansão das cidades para fora dos seus limites. Se antes existiam zonas urbanizadas ou rurais, hoje com a expansão das fronteiras do urbano e sucessivo crescimento de novos pequenos centros que lhe estão associados deixa de existir uma paisagem estritamente local. Assim, ao aparente contraste entre urbano e rural, sobrepõe-se hoje uma mescla entre ambos conceitos, com o “urbano” a permear todo o território. A paisagem mostra-se heterogénea no que às construções diz respeito mas também no que toca aos usos dessas construções e do solo.

*“O rural que houve só era homogéneo por ser um conceito negativo – tudo o que não era urbano.”*⁶⁹

O permear do urbano por todo o território relaciona-se com a melhoria dos transportes e o alargamento das redes de abastecimento, o que contribui para a dispersão das construções, que já não necessitam de se agrupar para assim suprirem as suas necessidades – a evolução contínua sentida nos meios de deslocação e comunicação provoca o encurtar das distancias e a conexão permanente e facilitada com o Mundo. A casa associa-se a redes de conexão: redes de abastecimento, de transporte, de estradas, de serviços, etc.. e este fenómeno resulta em novas formas urbanas até então desconhecidas. Nas periferias das cidades surgem loteamentos sub-urbanos, que concebidos muitas vezes pela industria imobiliária, oferecem rápidos acessos ao centro com vantagens de espaço e preço apenas possíveis fora dos limites das cidades.

*“(…) os subúrbios – e não as cidades ou os campos – são hoje o “habitat” preferencial de uma parte cada vez mais importante da população portuguesa. Esta urbanizou-se, mas sobretudo, sub-urbanizou-se.”*⁷⁰

No entanto, antes do aparecimento destes loteamentos, a população construía fora das cidades em terrenos desregulamentados. A falta de legislação que recaísse sobre essas construções deu origem ao que alguns autores apelidam de “arquiteturas clandestinas” que salpicam a paisagem e criam uma imagem já caraterística (ou popular) do país. Hoje, os loteamentos atrás referidos, são regulamentados quer em medidas máximas e mínimas (alturas, afastamentos, etc.) quer em questões de salubridade das habitações.

*“O contexto jurídico, em arquitetura, intervém sob a forma de regras, que até certo ponto limitam ou condicionam o desenho.”*⁷¹

69. DOMINGUES, Álvaro. *A paisagem é um estado de espírito*. Porto: FAUP, 2011. Disponível em: <http://www.barometro.com.pt/2011/05/02/a-paisagem-e-um-estado-de-espirito/> [Acedido em 17/11/16]

70. LEAL, João. *Entre o Vernáculo e o Híbrido: a partir do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal in* Joelho, revista de cultura arquitetónica, Intersecções: Antropologia e Arquitetura, nº2. Coord.Paulo Providência, et.all. Coimbra: EDARQ, Abril de 2011, p.81.

71. SALAZAR, Jaime. *The house as an interface*. in GAUSA, Manuel; SALAZAR, Jaime. *Singular housing: el dominio privado*. Barcelona: GG, 2002, p.12 *“The legal context, in architecture, intervenes in the form of rules, which to a certain extent limit or condition a design.”*

67. LEUPEN, Bernard, MOOIJ, Harald, *Housing Design – a manual*. Rotterdam: NAI Publishers, 2011, p.348 *“The design of a new housing Project must consider the project’s location in relation to the urban network.”*

68. RIBEIRO, Orlando. *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1991, p.62

A regulamentação das construções é também um motor de mudança, que pode ser identificado na paisagem, como se exemplifica na prancha 5, e que pode ajudar a localizar uma determinada habitação no intervalo de tempo (de limites indefinidos) correspondente. À crescente regulamentação associa-se (de novo) a necessidade de um maior número de técnicos e especialidades envolvidas na construção da casa.

Pela observação de uma cidade que me é particularmente próxima – Santa Maria da Feira, cidade de que sou natural (prancha 5) – é possível compreender a ação da regulamentação das construções na paisagem, bem como a diversidade por que é constituída. Sendo uma cidade recente, na outrora Vila da Feira observam-se ruas onde a regulamentação é identificável (Alçado A, Rua Monte António Joaquim Pintor, prancha 5), ruas onde ela é identificável mas se podem também observar construções anteriores a essa regulamentação que surgem à face da rua, ou seja, sem os afastamentos legais atuais (Alçado B, Avenida 5 de Outubro, prancha 5). Verifica-se também a predominância da construção unifamiliar sob a plurifamiliar, pelo seu caráter sub-urbano em relação ao centro urbano Porto, bem como a diversidade (ou cohabitação) de diferentes tipos de uso de solo. Por isto, Santa Maria da Feira parece ilustrar a diversidade da paisagem atual.

De uma estratégia de ocupação do território com um padrão identificável – a praça central da igreja, a partir da qual se desenvolve o traçado da cidade adaptado às curvas de nível do terreno – para construção desregulamentada fora dos limites da cidade, que pontua abundantemente a paisagem, aos planos urbanísticos camarários que procuram regulamentar e prever o crescimento das cidades, na consciência de que atualmente a mudança é uma realidade: espetável, constante, quase certa. O contexto urbano no qual se move a construção da casa de hoje não é mais repetitivo, mas antes, arritmico, feito de sacudidelas, surpresas, entrelaçamentos; um tempo de duração efémera e desconcertante, caraterístico da a nova consciência contemporânea⁷². É por isso necessário deixar de insistir em perpetuar convenções assumidas, e compreender a contemporaneidade como um tempo de constante mudança.

*“Esta paisagem a que nos referimos é mais uma estratégia do que uma realidade, porque a “paisagem” ou o “contexto” do projeto contemporâneo não podem ser definidos unicamente através de uma determinada imagem, substância ou aparência. A arquitetura da casa pode, por si só, gerar o lugar.”*⁷³

Diversidade dos usos do solo, e tipologias construídas.



Dotada de uma boa rede vária que permite chegar ao Porto em 20 minutos, e a Aveiro (sede de distrito a que pertence) em 35 minutos, e com a construção de infraestruturas como o Hospital São Sebastião e o Europarque, a outrora Vila da Feira, cresceu também devido ao aumento da zona de influência das duas grandes cidades portuguesas e expansão das respetivas áreas metropolitanas. No que ao habitar diz respeito entre 1974 e 2009 regista-se um aumento de 54,1% da população, e em termos de atividades económicas há uma perda de importância da agricultura, que nos dias de hoje apresenta “valores quase residuais na microeconomia”ⁱ do município e um crescimento acentuado das indústrias transformadoras. Exemplo do que aconteceu um pouco por todo o país, Santa Maria da Feira passa de vila rural e cidade de periferia em 35 anos. As construções salpicadas desregulamentadas dão lugar e novos loteamentos, e é possível observar no seu território tempos, atividades e usos simultâneos – muitas vezes basta olhar para o alçado de uma única rua. As ilustrações pretendem enfatizar essa diversidade e a forma como coabitam estilos, tempos, habitações antes e depois da regulamentação urbana. Continuam a ser visíveis vestígios de uma realidade predominantemente rural não muito distante temporalmente e a casa unifamiliar continua a ser a principal mancha construída (como se observa no mapa da página seguinte)

ⁱ Atlas Santa Maria da Feira. “35 Anos de Caminho, da democracia à união europeia. Um tempo de excelência” De 1974 a 2009 - um percurso de mudança e excelência” Santa Maria da Feira: Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, 2010. p.32

72. Gausa, Manuel. SALAZAR, Jaime. *Singular Housing: el dominio privado*. Barcelona: GG, 2002.
73. SALAZAR, Jaime, *House as an landscape*, in GAUSA, Manuel, SALAZAR, Jaime, *Singular housing: el dominio privado*. Barcelona: GG, 2002, p.178
“This landscape to which we refer is more of a strategy than a reality, because the “landscape” or the “context” of the contemporary project cannot only be defined through a determined image, substance or appearance. The architecture of the house can, of itself, generate the place.”



Situação (atual) portuguesa

IIIa
Envolvente - Casa (meio - estrutura - habitante)

IIb
Meio - Estrutura

IIIc
Estrutura - Habitante

IIId
Implantação tecnológica

Meios de observação e divulgação da produção habitacional unifamiliar em Portugal

A construção da casa está intrinsecamente relacionada com a realização do sonho, figurando muitas vezes como objetivo de vida dos futuros habitantes. Também para os arquitetos a casa é, geralmente, um programa acarinhado por permitir a experimentação. Além disso é um programa transversal a todas as pessoas pelo uso (todos habitamos uma casa) e a todos os arquitetos que em algum momento da sua vida projetaram ou participaram no desenho de uma casa. Desde os escritórios mais pequenos aos corporativos, do arquiteto reconhecido ao coletivo anónimo, o programa de habitação unifamiliar é transversal.

Assim, este não é um programa de exceção, pelo contrário, a casa constrói muitas vezes – pela sua abundância – a regra sobre a qual se idealizam os programas excecionais.

Por ser um programa abundante, cuja diversidade é inerente, a definição de um corpo de estudo capaz de ilustrar a variedade de morfologias da habitação unifamiliar contemporânea é um complexo exercício de seriação. Mostrou-se necessário, pela amplitude do tema, definir à priori três balizas: uma temporal – os objetos de estudo deveriam ter construção da sua estrutura⁷⁴ concluída entre 2005 e 2015 – uma baliza geográfica – Portugal continental – e uma baliza de uso – estar referenciada como obra de primeira habitação.

Optou-se também por compreender quais os meios de divulgação da produção portuguesa atual, onde se poderiam encontrar habitações unifamiliares capazes de ilustrar a produção contemporânea em território nacional: revistas, livros, plataformas online, exposições, e verificou-se que muitas vezes, diferentes publicações se cruzavam na escolha das obras (quadro 1).

As revistas Arq’a e Darco foram o primeiro e principal meio através do qual se selecionaram as obras. São duas publicações especializadas nacionais que contêm uma seleção diversificada de autores, de diferentes gerações, formações e de todas as regiões do país, que têm por objetivo a divulgação da obra feita em Portugal, de forma continuada.

Foram indexadas todas as habitações unifamiliares com programa de 1ª habitação, existentes nas 16 publicações da revista Darco e nas 78 publicações da revista Arq’a deste 2005 até Março de 2016.

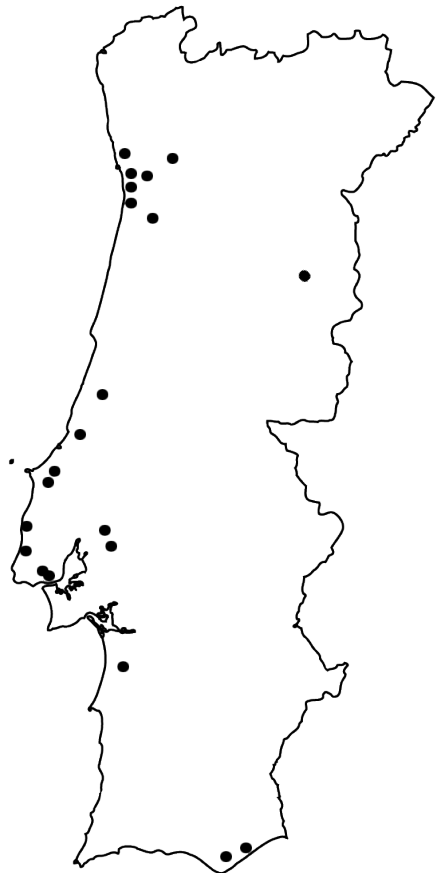
Este exercício permitiu apurar um grande número de habitações unifamiliares, das quais aqui se referem as que pareceram mais relevantes na formalização dos temas desenvolvidos de seguida.

Assim, através da observação das obras construídas em território nacional, surgiram temas que aqui se evocam e que em conjunto criam uma imagem do que pode ser essa casa contemporânea em Portugal.

74. Estrutura no sentido de casa/ obra construída, mas que ainda não está finalizada porque nela não habita(m) o(s) indivíduo(s).

		Arq'a	Darco	Archdaily	Site próprio	Anuário de Arquitetura	Habitar Portugal	Portuguese contemporary houses
1	Casa Y							
2	Casa no Chão das Giestas							
3	Casa Coruche							
4	Casa em Quelfes							
5	Casa no Sobral da Lagoa							
6	Casa no Magoito							
7	Casa em Cacela-a-Velha							
8	Casa em Leiria							
9	Casa em São Estevão							
10	Casa FFAT							
11	Casa Dr. Reginaldo Spenciere							
12	Casa ZM2							
13	Casa no Alto da Ajuda							
14	Casa em Alcobaça							
15	Casa com três pátios							
16	Villa Utopia							
17	Casa em Irivo							
18	Casa em Francelos							
19	Casa em Lourosa							
20	Casa Xavier							

Quadro 1 - Publicações



Distribuição das habitações unifamiliares em Portugal Continental

O terreno, onde se insere a estrutura, está contido no contexto, que é resultado de inúmeras realidades acumuladas, como aqui já foi referido. A relação do conjunto-casa para com o contexto envolvente é determinante na qualidade das habitações unifamiliares. Fatores como a proximidade do terreno em relação a um centro urbano, a vias de acesso, a paragens de autocarro, comboio ou metro – a sua posição na rede de conexões existentes – são um dos coeficientes a contabilizar na observação da habitação unifamiliar. A configuração do conjunto de elementos que compõem a casa, depende da relação que esta quer estabelecer com a rede urbana. Por exemplo: a proximidade do conjunto a uma via de transito ou aglomerado urbano está associada diretamente ao nível de ruído a que a casa está sujeita. Também a luz natural e vistas de que usufrui vão depender das caraterísticas do local, bem como o nível de privacidade, que pode estar mais ou menos comprometido por construções vizinhas.

“O ambiente em que habitamos é formado por uma série de diferentes edifícios residenciais. A configuração deste conjunto urbano determina as qualidades que moldam a condição de habitação. As dimensões dos volumes individuais e a forma como eles se relacionam definem as relações entre o interior e o exterior, tal como as vistas, a penetração da luz natural e a tolerância ao ruído, mas também o grau de proteção entre elas.”⁷⁵

Para facilitar esta observação dividimos a relação envolvente-casa em três graus de proximidade:
Morfologias urbanas prende-se com a localização da casa em relação à rede urbana em que se insere.
Numa escala mais aproximada, em *Conexões*, observa-se a forma que é atribuída a essa relação, ou seja, a materialização da relação entre casa e via pública, que pode ser mais ou menos franca.
A relação entre a estrutura e o meio, sendo uma relação contida nos limites do terreno (mais próxima do habitante) é observada posteriormente em *Forma*, onde hoje se testemunha uma maior dissolução da figura em relação ao fundo, e onde, simultaneamente, a paisagem é encarada como uma complexa sobreposição de informações.

75. LEUPEN, Bernard; MOOIJ, Harald, *Housing Design – a manual*, Rotterdam: NAI Publishers, 2011, p.205
“The environment in which we dwell is formed by an array of different residential buildings. The configuration of this urban ensemble determines the qualities that shape the dwelling condition. The dimensions of the individual volumes, and the way in which they relate, define the relationships between inside and outside, such as views, the penetration of natural light and noise tolerances, but also the degree of shielding between them.”

	Objetos livres ou isolados	Lote suburbano	Desenvolvimento arterial	Bloco perimetral	Organização livre ou irregular
Casa Y					
Casa no Chão das Giestas					
Casa Coruche					
Casa em Quelfes					
Casa no Sobral da Lagoa					
Casa no Magoito					
Casa em Cacela-a-Velha					
Casa em Leiria					
Casa em São Estevão					
Casa FFAT					
Casa Dr. Reginaldo Spenciere					
Casa ZM2					
Casa no Alto da Ajuda					
Casa em Alcobaça					
Casa com três pátios					
32 e 33 em Villa Utopia					
Casa em Irivo					
Casa em Francelos					
Casa em Lourosa					
Casa Xavier					
	4	9	2	4	1

Quadro 2 - Morfologias urbanas

[III]

IIIa

IIIa.1

Situação portuguesa

Envolvente – Casa

Morfologias urbanas

A casa está contida numa rede urbana, que se foi alterando e complexificando ao longo do tempo.

Durante muito tempo, as populações organizaram-se em núcleos concentrados, pequenas aglomerações, ora de origem militar e por isso muralhadas, ora vinculadas às atividades económicas aí desenvolvidas.

A ascensão da classe média promoveu a construção de habitações unifamiliares – reflexo do aumento do poder económico da classe trabalhadora – que rapidamente, devido ao aumento da procura, provocou o acréscimo no preço dos terrenos localizados nos centros das cidades. Sem possibilidades financeiras ou espaço para construir nos centros, as novas construções foram arrastadas para fora dos limites das cidades.

Surgem novas formas urbanas periféricas constituídas por edifícios espaçados e pouco organizados – casas a pontuar o terreno de forma mais ou menos aleatória, fruto de um crescimento desregulamentado. Posteriormente, surge o loteamento: amplos terrenos, transformados em estruturas prontas para receber várias habitações, geralmente (pré)conectados à rede viária e às redes de abastecimento e escoamento de resíduos.

Reflexo da tentativa de regulamentação das periferias das cidades, esta nova forma urbana vai vulgarizar-se por todo o país. Apesar de no corpo em estudo existirem casas em situações distintas, o loteamento suburbano parece ser o mais recorrente – contudo, a amostra é limitada.

“Para selecionar uma configuração adequada ao programa residencial pretendido e para fazer o melhor uso de suas qualidades, é vital reconhecer as qualidades específicas de uma série de configurações básicas.”⁷⁶

Através da análise de Bernard Leupen e Harald Mooij no livro *Housing design – a manual*, definiram-se 5 tipos de configuração urbana: objetos livres ou isolados, lote suburbano, desenvolvimento arterial, bloco perimetral e organização livre ou irregular.

A definição de objetos livres ou isolados dada por Leupen, refere-se especificamente a estruturas de habitação plurifamiliar. Contudo, a amostra de habitações unifamiliares aqui estudada demonstrou correspondências com esta configuração (prancha 6).

Surgem algumas casas soltas em amplos terrenos, que não apresentam referenciais construídos próximos. Este tipo de solução elimina problemas como o ruído, limitações de orientação solar, limitações de cércea, e ainda permite à casa estar rodeada de vegetação.

“Outros benefícios dos objetos livres incluem habitações bem abastecidas

76. LEUPEN, Bernard; MOOIJ, Harald, *Housing Design – a manual*, Rotterdam: NAI Publishers, 2011, p.205
“In order to select a suitable configuration for an intended residential program and to make the best use of its qualities, it is vital to recognize the specific qualities of a number of basic configurations.”

77. LEUPEN, Bernard; MOOIJ, Harald, *Housing Design – a manual*, Rotterdam: NAI Publishers, 2011, p.230
“Other benefits of the free-standing object include dwellings well-supplied with natural light and situated away from city noise (...)”

78. LEUPEN, Bernard; MOOIJ, Harald, *Housing Design – a manual*, Rotterdam: NAI Publishers, 2011, p.206
“One of the earliest forms of built environment consists of detached dwellings set side by side along a roadway or canal. This mode of construction is found along the arterial exit roads of many towns and villages and has often developed as a result of gradual growth in the local population. (...) The newer dwellings are situated further away from the (historic) village or town center with its communal facilities, but on the other hand in an easily accessible, scenic and open setting. (...) The natural, unplanned way this type of built environment develops means it can be found in diverse regions virtually across the entire world.”

79. LEUPEN, Bernard; MOOIJ, Harald, *Housing Design – a manual*, Rotterdam: NAI Publishers, 2011, p.206
“The villa park is characterized by a seemingly independent distribution of free standing volumes in a commonly scenic setting. The open spaces separating the volumes may be private property or public accessible. The sizable space of each dwelling is coupled with very low density, making the villa park configuration primarily suited to suburban areas.”

com luz natural e situadas longe do barulho da cidade(...)”⁷⁷

Uma outra configuração urbana prende-se de forma direta com a expansão das cidades para fora dos seus limites. De forma pouco organizada, um pouco por todo o país, surgiram casas construídas ao longo das vias de conexão entre duas cidades, dando origem ao que Leupen denomina como *desenvolvimento arterial* (prancha 7).

“Uma das primeiras formas de ambiente construído consiste em habitações unifamiliares, dispostas lado a lado ao longo de uma estrada ou canal. Este modo de construção é encontrado ao longo das estradas arteriais de saída de muitas cidades e vilas, e é muitas vezes desenvolvido como resultado de um crescimento gradual na população local. (...) Nos casos das habitações mais recentes, implementam-se mais afastadas do centro da vila ou cidade (histórica) onde existem os serviços comuns, mas por outro lado, num ambiente de fácil acesso, cénico e aberto. (...) A maneira natural, não planeada, como este tipo de ambiente construído se desenvolve faz com que possa ser encontrado em diversas regiões praticamente em todo o mundo”⁷⁸

Leupen identifica uma outra configuração consequência da expansão das cidades: o *Villa Park*. Ao contrário do desenvolvimento arterial, esta configuração é caracterizada pela existência de um plano urbanístico.

“Villa park é caracterizado por uma distribuição aparentemente independente de volumes num cenário comummente cénico. Os espaços abertos que separam os volumes podem ser propriedade privada ou acessível ao público. O espaço considerável destinado a cada habitação relaciona-se com uma densidade muito baixa, tornando a configuração do villa park adequado principalmente a áreas suburbanas.”⁷⁹

Numa adaptação à realidade portuguesa, fazemos corresponder o “villa park” aos lotes suburbanos ou de periferia (prancha 8). Esta configuração pode não estar associada a um ambiente bucólico e cénico, mas cujas características coincidem no que à baixa densidade, organização e localização diz respeito. Os lotes suburbanos surgem da expansão das cidades para fora dos seus limites e por isso, são frequentes em áreas suburbanas. Geralmente estes terrenos localizam-se em antigas zonas de cultivo, que o investidor adquire a preço baixo, para ali desenvolver áreas residenciais, dotadas de acessos e redes de abastecimentos e escoamento.

O bloco perimetral corresponde aos quarteirões que caracterizam os

centros de grande parte das nossas cidades, vilas ou aldeias, com escalas correspondentes à forma urbana em que se inserem.

Uma intervenção contemporânea num quarteirão (geralmente) consolidado tem de responder a um grande número de imposições, como as alturas dos lotes vizinhos, os afastamentos, e mesmo a orientação solar vai estar condicionada (prancha 9). Este terreno é geralmente menos flexível mas, por outro lado, pode oferecer uma maior proximidade a serviços e comércio.

“O bloco perimetral é característico da cidade europeia clássica que se desenvolveu durante e depois da Idade Média. A sua principal característica consiste numa linha contínua de edifícios ao longo de cada lado do bloco cidade. O lado exterior destes edifícios define, portanto, as ruas e espaços públicos, enquanto o espaço aberto dentro do bloco é protegido contra a atividade da cidade.”⁸⁰

Da observação das habitações unifamiliares indexadas surge a necessidade de anotar um outro tipo de organização, que não é referido no livro “Housing design: a manual”, a organização livre ou irregular (prancha 10). Este tipo de organização é fruto da falta de legislação reguladora das periferias ou zonas rurais do país. A sobreposição de tempos existente no território é visível não só pelas morfologias habitacionais, mas também pela forma espontânea como os terrenos vão sendo ocupados.

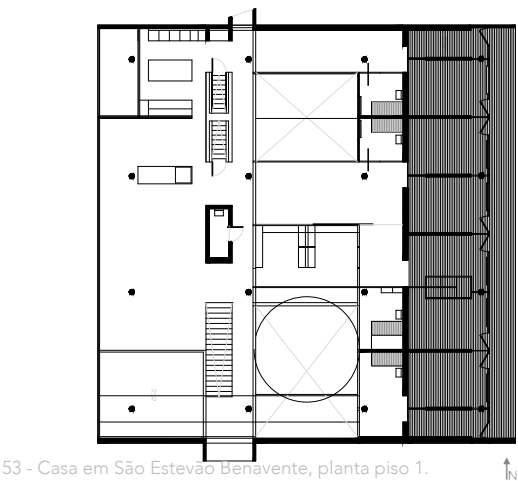
De seguida, ilustra-se cada uma destas organizações urbanas, e apontam-se estratégias utilizadas para fazer com que a habitação unifamiliar corresponda às demandas contemporâneas, quando inserida em cada uma destas morfologias urbanas.

É possível observar que cada uma delas oferece mais valias e condicionamentos. É também possível observar que todas estas morfologias estão contidas num sistema de rede, que conecta as casas à cidade, ao país, à Europa e ao Mundo, tema que se desenvolve de seguida.

80. LEUPEN, Bernard; MOOIJ, Harald, *Housing Design – a manual*, Rotterdam: NAI Publishers, 2011, p.130
“The perimeter block is characteristic of the classic European city as it developed during and after Middle Ages. Its essential feature is a continuous line of buildings along every side of the city block. The outer side of these building therefore defines the streets and public spaces, while the open space inside the block is shielded from the activity of the city”



51 - Casa em São Estevão Benavente, implantação.



53 - Casa em São Estevão Benavente, planta piso 1.



50 - Casa em São Estevão Benavente, Barbas Loepts Arquitetos.



52 - Casa em São Estevão Benavente, vista aérea.



54 - Casa em São Estevão Benavente, vista da rua de acesso.

Casa em São Estevão, Benavente, Barbas Lopes Arquitectos.

A casa encontra-se num amplo terreno (imagens 51 e 52) sem referenciais construídos, o que lhe retira além das condicionantes físicas e visuais, também as condicionantes legais. É um quadrado rotacionado em relação ao sol, para obter a melhor exposição solar possível: os quartos são virados a nascente e a zona social a poente. As fachadas Sul e Norte estão praticamente fechadas; têm uma só janela, sendo que a janela aberta a Sul tem precisamente o dobro do tamanho da janela aberta a Norte.

“Esta casa unifamiliar está localizada a uma hora de distância de Lisboa, numa propriedade cercada por eucaliptos e pinheiros. A paisagem envolvente está polvilhada com moradias espaçadas e relvados. Por sua vez, uma clareira na floresta abriga a plataforma desta casa. É uma caixa quadrada de betão, levantada do chão por pilares. (...) Grandes envidraçados abrem-se para pátios interiores captando transparências e reflexões do exterior. Os pátios expandem o interior ao nível das árvores, nivelados com a folhagem. A casa é uma ilha rodeada por um mar de nostalgia falsa. Como proteção, recorre à natureza e ao brutalismo.”ⁱ

ⁱ Barbas Lopes Arquitectos Studio, House ML. n.d. Disponível em: <http://barbaslopes.com/np4/77.html> [Acedido em 27/08/2017]



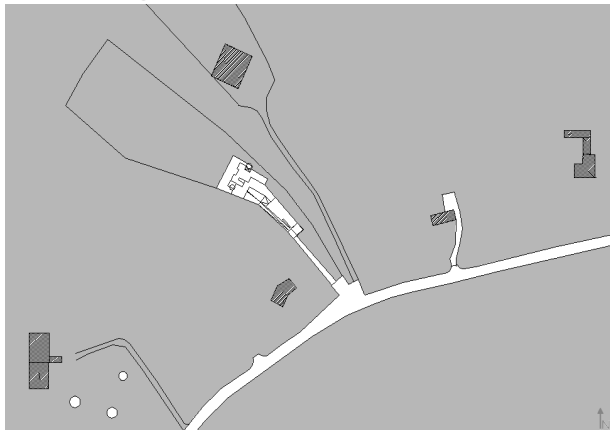
55 - Casa no Magoito, Inês Lobo Arquitetos



56 - Casa no Magoito, vista aérea



57 - Casa no Magoito, localização relativa às localidades mais próximas.



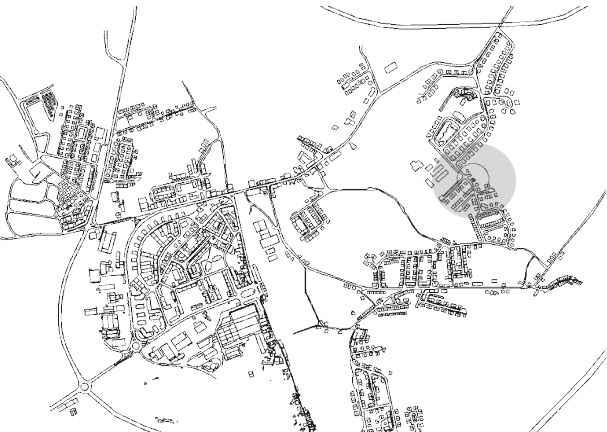
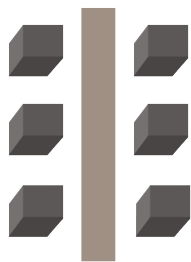
58 - Casa no Magoito a branco; Habitações unifamiliares a trama preta.



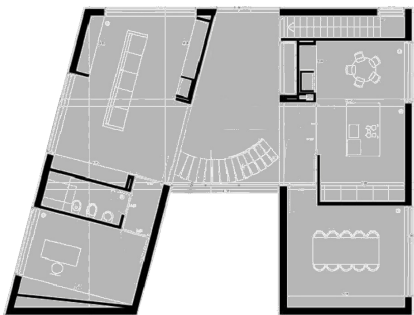
59 - Casa no Magoito, vista da rua de acesso.

Casa no Magoito, Inês Lobo Arquitetos

Como é possível observar na imagem 58, a Casa no Magoito localiza-se na (única) rua de conexão entre a localidade de Magoito e Fontanelas. Esta estrada de ligação entre as duas localidades foi sendo pontuada por habitações unifamiliares que, dispersas, se camuflam na paisagem. A proximidade ao mar (imagem 57) fez com que se construísse uma “caixa forte” de proteção contra os ventos do Atlântico (imagem 55). De condição periférica, este tipo de solução não apresenta tantos condicionalismos quanto o exemplo anterior. A casa, num terreno de “beira da estrada” é na realidade construída no seu interior, protegendo-a da via de circulação. A paisagem em seu redor, por se localizar numa via de expansão dos aglomerados urbanos, é uma clara ilustração da mescla entre rural e urbano.



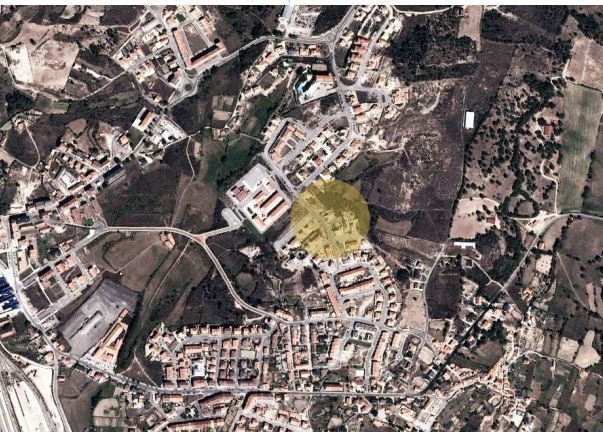
61 - Casa no Chão das Giestas, planta de implantação.



63 - Casa no Chão das Giestas, planta piso 1.



60 - Casa no Chão das Giestas, Arquiteto Carlos Veloso



62 - Casa no Chão das Giestas, vista aérea.



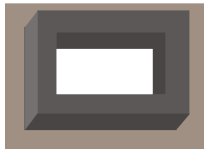
64 - Casa no Chão das Giestas, vista da rua de acesso.

Casa no Chão das Giestas, Arquiteto Carlos Veloso

Os lotes suburbanos têm geralmente áreas de construção limitadas, e caracterizam-se pela proximidade a construções vizinhas (geralmente habitações unifamiliares). Por isso, na Casa no Chão das Giestas a fachada voltada para a rua é completamente encerrada nos dois volumes que abrigam o programa habitacional. O corpo de vidro que os une, o núcleo de circulação, é a exceção que se abre para a rua.

“Contexto: A casa desenvolve-se tendo como pano de fundo a cidade de Guarda. O lugar, profundamente alterado, se localiza em um contexto periférico recentemente urbanizado. O território natural foi descaracterizado pelas mudanças na topografia causadas pela urbanização. Os espaços públicos existentes são construídos sem uma organização adequada ao terreno do lugar, forçando um loteamento artificial ocupado por diversas tipologias diferentes. Terreno: Um lote de esquina com forma trapezoidal. As ruas cercam o terreno em active. Boa orientação e incidência solar. Restrições na implantação do volume do edifício inicialmente previsto.”ⁱ

i AVA Architects, Chão das Giestas House. 18 Mai 2014. ArchDaily Brasil. (Trad. Baratto, Romullo) Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/602126/casa-chao-das-giestas-ava-architects> [Acedido em: 1/03/2016]



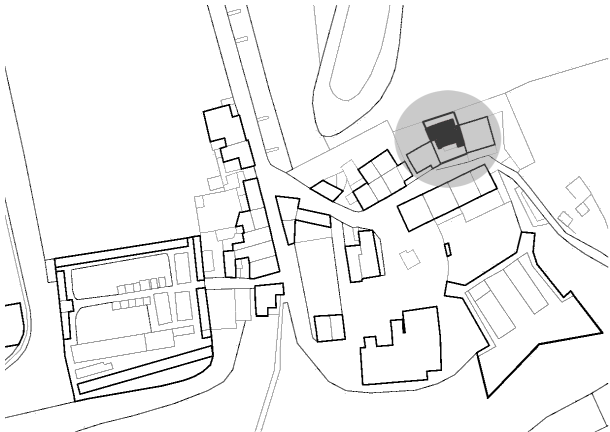
65 - Casa em Cacela a Velha, Arquiteto Victor Neves



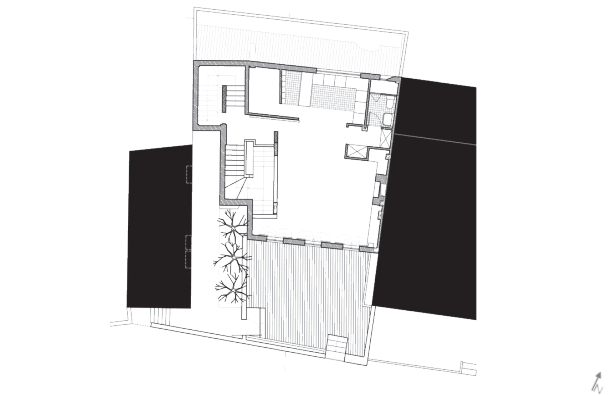
67 - Casa em Cacela a Velha, localização da vila.



69- Casa em Cacela a Velha, via de acesso.



66 - Casa em Cacela a Velha, localização em relação à vila.



68 - Casa em Cacela a Velha. Organização do piso 0 em que se observam os serviços voltados a Norte e a zona social voltada a Sul.

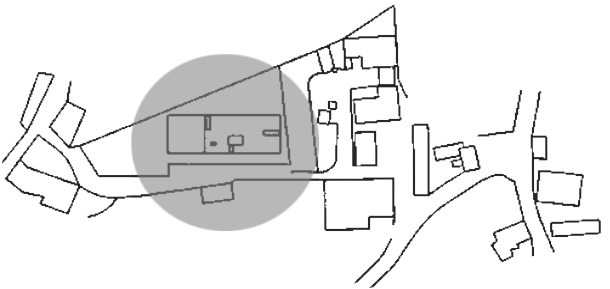
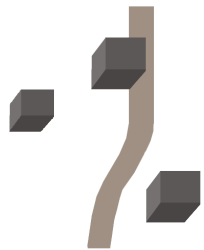
Casa em Cacela a Velha, Arquiteto Victor Neves

“O tecido urbano de Cacela Velha e a sua estrutura edificada caracterizam-se por uma unidade visual que é fundamentalmente determinada pela unidade cromática e de texturas, derivantes das técnicas construtivas e dos materiais usados na construção dessa estrutura. Ao contrário, as volumetrias e os alinhamentos que se observam na estrutura edificada, na estrutura espacial do espaço público ou nos elementos que definem a divisão da propriedade e os limites urbanos – caso dos muros – é bastante diversificada, como é habitual em aglomerados da mesma gênese e características.”

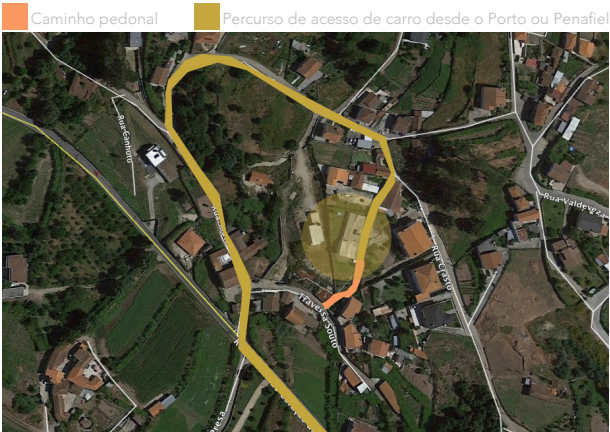
Esta nova habitação apresenta um esforço reformulador, que parte da interpretação do conjunto edificado.

“Refira-se a esse propósito que os muros das edificações vizinhas situados a leste apresentam uma extensão assinalável, que lhes confere um grande protagonismo visual, pelo que a interrupção altimétrica que é criada pelo muro proposto no presente projeto atenua a sua extensão e reforça o equilíbrio do conjunto do casario visível a norte.”ⁱ

ⁱ VICTOR NEVES, Casa em Cacela a Velha; 9 de Janeiro de 2014, Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/957547/casa-unifamiliar-em-cacela-velha-slash-victor-neves> [Acedido em: 20/09/2016]



71 - Casa em Irivo, Arquiteto Cláudio Vilarinho, localização.



73 - Casa em Irivo, Arquiteto Cláudio Vilarinho, acessibilidade.

Casa em Irivo, Arquiteto Cláudio Vilarinho

A casa localiza-se perto de uma estrada com algum movimento, pois é a partir dela que se chega ao apeadeiro do comboio. A partir dessa estrada surgem vários caminhos transitáveis de carro ou apenas pedonais, construídos gradualmente, conforme eram construídas as casas de quem aqui habita. Esta construção gradual e desregulamentada resulta numa organização irregular. Para aceder à casa em Irivo, é necessário contornar os terrenos que sobem a colina e, no topo desta, passar entre duas casas – como se fosse em direção à traseira dessas duas casas – o que dá a impressão da casa estar construída num terreno interior ao (inexistente) quarteirão.

“Quando descemos o caminho existente, vemos um volume que nos acompanha na descida, e de repente esse volume aproxima-se do solo e projeta-se para o vale. O estacionamento está localizado abaixo da casa (que se encontra projetada 10m no ar), o chão é feito de redes de cimento que permitem a circulação de um carro enquanto a relva cresce.”ⁱ

ⁱ VILARINHO, Cláudio. House 1 in Penafiel. Disponível em: <http://claudiovilarinho.com/projects/penafiel1/> [Acedido em: 20/05/2017] *“When in a highest stage we are descending the existing path, we see a volume that comes down and accompanies us, suddenly this volume leans up and projects itself to the valley. The parking is located below the house (standing 10m in the air), the floor is made out of cement slabs that enables the circulation of a car while the grass grows.”*



70 - Casa em Irivo, Arq. Cláudio Vilarinho



72 - Casa em Irivo, localização em relação à rua de acesso principal.



74 - Casa em Irivo, Arquiteto Cláudio Vilarinho, rua de acesso.

“Até certo ponto, as aglomerações urbanas podem ser lidas como redes compostas de linhas e nós, de links e pontos de acesso a esses links ou conexões entre os vários tipos de links. As linhas incluem estradas, rios e vias navegáveis, redes ferroviárias e rotas aéreas. Os nós incluem as vias de aceleração e abrandamento, os portos, as estações de comboio, os parques de estacionamento e os aeroportos. O desenho de um novo projeto de habitação deve considerar a localização do projeto em relação à rede urbana. Quão acessível é o futuro projeto, qual é o potencial do lugar dentro da rede urbana?”⁸¹

A era da informação e mobilidade, é também a era da conectividade. Nunca estivemos tão conectados como agora. Da facilidade em comunicar passou-se para uma relação de dependência vinculada às redes sociais proporcionada pela popularização dos *smartphones*. A principal representação do habitante deixa de ser a casa, e passa a ser o eu virtual, manipulado, onde até certo ponto é possível controlar a imagem a transmitir (a representação).

Estamos constantemente, vinte e quatro sobre vinte e quatro horas, conectados ao mundo. A casa está mais conectada do que nunca – ela equipase com cada vez mais rápidas conexões de internet e dispositivos interativos que podemos controlar no telemóvel. A transformação da habitação de contentor a objeto interativo, deve-se em grande parte às redes informáticas, mecânicas e de comunicações que hoje fazem parte dela. De facto, uma realidade que à poucos anos parecia ficcional, hoje é acessível à grande maioria da população: a principal operadora nacional no sector de energia disponibiliza aos seus clientes uma aplicação capaz de monitorizar os consumos de energia instantâneos, bem como programar, ligar e desligar tomadas através de uma aplicação para o *smartphone*.

Se antes a necessidade de estar conectado arrastou boa parte da população para o litoral – pela proximidade a novas oportunidades de trabalho, proximidade a serviços, etc.. – hoje, apesar de se manter a concentração da população no litoral (mapa 1) existe a garantia de que estamos sempre próximos de tudo.

A facilidade crescente em conectar – comunicar com família e amigos, trabalhar e fazer compras a partir de casa, etc. – pode ser precursora de uma (ainda) tímida inversão da tendência do desejo de proximidade ao centro. A contribuir para essa inversão está também o facto das distâncias poderem ser agora calculadas não em quilómetros mas em minutos.

No intuito de observar a casa em relação a um centro, organiza-se na página seguinte (prancha 11) um esquema onde se representam os dois maiores centros urbanos do país – Lisboa e Porto – e a sua relação de proximidade



Distribuição das habitações unifamiliares em estudo, em Portugal Continental

81. LEUPEN, Bernard; MOOIJ, Harald, *Housing Design – a manual*, Rotterdam: NAI Publishers, 2011, p.337 To some extent urban agglomerations can be read as networks composed of lines and nodes, of links and access points to those links, or connections between the various kinds of links. The lines include roads, navigable rivers and waterways, rail networks and flight paths. The nodes include the slip roads, ports, stations, bus and tram stops, park and ride facilities and airports. The design of a new housing project must consider the project's location in relation to the urban network. How accessible is the future project, what is the site's potential within the urban network?"

para com os casos de estudo. São anotadas as distâncias em minutos e em quilometragem. Para isso são considerados os acessos automóveis disponíveis.

O Porto e Lisboa estão rodeados por um círculo preenchido: a azul o Porto e a vermelho Lisboa. As casas que surgem dentro desse círculo, Casa Xavier no Porto, e Casa do Alto da Ajuda em Lisboa, inserem-se dentro do limite das respectivas cidades. Um outro círculo, maior e de cor mais clara, indica em simultâneo os limites do distrito e uma distancia menor do que 30 minutos ao centro. Assim sendo, as casas que se encontram dentro deste limite, pertencem ao distrito de Lisboa e Porto, respectivamente, e através do automóvel é possível chegar aos respetivos centros em menos de meia hora. A Casa em Lourosa em Santa Maria da Feira é exceção, pois apesar de se localizar a menos de meia hora do Porto, não pertence ao distrito. O contrário sucede com a Casa no Magoito, em Sintra, que apesar de pertencer ao distrito de Lisboa, se encontra a mais de meia hora do centro.

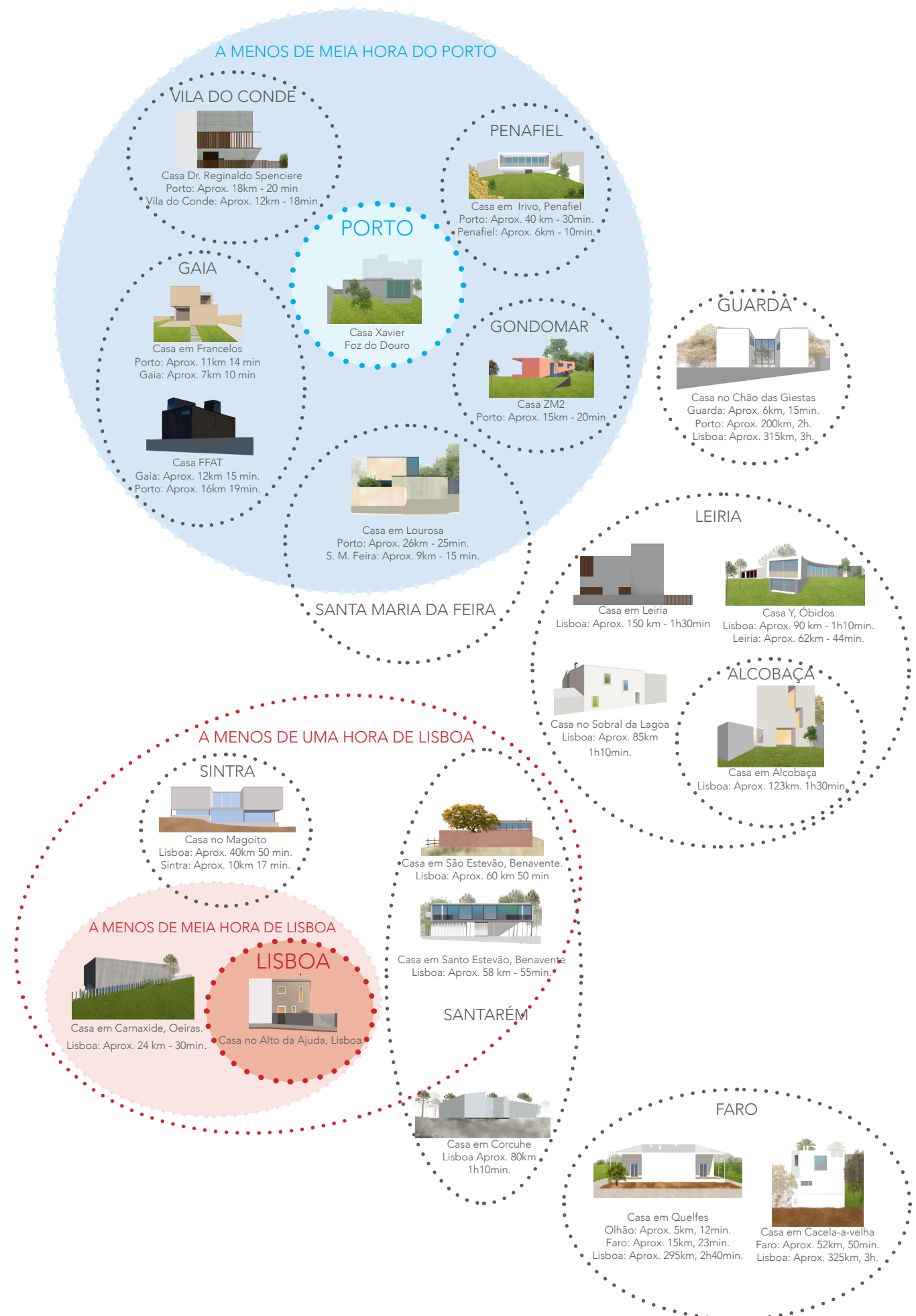
Observa-se uma maior disseminação das construções na região de Lisboa. Aqui as casas estão mais espaçadas, muito devido à grande concentração de volumes edificados no centro, que não permite a construção rentável da tipologia unifamiliar. Exemplo disso é a Casa no Alto da Ajuda, que apesar de se localizar em Lisboa, ergue-se num terreno onde existia uma casa que foi demolida. Em relação a Lisboa há que destacar o distrito de Leiria, com quatro casas construídas a cerca de uma hora e meia de Lisboa.

No Porto verifica-se uma maior proximidade das construções em relação ao centro, retratando a organização em pequenos núcleos urbanos a orbitar em seu redor. As casas são construídas em cidades relativamente independentes, mas em simultâneo garantem a proximidade ao centro urbano através de uma boa rede viária. Isso permite a deslocação das habitações para regiões mais afastadas porque, apesar disso, oferecem fáceis acessos.

Este esquema ilustra o sistema em teia existente: a casa aproxima-se de um centro de cidade, que se conecta a um dos centros urbanos mais desenvolvidos do país, que por sua vez se relacionam entre si e oferecem ligações com o mundo.

Hoje, além das redes viárias e de transportes, também as conexões virtuais aproximam a casa e o cidadão ao mundo, o que lhe permite localizar-se (fisicamente) longe da azafama dos centros urbanos, e das – já muito confusas – periferias.

A possibilidade de estar conectado constantemente, de chegar rapidamente ao centro, contribuí para um número cada vez maior de habitações que se afastam propositadamente dos centros e procuram terrenos mais próximos da natureza.



“Esta possibilidade foi, naturalmente, promovida pela mudança de uma geração obcecada com a relação entre arquitetura e cidade (a cidade como um cenário estável, resultado final do construído). Para outra geração mais sensível a um novo envolvimento com a natureza (Uma natureza obviamente manipulada, híbrida e indomada, em vez de uma domesticada e bucólica).”⁸²

Assim, apesar das várias morfologias urbanas em que se insere a casa, já anotadas no momento anterior, hoje é garantida a possibilidade de conexão física ou virtual, qualquer que seja a distância da sua implantação em relação aos aglomerados urbanos.

Além dessas morfologias urbanas, também a forma como a casa se relaciona com a teia urbana assume inúmeras configurações. Estas configurações têm em conta a circunstância urbana em que a casa se insere, bem como a intenção de projeto – que pode estar relacionada com desejos do cliente, limitações do terreno, de orientação ou legais. A casa poderá abrir-se ao exterior, se as vistas ou orientação o justificarem. Contudo, verifica-se que é cada vez mais frequente a habitação a *olhar para dentro* (prancha 12 e 13).

Se por um lado há mais comunicação entre indivíduos no ciberespaço, no espaço real a comunicação extingue-se. Há uma crescente expressão da necessidade de proteção física da privacidade, apesar desta ser cada vez mais contrariada pela exposição pessoal nas redes sociais. A casa fecha-se em muros, vegetação, pátios internos – habitações-fortaleza que garantem a privacidade aos seus indivíduos e que, contrariamente à geração anterior (casa como representação) não deixam adivinhar o seu interior.

Além disso, apesar da cidade densa ser constituída por referenciais estáveis ou consolidados, nas periferias, por sua vez, há uma constante condição de mutação que lhes é associada, além de uma envolvente confusa, que só tardiamente começou a ser planeada. Por isso muitas vezes, é adotada uma atitude de negação da envolvente (prancha13).

“A emergência da ideia de ciberespaço foi um fenómeno que prometeu alterar a nossa relação com o lugar. (...) Na sua experiência presente, qualquer lugar, com tudo o que envolve de subjectivo, de documental e ficcional, regista tanto um passado material e textual quanto antecipa os anseios e desejos de futuro. Em suma, o lugar não é só uma construção física e visual, mas principalmente construção e reconstrução constante das práticas sociais, culturais e criativas que lhe deram, dão e darão vida.”⁸³

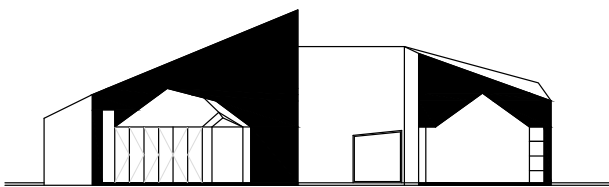
A casa Coruche (prancha 12) e a casa FFAT dos Arquitetos Anónimos (prancha 13), são exemplos manifestos do desejo de criar um distanciamento entre exterior e interior. A primeira quebra a relação casa-natureza, e a sua forma



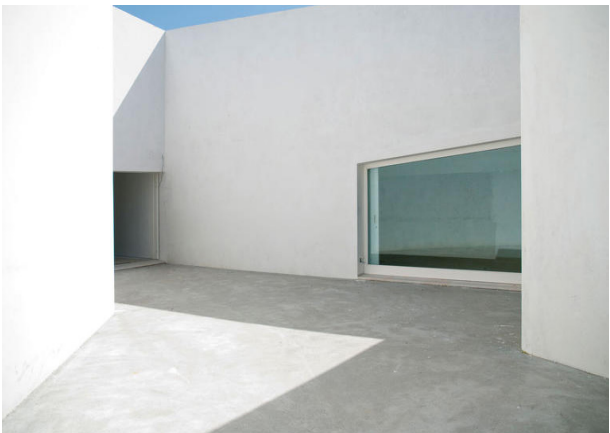
75 - Casa Coruche, Aires Mateus. Fotografia exterior - frente.



76 - Casa Coruche, Aires Mateus Arquitetos. Fotografia exterior - traseira



77 - Casa em Coruche, Arq. Aires Mateus. Corte.



78 - Casa Coruche, Aires Mateus Arquitetos. Fotografia do pátio.



79 - Casa Coruche, Aires Mateus Arquitetos. Fotografia do pátio.

Casa em Coruche, Aires Mateus e Associados

A sensibilidade perante o envolvimento com a natureza associada à facilidade de comunicação via conexões telefónicas, televisivas ou virtuais, permite a construção de habitações unifamiliares em situações isoladas. Nesta casa em Corcuhe, o terreno amplo é envolvido por natureza, o que garante ao habitante horizontes desafogados para a paisagem existente.

Contudo, desliga-se do mundo exterior criando o seu próprio microuniverso, através do pátio/nicho privado para onde se abrem todas as suas dependências. A casa desenvolve-se sobre esse pátio central e não tem qualquer abertura para o exterior. Uma casa a olhar de dentro para dentro, que enfatiza a negação da envolvente, quer através dessas aberturas que rareiam, quer através da forma. Próxima do arquétipo, a forma branca compacta é a declaração de antagonismo perante a envolvente natural.

“Um pátio é rasgado deixando a memória das arestas. Neste pátio abrem-se também os vãos dos quatro espaços principais: cozinha, sala, quarto principal e uma sala de crianças, para a qual dão as alcovas. A casa tem formas reconhecíveis e acabamentos tradicionais, brancos com chão em soalho à antiga portuguesa.”ⁱ

i Aires Mateus. Casa, Coruche. Arq/a, Arquitetura e Arte, Lisboa: Futurmagazine Sociedade Magazine, Lda., v.42, p.50, Fev. 2007. ICS: 124055

82. GAUSA, Manuel, *Home lands in land*, in Manuel, SALAZAR, Jaime, *Singular housing: el domínio privado*. Barcelona: GG, 2002, p.231
“This possibility has, naturally, been promoted by the changeover from a generation obsessed with the relationship between architecture and city (the city as a stable scenario, final outcome of the built.), to another generation more sensitive to a new engagement with nature (an obviously manipulated, hybrid and untamed nature, rather than a domesticated and bucolic one).”

83. BAPTISTA, Luís Santiago. *Placeless: Para além da negatividade*. Dédalo #9, place:less. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2013, p.21



80 - Casa FFAT, Arquitetos Anónimos; Fotografia exterior - traseira.



81 - Casa FFAT, Arquitetos Anónimos; Vista aérea, Google Maps.



82 - Casa FFAT, Arquitetos Anónimos; Esquema conceptual.

Casa FFAT, Arquitetos Anónimos

“Começando pelo conceito de uma pequena casa, tentamos envolver a “realidade” como um dos fatores decisivos neste trabalho: os regulamentos do plano urbano camarário indicaram-nos o perímetro e localização possível deste edifício, e a excessiva proximidade para com as casas adjacentes levou-nos a uma solução arquitetónica fechada aos seus vizinhos através da manipulação do espaço interior. Mas, mesmo que envolvida, a realidade não pode invadir o espaço interior: o contraplacado escuro à prova de água da fachada é uma espécie de “fato espacial” que protege contra a “radiação” do contexto e do seu território. A fim de melhorar a ventilação e a privacidade, duas claraboias trazem luz diurna permanentemente ao interior, mesmo quando a “pele” exterior está completamente fechada. É uma forma de enfrentar o desafio de construir em lotes tão pequenos.”ⁱ

Na casa FFAT a sua principal intenção transforma-se em conceito modelador de todo o projeto: garantir a privacidade do seu habitante negando manifestamente a envolvente. Localizada em Vila Nova de Gaia, próxima a um dos maiores centros urbanos (Porto) e muito conectada, encontra-se lado a lado com um prédio em altura, o que compromete a privacidade deste lote. Os Arquitetos Anónimos pensaram numa caixa negra de avião, compacta e capaz de proteger a informação que contém no seu interior. A casa volta-se para dentro e enfatiza esta fronteira entre interior – íntimo, calmo e branco – e exterior – confuso, povoado e escuro.

“Situada num banal loteamento urbano em S. Felix da Marinha – desses que vão preenchendo a linha de costa portuguesa de pequenas quadriculas de ruas e impasses – o projecto ensaia, simultaneamente, uma ruptura e uma proximidade com a vizinhança. (...) No entanto este monólito negro dialoga com os seus vizinhos, através de um jardim murado, cujo revestimento, em azulejo pitoresco, nos remete para o imaginário envolvente. Eis um projecto que opera e ironiza em torno da sua condição periférica, tornando-a, conceptualmente, no centro das suas opções.”ⁱⁱ

ⁱ Arquitetos Anónimos. FFAT HOUSE. tradução livre; Disponível em: <http://www.arquitectosanimos.com/FFAT-HOUSE> [Acedido em: 31/05/2017]
ⁱⁱ Habitar Portugal 2006/2007; Ficha Técnica número 24. Disponível em; <http://0608.habitarportugal.org> [Acedido em: 31/05/2017]



83 - Casa Xavier, Seródio Furtado Arquitetos.



84 - Casa Xavier, Seródio Furtado Arquitetos. Vista aérea, Google Maps.



85 - Casa Xavier, Seródio Furtado Arquitetos.



86 - Casa Xavier, Seródio Furtado Arquitetos.



87 - Casa Xavier, Seródio Furtado Arquitetos. Vista da Rua.



88 - Casa Xavier, Seródio Furtado Arquitetos. Vista da Rua.

Casa Xavier, Seródio Furtado & Associados

Perto de vias de circulação muito movimentadas, localizada num dos principais pólos urbanos do país – Porto – e próxima de habitações plurifamiliares construídas em altura, a Casa Xavier é refugio frente a um contexto movimentado. O volume compacto, imperceptível a partir da rua, surge enterrado. Tomando partido da diferença de cotas entre as duas ruas que limitam o terreno, um piso inferior abriga a garagem, as zonas de serviço e os quartos que se abrem para um pátio enterrado, protegido com muros altos, onde existe uma piscina. A entrada acontece ao nível da rua mais alta, piso onde se desenvolve a cozinha e a sala. As placas de betão dão-lhe a aparência de fortaleza que se protege contra o exterior, aparência que é suavizada pelos arbustos que cobrem o restante da fachada.



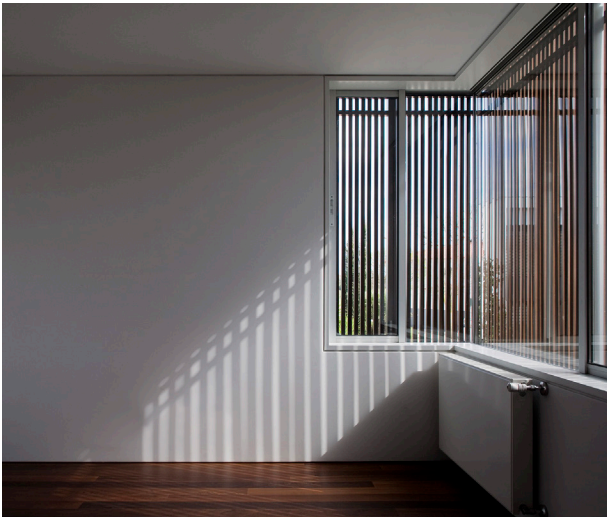
89 - Habitação Unifamiliar em Leiria, [A] ainda Arquitetura



90 - Habitação Unifamiliar em Leiria, [A] ainda Arquitetura Vista aérea.



91 - Habitação Unifamiliar em Leiria, [A] ainda Arquitetura Fotografia exterior - traseira.



92 - Habitação Unifamiliar em Leiria, [A] ainda Arquitetura.

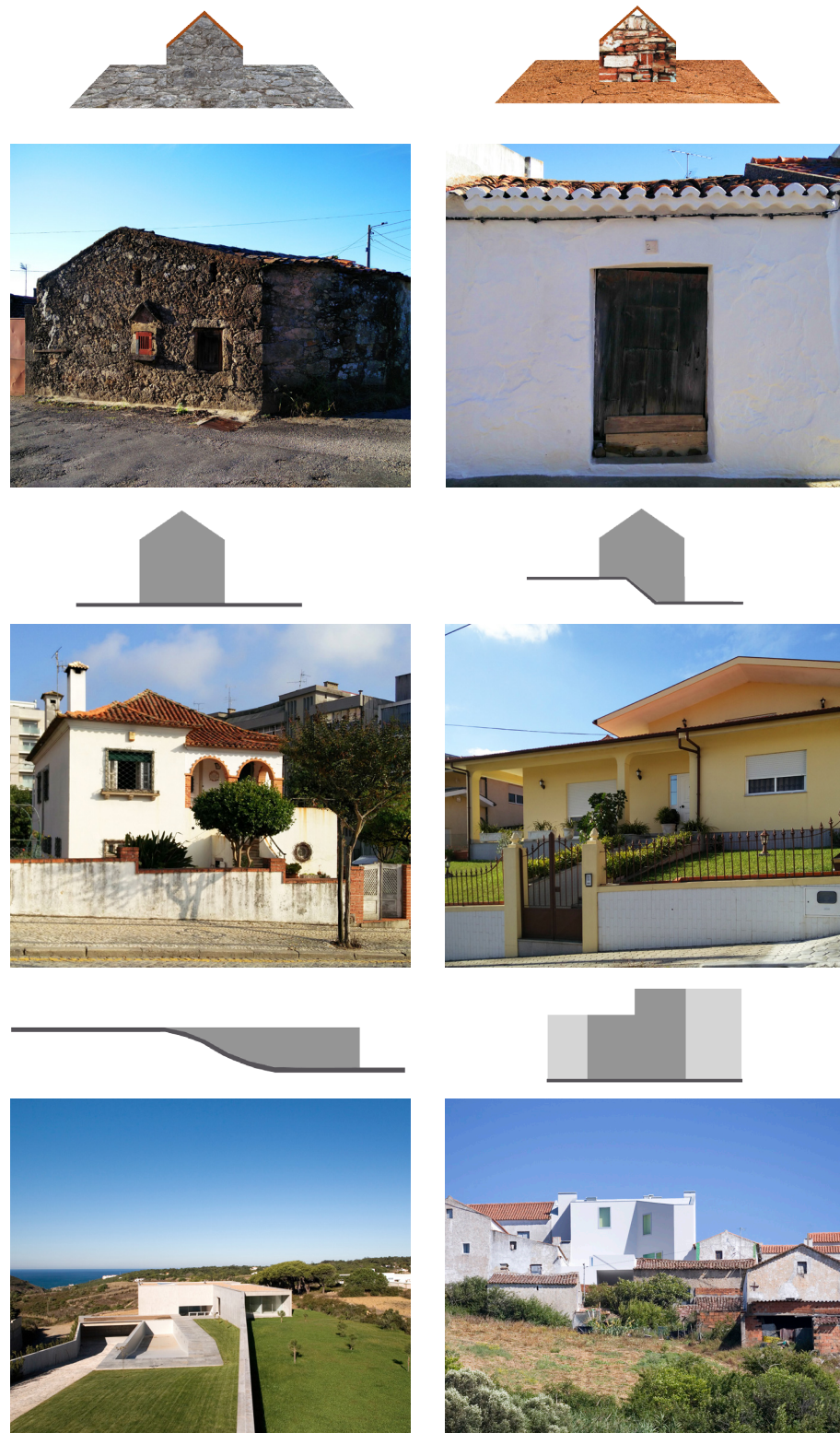


93 - Habitação Unifamiliar em Leiria, [A] ainda Arquitetura. Vista google streetview

Habitação Unifamiliar em Leiria, [A] ainda Arquitetura

Vista da rua que lhe dá acesso a casa é composta por dois volumes compactos e aparentemente opacos. Um dos volumes, o mais alto, é completamente fechado até à altura do muro, a partir da qual se abre a porta de entrada, invisível a partir da rua. O outro volume, mais baixo, tem aberturas que são dissimuladas por ripas de madeira, que garantem a privacidade do habitante. Nas traseiras, onde a vista é desafogada e não existem construções próximas o volume mais alto abre-se completamente num pano de vidro, sobre o qual correm painéis de madeira com vista a controlar luminosidade. Protegido por um muro existe também um pátio com piscina, para onde se abrem as salas, permitindo a utilização do exterior sem comprometer a privacidade.

traduz-se numa ilustração literal da expressão *casa voltada para dentro*. A segunda, por se localizar muito próxima de habitações plurifamiliares que, pela sua configuração em altura comprometem a sua privacidade, encerra-se às vistas alheias. Outros exemplos são a Casa Xavier que ao estar próxima de construções em altura, constrói as zonas íntimas enterradas, no piso -1, abrindo-as para um pátio (prancha 14). A casa surge como um bloco monólito compacto semienterrado, rodeada de habitações unifamiliares que por corresponderem a outros tempos e circunstâncias construtivas se assemelham com a “casa de emigrante”, e muito perto de movimentadas vias de circulação. Assim, ela surge escondida, protegida pelo terreno, sendo impossível ver a casa a partir da rua (prancha 14). A Casa em Leiria controla as já raras aberturas existentes na fachada que dá para a rua através de ripas de madeira, e abre-se de forma ampla no alçado de tardoz, cuja vista é desafogada (prancha 15). Estas e outras habitações unifamiliares aqui estudadas, sugerem o desejo de afastamento físico em relação ao caos urbano que se associa a uma ideia de negação da envolvente. Essa negação surge através de um reforço da ideia de refúgio frente ao contexto. Mais do que abrigo, a casa deve agora oferecer refúgio. Além de abrigar e proteger de fenómenos naturais, ela protege e abriga o indivíduo da própria sociedade. Reflete o desejo intimista de recolhimento por parte do habitante que, apesar de se conectar constantemente com o mundo através das telecomunicações, necessita da garantia (ou do sentimento de controlo absoluto) em relação ao que é e não é visível, desejo distinto do habitante da geração anterior que via a casa como instrumento de representação.



De cima para baixo:

Relação direta entre material e meio ou terreno.

Casa Pousada / Casa que mantém a preocupação formal mas se adapta ao declive do terreno.

Casa que interage com o contexto.

“O objeto “casa” perde a sua forma espacial convencional ou moderna, para retomar ações, estratégias ou formas alternativas de adequação ou reelaboração espacial.”⁸⁴

“A mudança do foco na casa como um objeto para a progressiva assimilação ou dissolução do projeto dentro dos contextos em que a arquitetura é produzida.”⁸⁵

Durante muito tempo a relação casa/meio foi uma condicionante primária à construção da habitação, pela utilização de materiais e sabedoria locais. Este reflexo distorce-se à medida que se esbatem as diferenças regionais e se acumulam as influências externas.

Nas casas tradicionais existiu uma relação direta entre estrutura e meio através da utilização direta dos materiais disponíveis. Relação que deixa progressivamente de ser linear, devido à evolução da casa unifamiliar, à qual corresponde uma progressiva absorção de influências e utilização de novos materiais à escala global, mas também do abandono da exploração da terra como meio de subsistência, que contribuiu para um distanciamento entre habitação unifamiliar e meio.

Regra geral, da casa intrinsecamente conectada ao lugar pela utilização de materiais locais, passa-se para uma casa de onde se destacam características formais, geralmente pousada no terreno (ou em caso de grande declive, adaptada ao mesmo através da construção de um piso inferior).

Hoje, observa-se que este distanciamento tem vindo a ser contrariado, não tanto pela utilização de materiais locais associados à arquitetura tradicional, mas antes, através de um esforço cognoscível pela integração da nova construção no meio. Em vez da relação direta entre casa e terreno obtida através dos materiais, a relação da casa para com o meio apoia-se num esforço para conhecer, interpretar e interagir com o contexto, o que é mais perceptível na formalização (ou dissolução da forma no terreno), do que na materialização da casa.

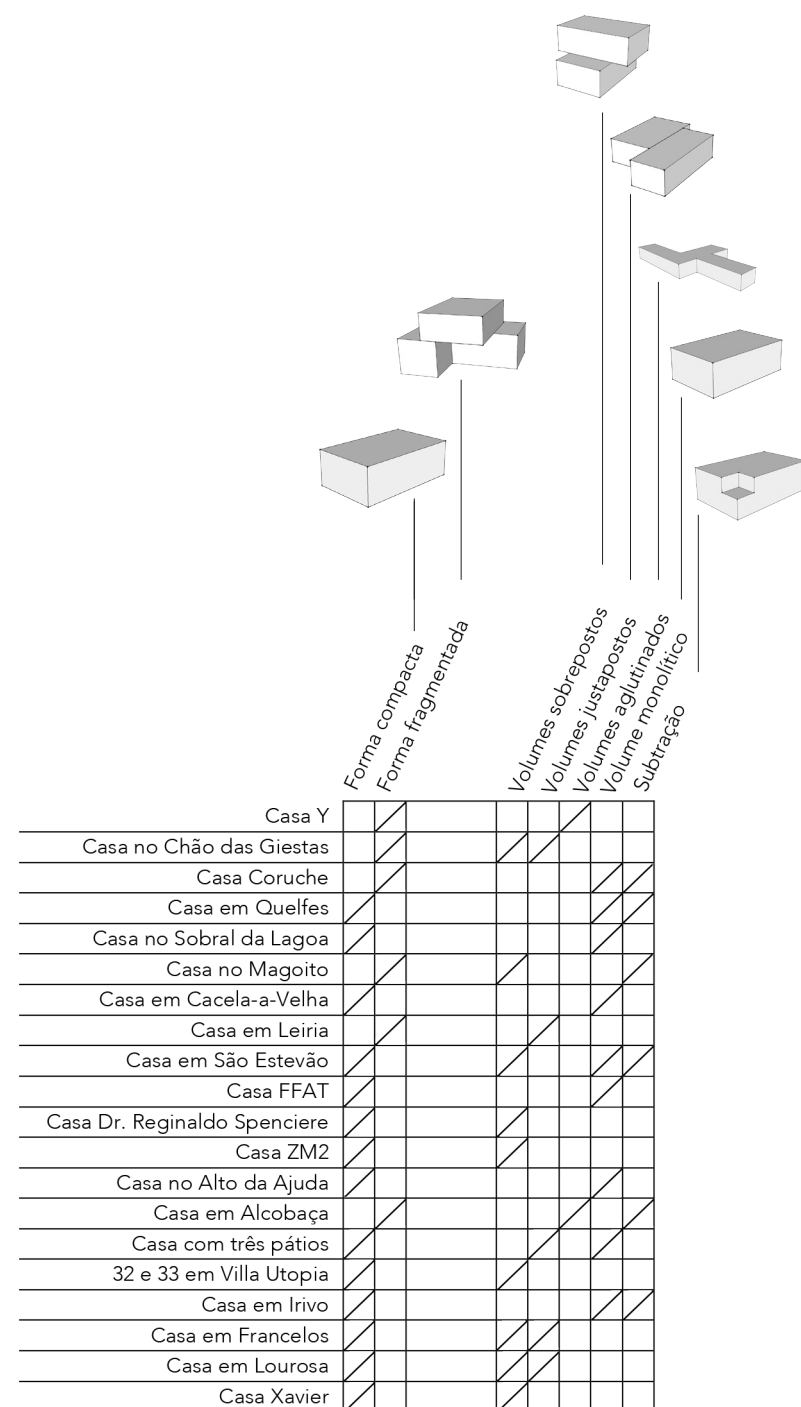
“A relação entre figura e fundo é diluída. Na maioria dos casos analisados aqui, de fato, testemunhamos uma dissolução – tomando forma de esquemas, diagramas, sistemas e paisagens – do que até então foi interpretado como um “objeto arquitetónico.”⁸⁶

O terreno figura agora como referencial no processo de projeto. A atenção à orientação das aberturas, a utilização das curvas de nível na determinação da localização do volume ou mesmo na definição deste, a reintegração de materiais locais, ou apenas manutenção de preexistências, são fatores

84. SALAZAR, Jaime. *La casa como paisaje*, in GAUSA, Manuel, SALAZAR, Jaime, *Singular housing: el dominio privado*. Barcelona: GG, 2002, p.178 “El objeto “casa” pierde su forma espacial convencional o moderna para retomar acciones, estrategias o formas alternativas de adecuación o reelaboración espacial.”

85. SALAZAR, Jaime. *House as an interface*; in GAUSA, Manuel, SALAZAR, Jaime, *Singular housing: el dominio privado*. Barcelona: GG, 2002. “The shift from the focus on the house as an object to the progressive assimilation or dissolution of the Project within the contexts in which architecture is produced.”

86. GAUSA, Manuel, SALAZAR, Jaime, *Singular housing: el dominio privado*. Barcelona: GG, 2002, p.9. “The relation between figure and ground is diluted.” In the majority of cases analysed here, in fact, we witness a dissolution - taking the forms of schemas, diagrams, systems and landscapes - of what has hitherto been interpreted as an “architectonic object.”



Quadro 3 - Forma genérica da estrutura

que figuram na nova relação entre contexto físico e casa – reflexos de uma alteração de consciência sobre o meio, numa atitude mais do que interventiva, colaborativa e reestruturadora.

No universo de casos aqui estudado, foi possível distinguir dois grupos principais no que à forma diz respeito (quadro 3): forma compacta (próxima do monólito) que surge pousada no terreno, e forma fragmentada (composições de volumes) sendo que, geralmente, ambas são consequência do meio que as acolhe. Ao observar essa categorização compreende-se que a forma não existe por si só – é fruto de inúmeras escolhas do ponto de vista prático, programático, regulamentar ou conceptual.

Por exemplo, as formas compactas são muitas vezes resultado de imposições do terreno, como a regulamentação ou construções vizinhas – o que acontece na Casa no Chão das Giestas, na Casa no Sobral da Lagoa (prancha 16) ou nas Casa em Lourosa e na Casa FFAT.

Mas podem também surgir a partir de opções de projeto ou materialização, como acontece com a Casa em Irivo (prancha 17) em que o volume pousa na colina, ou na Casa em São Estevão (prancha 18) que se encontra num terreno desafogado com poucas restrições e se materializa num volume compacto, propondo diversos enquadramentos da paisagem através de pátios, libertando o terreno, deixando-o natural.

O mesmo acontece nas formas fragmentadas, que apesar de geralmente proporcionadas por terrenos que garantem maior flexibilidade, surgem também nos pequenos lotes.

O que importa aqui apurar é, mais do que o “tipo” de forma que a casa adquire, o porquê dela ganhar essa feição.

Constata-se que a forma da casa resulta, quase sempre, do esforço por integrar a nova construção no existente – seja ele uma paisagem natural, uma aldeia consolidada, uma periferia regulamentada. A intenção prende-se essencialmente com fazer pertencer a nova estrutura ao meio existente – dissolver as duas realidades, conseguindo idealmente que o elo da sua relação seja ténue, sutil, imperceptível. Isto não significa que o lugar onde se propõe a nova construção se deve manter igual (semelhante). Pelo contrário, a casa tem muitas vezes uma ação reestruturadora, de reação frente ao meio, sendo capaz de introduzir reformas onde se insere – melhorar a envolvente sem para isso ter de se destacar.

Como exemplo de integração no contexto observa-se a Casa no Sobral da Lagoa (prancha 16), que apesar de ser uma nova tipologia com mais área do que as habitações que a ladeiam, consegue participar da paisagem da vila, dissimulando a sua dimensão em volumes recortados.

Por sua vez, a Casa em Irivo (prancha 17) intervém ativamente na paisagem.

Se por um lado a sua forma monolítica parcialmente suspensa no ar não se assemelha ao existente, por outro, quando observada da rua principal, ela parece preencher a colina onde assenta. Além disso, o referencial pré-existente é muito diverso, por se encontrar numa zona com construções de diversas épocas, numa paisagem não consolidada, que a casa ajuda a preencher.

*"(...) a percepção do "local" como um "campo multiescalar", e não como um contexto meramente figurativo, que gera um novo entendimento do projeto, como um dispositivo reestruturador e não como uma resposta compositiva."*⁸⁷

Na Casa no Magoito (prancha 18) a atitude adoptada é a de integração nos declives do terreno, interagindo com este. A forma dissolve-se no terreno: surge encrostada nos declives, como se terreno e casa quisessem ser um só, ilustrando a crescente fusão entre volume da casa e configuração do terreno.

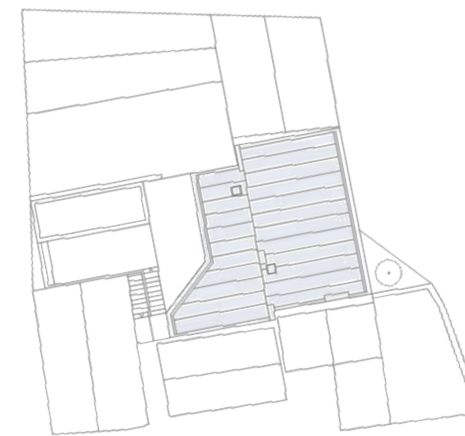
*"A relação entre figura e fundo dilui-se. A casa perde a sua forma (aquela que para nós sempre foi o ícone invariável) e assume um novo tipo de materializações e relações com o contexto, numa progressiva dissolução objetual da "casa" no meio da "paisagem".*⁸⁸

Outra forma observada prende-se com a construção de um objeto que, por oposição ao meio, permite a manutenção do terreno natural existente. A casa em São Estevão (prancha 18) ergue-se numa clareira do terreno sobre pilares que a distanciam do solo. A forma quadrangular da casa assume e recorta pátios onde existem árvores. Apesar de se distanciar do meio enquanto forma e enfatizar a diferença entre natureza e construção, adapta-se a ele respeitando a pré-existencia.

A construção da casa deixa progressivamente de se centrar no objeto que reflete um referencial correspondente a uma época específica, muito porque esse referencial se expandiu e acumulou. Hoje, a habitação unifamiliar interpreta e manipula o local onde se insere, através de um amplo conjunto de informação, na procura de pertencer mais do que destacar. Dos inúmeros locais onde a casa se pode inserir, dois tipos podem ser indicados: meio natural e meio construído.

Quando se afirma repetidamente que a casa procura pertencer, não se defende uma dissimulação da mesma no meio, pelo contrário, assume-se que a nova construção introduz uma inevitável mudança no local onde se insere - que pode surgir como oposição respeitando o meio (prancha 19) ou

Fazer pertencer a um meio construído



95 - Casa no Sobral da Lagoa, Arq. Ricardo Bak Gordon.



97 - Casa no Sobral da Lagoa, Arq. Ricardo Bak Gordon.



94 - Casa no Sobral da Lagoa, Arq. Ricardo Bak Gordon.



96 - Casa no Sobral da Lagoa, Arq. Ricardo Bak Gordon.



98 - Casa no Sobral da Lagoa, Arq. Ricardo Bak Gordon.

Casa no Sobral da Lagoa, Ricardo Bak Gordon Arquitectos

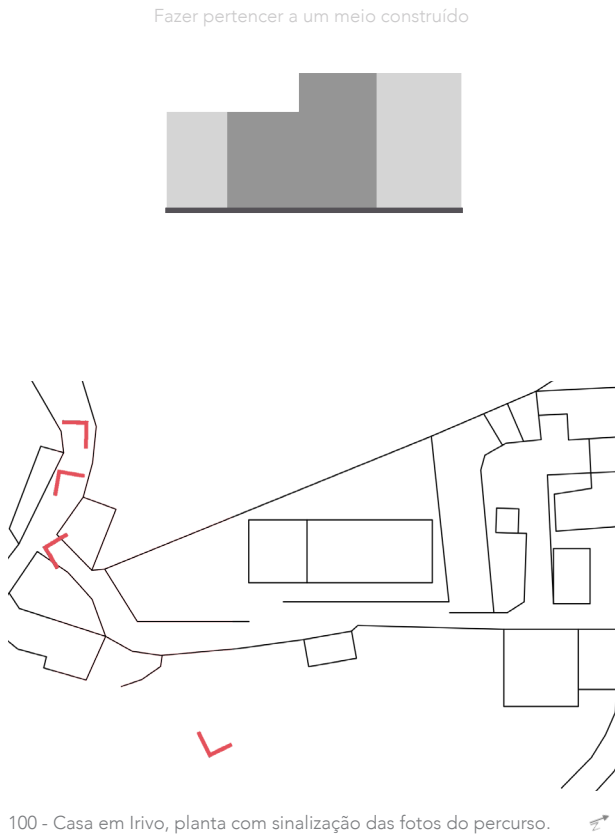
A casa contemporânea surge rodeada de construções rurais, numa vila com tecido consolidado. Afirma-se deliberadamente que a geometria da casa nasce da forma do terreno e da procura pela integração nas volumetrias adjacentes, procurando responder ao programa atual.

*"A geometria da casa nasce da forma do terreno, mas também de uma tridimensionalidade que procura responder às volumetrias adjacentes, reservando alguns espaços de intimidade para as áreas de estadia exteriores."*ⁱ

ⁱ HELM, Joana, Casa no Sobral da Lagoa, Bak Gordon Arquitectos, 10:00h 1 de Fevereiro de 2012. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-26531/casa-no-sobral-da-lagoa-bak-gordon-arquitectos> [Acedido em 1 de Março de 2016]

87. GAUSA, Manuel; SALAZAR, Jaime. *Singular housing: el dominio privado*. Barcelona: GG, 2002, p.6 *"(...) a perception of the "location" as a "multiscalar field", and not a merely figurative context, which generates a new understanding of the Project as a restructuring device and not as a compositional response."*

88. GAUSA, Manuel. *CASA-CAJA*. in GAUSA, Manuel; SALAZAR, Jaime. *Singular housing: el dominio privado*. Barcelona: GG, 2002.



99 - Casa em Irivo, Cláudio Vilarinho. Fotomontagem da colina sem a casa.



101 - Casa em Irivo, fotografia da colina com a casa.



102 - Percurso pedonal até à casa em Irivo



104 - Percurso pedonal até à casa em Irivo



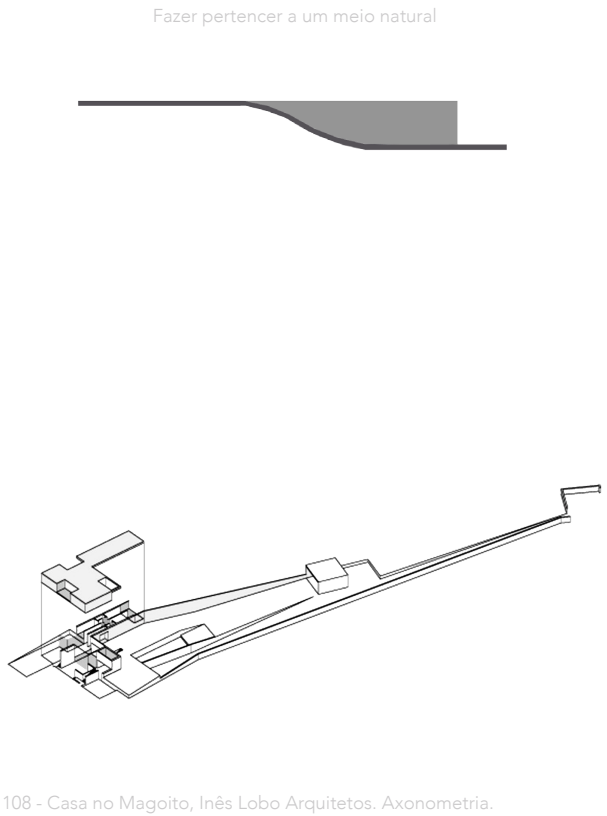
105 - Percurso pedonal até à casa em Irivo



106- Percurso pedonal até à casa em Irivo

Casa em Irivo, Arquiteto Cláudio Vilarinho

Percorrendo as ruas que envolvem a casa em Irivo, observa-se que o referencial das construções ali presentes é vasto: desde casas de origem rural construídas integralmente em granito (imagem 102), a volumes monolíticos de duas águas (imagens 104 e 105). A casa em Irivo não se revê diretamente no referencial local proveniente desta grande variedade de construções. Assim, assume-se como uma nova construção, um volume monolítico retangular, totalmente branco, pousado sobre a colina. Ao pousar na colina a casa preenche a paisagem, como se a completasse (imagens 100 e 101), e fica quase imperceptível para quem a olha desde a rua principal de acesso. A casa é um elemento reestruturador da paisagem, que redefine a leitura da topografia.



107 - Casa no Magoito, Inês Lobo Arquitetos.



109 - Casa no Magoito, Inês Lobo Arquitetos. A casa adossada ao terreno.

Casa no Magoito, Inês Lobo Arquitetos

A casa surge adoçada ao terreno que interpreta. Através dessa interpretação são desenhados os volumes da casa. Fundidos com o terreno têm uma ação reestruturadora, reconstruindo-o.

“A casa pretende-se adossada, reconhecendo os limites, quer do lote, quer do território explícito, pretende-se interpretá-los e, em simultâneo, responder ao programa doméstico e à implícita materialidade. Pétreia, a casa distende-se e redesenha esses limites, emergindo da natureza da terra e submergindo a voracidade de elementos e território. A sua organização é resultado deste processo de dupla procura. Por um lado, a distensão permite um grande pátio central aberto a sul, adossado e abrigado, centro de toda a vida doméstica: a partir da estrada, esse pátio polariza o programa em três áreas consequentes - recepção pátio/ observatório, zona de quartos e zona íntima mediadas pelas áreas públicas (pátios, salas e cozinha). Por outro, pretende-se um vulto jacente na terra, com ritmos distintos de apropriação marítima: aberta desde o acesso, condicionada no pátio e, desde aí, em controlada redescoberta. Algumas exceções locais acentuam a intriga - muros, canaviais, pinheiros e a luz é esclarecedora. O Jardim, espaço exterior de permanência, pequena porção artificial de natureza contida entre muros. Redefine-se a topografia, desenha-se uma piscina como se de uma deformação do território se tratasse. Os pátios de nem espaços de permanência exteriores para além dos espaços da casa, caixas de re exão de luz, caixas de proteção a um exterior ventoso. Muros e casa são indissociáveis, uma estrutura única que contém todos os espaços de habitar. O resto do lote permanece inalterado pretende-se que faça parte da paisagem para onde se olha. Um único material constrói muros e exterior da casa, betão aparente. Pretende-se um volume monolítico que emerge do terreno e se solta na extremidade norte.”ⁱ

ⁱ Inês Lobo, Casa no Magoito. 26 de Abril de 2006. Divisare. Disponível em: <https://divisare.com/projects/17435-ines-lobo-casa-no-magoito> [Acedido em 17 de Março de 2016]

Meio natural
Manter o meio natural por oposição ao construído



110 - Casa em São Estevão, Benavente. Barbas Lopes Arquitectos.



111 - Casa em São Estevão, Benavente. Barbas Lopes Arquitectos.



112 - Casa em São Estevão, Benavente. Barbas Lopes Arquitectos.



113 - Casa em São Estevão, Benavente. Barbas Lopes Arquitectos.



114 - Casa em São Estevão, Benavente. Barbas Lopes Arquitectos.

Casa em São Estevão, Benavente, Arq. Patricia Barbas e Diogo Lopes.

O volume monolítico distancia-se materialmente da natureza que o envolve. No entanto, essa natureza é convocada para o seu interior através de amplos planos de vidro e reflexos que lhe conferem um aspecto contínuo.

A casa envolve a circunstância física gerando novos limites de paisagem e incorporando árvores preexistentes na composição da casa.

“Grandes planos de vidro para pátios internos e para o exterior captam transparências e reflexões. Eles expandem o interior para as árvores, estando nivelados com a folhagem. A casa é uma ilha com reentrâncias rodeada por um mar de nostalgia falsa. Como proteção, recorre à natureza e ao brutalismo.”ⁱ

ⁱ House ML, Barbas Lopes Arquitectos. (n.d.) Disponível em: <http://barbaslopes.com/np4/home> [Acedido em: 7/09/2017]

“Large glass panes to inner patios and the exterior cast transparencies and reflections. They expand the interior along the trees, level with the foliage. The house is a jagged island circled by a sea of fake nostalgia. As a protection, it resorts to nature and brutalism.”

como elemento reformulador que reconfigura a paisagem (prancha 17).

De objeto diferenciado, que responde a matrizes de estilo, a mecanismo que adota uma estratégia própria de adaptação ao meio.

Essa adaptação pode tomar inúmeras formas, e é resultado do balanço entre inúmeros intervenientes: a organização interior, a exposição solar, a regulamentação imposta, a forma do terreno, os edifícios que a rodeiam, a vegetação (se existente), e um conceito que pode ser resultado (ou alheio) a estes fatores.

Assim, não existe uma forma recorrente na casa de hoje, mas compreende-se que ela é sempre fruto do meio e da mensagem, ou seja, do meio enquanto contexto(s) próximos e da mensagem enquanto conceito ou abordagem.

“A nossa concepção de arquitetura baseia-se, acima de tudo, em objetos. A história moderna da arquitetura é, mais do que qualquer outra coisa, uma história de objetos e de autores, assim como o é a nossa assimilação da arquitetura atual, na medida em que se tornou uma indústria de consumo. Contudo, a progressiva transformação dos processos materiais, desde a industrialização até à informatização, introduziu uma mudança significativa na indústria da criação de objetos.

Na produção artística ou de mídia em geral, e em particular na arquitetura, é a mudança progressiva de uma fixação em objetos à assimilação dos contextos. Cada vez mais, o que antes eram objetos definidos por um único autor, estão agora abertos a um contexto menos linear, mais aberto, indefinido, que pode ser influenciado e, acima de tudo, parametrizado pela primeira vez através do gerenciamento de informações.”⁸⁹

⁸⁹. SALAZAR, Jaime. House as an interface; in GAUSA, Manuel, SALAZAR, Jaime, Singular housing: el dominio privado. Barcelona: GG, 2002, p.266 “Our conception of architecture is based, above all, on objects. The modern history of architecture is, more than anything else, a history of objects and of authors, as is our assimilation of present day architecture, insofar as it has become a consumer industry. However, the progressive transformation os the material processes, from industrialization to computerization, has introduced a significant change into the business of the creation of objects. In artistic or media production in general, and in architecture in particular, it is the progressive shift from a fixation on objects to an assimilation of the contexts. Increasingly, what were once objects enclosed by the decision of a single author are now opening out to a less lineal context, more open, ndefined, which can be influenced and, above all, parameterized for the first time through information management.”

Como visto anteriormente, a casa tem-se interrelacionado cada vez mais com o meio que a envolve. Quer através da sua integração no meio mediante uma atitude interventiva ou reformuladora (prancha 18), quer através de um posicionamento antagonista, em que a casa se contrapõe à envolvente (prancha 19).

No entanto, interessa observar a forma como a casa se relaciona com o meio numa escala mais aproximada que, em vez de se focar na forma da estrutura, visa pequenos mecanismos que dela fazem parte. Portas, janelas, alpendres, são mecanismos de relação entre interior e exterior, é através deles que se quebra a fronteira existente, o limite criado para proteger e abrigar.

Neste aspeto, é possível encontrar vários elementos que se cruzam com a casa popular. De facto, a configuração das portas não sofreu grande alteração, e o uso das janelas mantêm-se essencialmente igual, apesar de terem tornado maiores, e a cada dia surgirem novas soluções de abertura ou caixilharias mais finas.

Alguns mecanismos não tão comuns, como a varanda, o pátio, a parreira ou a açoteia, são reinventados e utilizados de novo na construção da casa dos dias de hoje. Os recursos limitados existentes na construção da casa popular rural proporcionaram a criação de engenhosas e económicas formas de relação com o meio, com vista a tirar partido do clima e da exposição solar.

Um exemplo notório e abundante dessa reinvenção de formas é o pátio – solução recorrente na arquitetura popular rural em Portugal, era um espaço multifuncional que servia de apoio às atividades agrícolas, domésticas, de recreio, ou mesmo sendo-lhe atribuída função de distribuidor espacial das várias dependências constituintes da casa, tal como acontece hoje, por exemplo, na Casa em Coruche.

No entanto, como praticamente todos os componentes da habitação, o pátio tende a especializar-se. No quadro 4 observa-se, através dos casos de estudo, algumas das funções atribuídas ao pátio nos dias de hoje.

A partir deste quadro síntese compreende-se a existência de pátios privados destinados aos quartos, pátios de entrada, pátios que garantem a salubridade de espaços interiores e também a separação do pátio de serviço do pátio de recreio. O pátio é até utilizado como tema ou conceito durante o desenvolvimento de algumas habitações unifamiliares: como acontece na casa com três pátios do arquiteto Miguel Marcelino (prancha 21).

Também as açoteias (prancha 20, imagens 115 e 116) são uma solução que a casa contemporânea recupera, principalmente nas regiões do Sul, numa evocação à memória do existente cuja funcionalidade se mantém (Casa em Cacela-a-velha imagem 116). Mecanismos de contacto com o exterior frequentes em regiões quentes, onde a densidade das construções não permite que a casa possua muitos espaços exteriores. Assim, a utilização das

		Pátio de serviço	Pátio de recreio	Pátio íntimo	Pátio de entrada	Pátio para ventilação/iluminação
Casa Y						
Casa no Chão das Giestas						
Casa Coruche						
Casa em Quelfes						
Casa no Sobral da Lagoa						
Casa no Magoito						
Casa em Cacela-a-Velha						
Casa em Leiria						
Casa em São Estevão						
Casa FFAT						
Casa Dr. Reginaldo Spenciere						
Casa ZM2						
Casa no Alto da Ajuda						
Casa em Alcobaça						
Casa com três pátios						
32 e 33 em Villa Utopia						
Casa em Irivo						
Casa em Francelos						
Casa em Lourosa						
Casa Xavier						

Quadro 4 - Pátios existentes



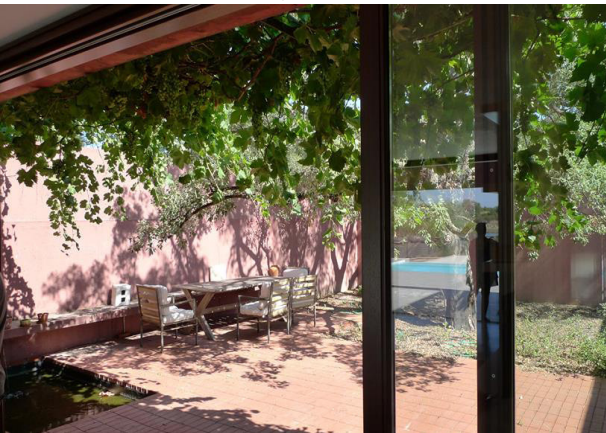
115 - Açoteias em Olhão



116 - Casa em Cacela-a-Velha, Arq. Victor Neves.



117 - Casa em Monsaraz



118 - Casa com três pátios, Arq. Miguel Marcelino

As açoteias e as parreiras são outros dos elementos que surgem de uma adaptação ao clima do Sul. A açoteia, terraço no topo do edifício introduzido em Portugal pelos árabes, é um tema recuperado na Casa em Cacela-a-Velha do Arquiteto Victor Neves (imagem 116) que, além de maximizar o pouco espaço exterior de que o lote dispõem - por estar encaixado entre duas construções preexistentes - também possibilita a vista sobre o mar.

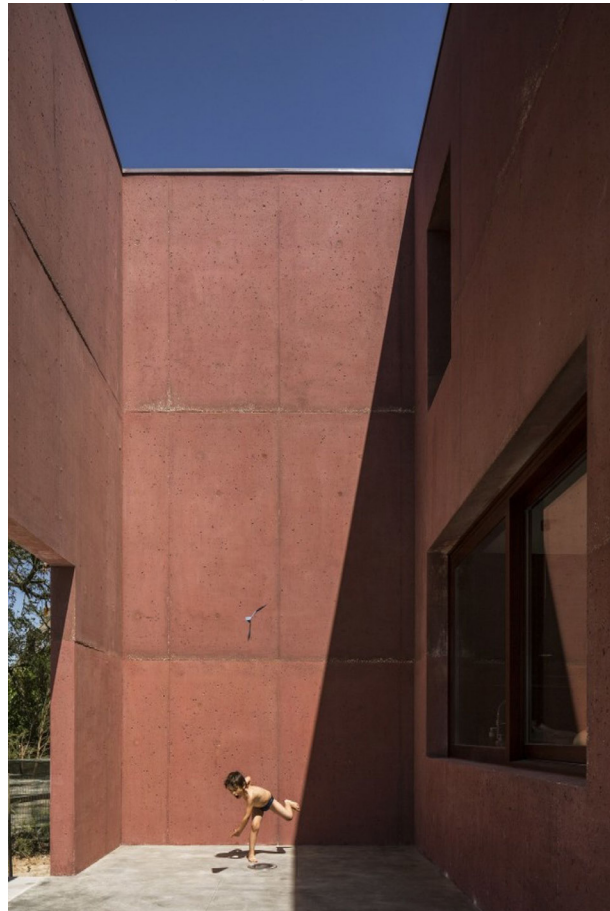
A Casa com três pátios, Arquiteto Miguel Marcelino, localiza-se no Alentejo, motivo pelo qual o controlo da temperatura interior é um dos temas aprofundado neste projeto. Na fachada Sul é utilizada uma parreira, que controla a entrada de luz no verão e simultaneamente permite a penetração do sol no inverno.



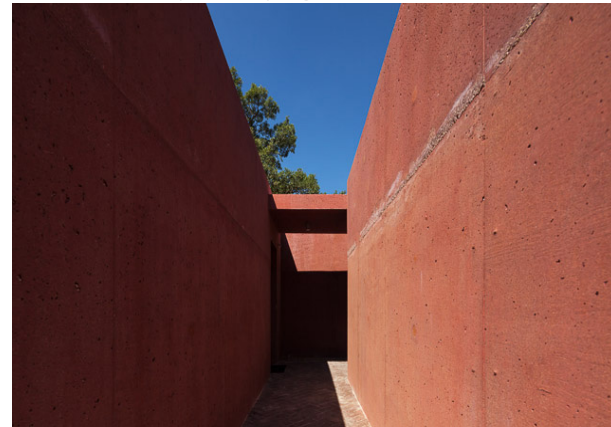
119 - Casa com três pátios, Arq. Miguel Marcelino



120 - Casa com três pátios, Arq. Miguel Marcelino



121 - Casa com três pátios, Arq. Miguel Marcelino



122 - Casa com três pátios, Arq. Miguel Marcelino



123 - Casa com três pátios, Arq. Miguel Marcelino

Casa com três pátios, Arquiteto Miguel Marcelino

“A casa está organizada num volume compacto de dois pisos, complementado por três pátios totalmente diferentes nas suas dimensões e características. Um primeiro grande pátio, fechado, intimista, situa-se no lado sul, contendo um enorme sobreiro existente. Junto ao quarto-das-máquinas existe outro, mais pequeno, de serviço. O terceiro pátio, a norte, funciona como elemento mediador e fundamental na relação entre a casa e o lado norte – é um espaço esguio com um enorme rasgo horizontal que enquadra a paisagem – tem um ambiente de “espaço interior ao ar livre”. A luz é suave, por reflexão na parede externa que recebe sol directo. Este pátio vertical comunica com uma escadaria que dá para um terraço aberto, o último elemento da cadência de espaços, pátios e ambientes que vão de mais introspectivos e privados a mais abertos e exteriores.”ⁱ

ⁱ MARCELINO, Miguel, *Casa com três pátios*. Miguel Marcelino Disponível em: <http://www.marcelino.pt/015> [Acedido em: 31 de Agosto de 2017]



124 - Varanda numa casa em Arouca



125 - Vatrandas no centro de Guimarães



126 - Casa em Irivo, Arquiteto Cláudio Vilarinho



127 - Casa Dr. Reginaldo Spenciere, Auzprojekt

Casa em Irivo, Arquiteto Cláudio Vilarinho; Casa Dr. Reginaldo Spenciere, Auzprojekt

Na Casa em Irivo a varanda é o remate do volume que se projeta sobre a colina. A coroar o interior da casa, cujo corredor de distribuição se direcciona para esta varanda, é a zona da casa com a melhor vista, e está associada à sala e à cozinha.

Na Casa Dr. Reginaldo Spenciere são as torções do volume que dão origem às varandas. Por se encontrar num lote com limitações de cércea e afastamento, mas que simultâneamente se encontra muito próximo da praia, com vista mar, as varandas são os dispositivos encontrados para tirar partido das vistas.



128 - Casa em Lourosa, Arquiteto Nuno Brandão Costa



129 - Casa em Francelos, Arquiteto Nuno Brandão Costa



130 - Casa em Lourosa, Arquiteto Nuno Brandão Costa



131 - Casa em Francelos, Arquiteto Nuno Brandão Costa

Casa em Francelos e Casa em Lourosa, ambas projetadas pelo Arquiteto Nuno Brandão Costa.

As plantas têm uma forma quadrangular, e é-lhes destinada uma área generosa. Voltadas para o alçado de trás, por vezes são destinadas a servir dois espaços. Conseguidas pela subtração de parte do volume superior, não se projetam além do volume da casa. Esta configuração, em conjunto com o acrescento de área, assemelha-as a um pátio ou terraço da casa.

“Em cima duas varandas para os quartos, uma delas a Ver-o-mar em madeira.”ⁱ (sobre a casa em Francelos)

“Em cima os quartos, pousados sobre a cota original do terreno, recortam os volumes em varandas que escondem a verdadeira escala das janelas.”ⁱⁱ (sobre a casa em Lourosa)

açoteias, que tem uma origem ligada à secagem do peixe ou de frutos, é hoje adaptada a atividades de recreio ou do dia-a-dia como secar a roupa.

A parreira é outro dos mecanismos que continua a ser utilizado.

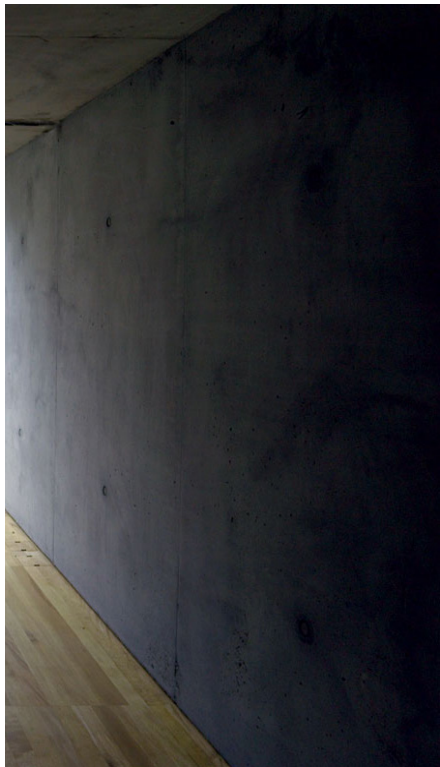
De Norte a Sul do país, as trepadeiras de folha caduca que cresciam sobre arames ou ferros a cobrir caminhos, pátios, eiras ou entradas, adaptavam-se ao clima: no verão as trepadeiras produzem sombra, no inverno as folhas caem deixando o sol penetrar. A sua economia e funcionalidade fez com que se disseminassem por todo o país e apesar de terem deixado de ser tão frequentes, voltam agora a surgir como tema, como acontece na Casa com três pátios do Arquiteto Miguel Marcelino (prancha 20).

As varandas, que surgem na casa rural popular do Norte do país, propagam-se por todo o território e continuam a ser utilizadas como mecanismo de contato com o exterior nos dias de hoje, principalmente em construções plurifamiliares, pela economia de meios que representam.

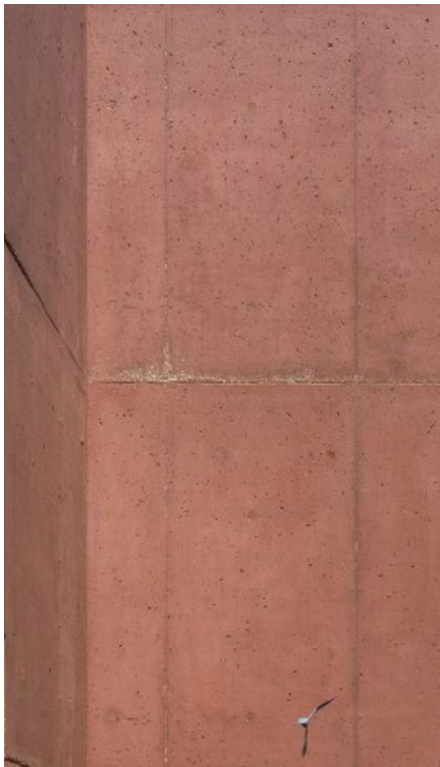
No entanto, não são tão frequentes nas habitações unifamiliares. Nas casas aqui observadas apenas duas possuem varanda - a Casa em Irivo e Casa Dr. Reginaldo Spenciere (prancha 22). As varandas cresceram em área, assemelhando-se a pequenos terraços - como se pode observar na casa em Lourosa e na casa em Francelos, ambas do Arquiteto Nuno Brandão Costa (prancha 23).

Morfologicamente não surgiram novos mecanismos de contacto entre meio e estrutura. Assiste-se antes a uma reinvenção dos meios existentes que surgem adaptados às configurações que a forma assume nos dias de hoje.

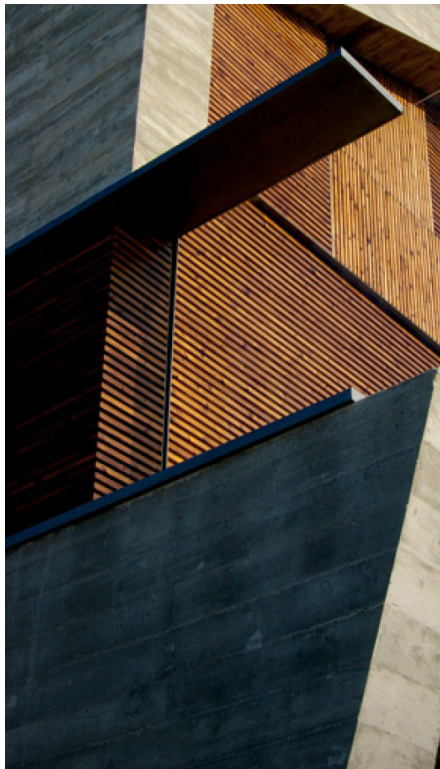
i Nuno Brandão Costa in Darco Magazine, número 03, Julho/Agosto 2006, p. 073
ii Nuno Brandão Costa, in Darco Magazine, número 3, Julho/Agosto 2006, p.085



132 - Casa Xavier, Seródio Furtado & Associados



133 - Casa com três pátios, Arq. Miguel Marcelino



134 - Casa Dr. Reginaldo Spenciere, Auzprojekt



135 - Casa Sobral da Lagoa, Ricardo Bak Gordon Arq.

“Mal sei que materiais escolher. As ideias vêm-me imateriais, linhas sobre um papel branco (...) Aprendi na Holanda, e na Alemanha, a apreciar as minhas dúvidas portuguesas sobre os materiais; no país onde a tradição está moribunda e a contemporaneidade é o futuro. A oscilante disponibilidade dos materiais, e indecisa, fracciona o que idealizo e abre diferentes caminhos; devo percorrê-los, escolher pode ser descobrir.”⁹⁰

Referimos anteriormente a relação direta entre os materiais utilizados e o local, referente à casa rural popular. Contudo, a mecanização das indústrias e a melhoria dos meios de transporte refletiu-se na casa através de novos materiais utilizados, que deixaram de ser locais.

Na contemporaneidade assistimos a uma multiplicidade de soluções, com novos materiais a surgirem diariamente. Esta diversidade de possibilidades contribui para a heterogeneidade de soluções encontradas na casa de hoje. São inúmeras as atitudes que podem estar na origem da opção de materialização da casa: economia, gosto do cliente, dissolução no contexto ou destaque em relação ao contexto, e contudo, tal como no momento anterior, também na materialização da obra se verifica a reinvenção de soluções populares rurais.

A natureza dos materiais tem-se tornado cada vez mais híbrida, no sentido em que, apesar de não negarem novas fontes tecnológicas, alguns deles visam em simultâneo uma adaptação ao local.

“Não só as propriedades dos materiais se revelaram amplamente múltiplas e diversas, mas também a própria natureza dos materiais se tem tornado cada vez mais sintética e híbrida.”⁹¹

O material é responsável por converter a arquitetura em realidade física: dele vai depender a textura, a temperatura, a cor o som, a luz e a maneira como esta se propaga ou reflete, o que define em grande medida a ambiência do espaço (sempre em conjunto com a forma, as condições geográficas e climáticas, a localização, e todos os fatores envolvidos).

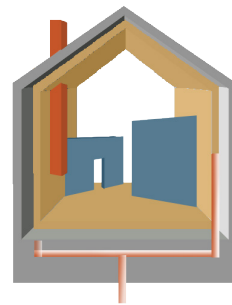
Assim, os materiais são uma parte fundamental na transmissão dessa mensagem (que é a casa) sobre o meio. Geradores de forma, podem tencionar evocar memórias, transmitir ideais, passar mensagens, camuflar ou destacar a construção no meio.

“Ter consciência do material, do seu peso e do seu tamanho, é uma das condições iniciais de qualquer projeto. A pedra e sua espessura permitiam-nos desenhar um limite externo e outro interno, às vezes, entre os dois limites se alojavam armários e escadas.”⁹²

90. SIZA VIEIRA, Álvaro, *01 textos, 012 Materiais*. Porto: Civilização Editora, 2009, p.47

91. BAPTISTA, Luis Santiago. *Materialidades ambíguas*. in Revista Arq./a Revista de Arquitectura e Arte nº 53, 2008, p.6-9

92. FERNANDEZ, Andrés Lopez, *Viviendas experimentales, VI sustancias transversales*. Sevilla: Junta de Andalucía, 2002, p.21
“Tener conciencia del material, de su peso y de su tamaño, es una de las condiciones iniciales de todo proyecto. La piedra y su espesor nos permitían dibujar un límite externo y otro interno, a veces, entre ambos límites se alojaban armarios y escaleras.”



ESTRUTURA

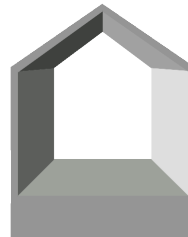
Bernard Leupen e Harald Moou



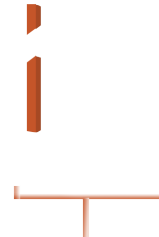
Estrutura



Cenário

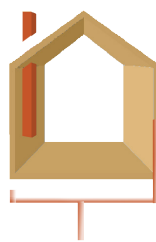


Pele



Serviços

Manuel Gausa e Jaime Salazar

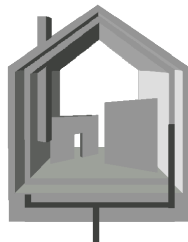
Ambiente da tecnologia
dos mecanismos de
habitar.

Técnicas materiais

Juan L. Trillo Leyva



Espaço vazio

Equipamento e
armazenamento.

Como se relaciona a estrutura com o habitante?

Foi anotado anteriormente o papel fundamental do indivíduo enquanto habitante na definição da estrutura. Além das imposições postas à partida no processo de desenho da casa, também a sua apropriação gradual do espaço vai reconfigurar sucessivamente essa estrutura – que é, por isso, mutável.

Quando nos referimos a estrutura falamos sobre o edifício propriamente dito, que é constituído por um grande número de componentes – desde os definidos à *priori*, em conjunto com o arquiteto e a equipa de especialidades, até aos definidos ao longo da vida pelo habitante, como o mobiliário ou os objetos.

Assim, para compreender a forma como a estrutura se relaciona com o habitante são vários os autores que propõem uma subdivisão da mesma. Bernar Leupen descreve quatro camadas materiais que a constituem: a estrutura propriamente dita ou seja, os elementos estruturais como colunas lajes, etc.; A pele, que representa o revestimento exterior, como a fachada, o telhado, etc.; O cenário, o espaço interior, como as paredes internas, os acabamentos; E os serviços, que são as tubagens, as condutas e todos os aparelhos de extração ou fornecimento de água e energia.

*“Escusado será dizer que o edifício está num local específico, o sitio. O sitio, no entanto, não é parte do próprio edifício e não deve ser visto como uma das camadas materiais.”*⁹³

Também Manuel Gausa e Jaime Salazar desconstroem a estrutura em dois ambientes: o da tecnologia e mecanismos de habitar e o ambiente da estrutura propriamente dita.

*“O primeiro ambiente seria o da tecnologia dos mecanismos de habitar. Tecnologia que no decorrer do século se tem vindo a adaptar às funções do habitar e que foi transformando as nossas maneiras de viver. O segundo ambiente seria, pelo contrário, o que tradicionalmente sempre consideramos como arquitetura, e estaria fundamentado nas técnicas materiais que com o passar do tempo vão evoluindo materialização de espaços, e na construção das casas. Até agora estes dois ambientes dificilmente chegaram a tocar-se. Coexistem e se complementam, mas sempre foram considerados estranhos e por isso, diferentes.”*⁹⁴

Uma outra interpretação é originada por Juan L. Trillo Leyva, no livro “Viviendas experimentales”. Este autor opta por distinguir três âmbitos: equipamento, armazenamento e espaço vazio. Sendo que o equipamento engloba também

93. LEUPEN, Bernard; MOOIJ, Harald, *Housing Design – a manual*, Rotterdam: NAI Publishers, 2011, p.241
“Needless to say, the building is in a particular location, the site. The site, however, is not part of the building itself and should not be seen as one of the material layers.”

94. GAUSA, Manuel. CASA-CAJA; GAUSA, Manuel, SALAZAR, Jaime, *Singular housing: el dominio privado*. Barcelona: GG, 2002, p.57

a estrutura e a infraestrutura, e o espaço que sobra será um equilíbrio entre espaço de armazenamento e espaço vazio.

*“Se começarmos a partir do mesmo volume, à medida que o armazenamento cresce, o espaço vazio diminui. Encontrar o equilíbrio é o objetivo do processo de projeto. Na medida em que o equipamento de habitação se torna mais complexo e atende todas as necessidades do inquilino, ao configurar o espaço, o armazenamento pode ser minimizado. O corpo de um carro é equipamento puro, e essa superfície delimita o espaço e o configura.”*⁹⁵

Pelo cruzamento destas três perspetivas, compreende-se que existe sempre um conjunto de elementos materiais que define o espaço, quer interior quer exteriormente, um conjunto de serviços que podem ser mais ou menos tecnológicos, e o espaço vazio. Os elementos construtores de espaço são para Bernard Leupen constituídos pela pele exterior, pela estrutura de suporte, e pelo cenário interior. Para Manuel Gauza e Jaime Salazar esses elementos são as técnicas de materialização de espaços, que podem estar mais ou menos evoluídas. Ambos referem o aparato tecnológico e de serviços como o outro elemento de composição da casa. Contudo, é na definição de Juan Leyva que encontramos o espaço vazio contabilizado como um elemento que não só faz parte, como compõe essa estrutura. Esta definição recai na narrativa – também defendida por Bernard Leupen, Manuel Gausa e Jaime Salazar – sobre a importância do espaço vazio na casa, que permite a apropriação por parte do habitante. Esta abordagem defende a aceitação da imprevisibilidade do habitante e da sua condição de constante mutação, e por isso, nega o desenho baseado em esquemas funcionais que recaem sobre preceitos pré-definidos sobre os usos dos compartimentos da casa.

A casa transformou-se numa estrutura mais híbrida e adaptável, em quase todos os âmbitos que lhe dizem respeito. Com a cooperação entre tecnologia e arquitetura, tornou-se reativa e interativa em relação ao habitante, não porque procura adivinhar o seu próximo passo, mas antes porque a tecnologia lhe permite reagir e adaptar-se à evolução do seu habitante.

*“A flexibilidade conseguida através da cooperação entre tecnologia e arquitetura, permite, como visto até aqui, a independência entre estrutura e organização tipológica. Isto permitiu que, na contemporaneidade, a organização tipológica se desenvolve-se não tanto como a divisão e definição de espaços com funções específicas, mas antes como um diagrama de funções. Não se trata da clássica disposição interior baseada em compartimentos ou delimitações, mas antes espaços fluidos que cumprem as várias funções do habitar.”*⁹⁶

95. LEYVA, Juan L. Trillo, *Espacios de intersección*, in *Viviendas Experimentales*, Sevilha: Junta de Andalucía, p. 51 *“Las tres sustancias para generar vivienda: equipamiento, almacenamiento, espacio vacío. Si partimos de un mismo volumen, a medida que crece el almacenamiento disminuye el espacio vacío. Encontrar ese equilibrio es el objetivo del proceso proyectivo. En la medida en que el equipamiento de la vivienda se haga más complejo y resuelva todas las necesidades del inquilino, a la vez que configura el espacio, el almacenamiento podrá reducirse al mínimo. La carrocería de un coche es puro equipamiento, y esa superficie delimita el espacio y lo configura.”*

96. GAUSA, Manuel, SALAZAR, Jaime, *Singular housing: el dominio privado*. Barcelona: GG, 2002, p.23

Quais as atividades que abriga a casa?

Cada casa é uma casa. Anteriormente, quando procuramos uma definição geral de casa, ficou claro que a casa está intrinsecamente relacionada com o indivíduo *uno*, e que por isso, tem sempre características particulares que a tornam única. Contudo, existem caraterísticas comuns a todos os indivíduos, todos têm as mesmas necessidades básicas. A casa responde a essas necessidades básicas através da criação de espaços apropriados para o seu desenvolvimento. Assim, esses espaços são constantes na casa (em qualquer casa) e devem ser sempre considerados no desenho por necessitarem de equipamento específico. A definição de quais são essas atividades e quais delas se realizam no interior ou no exterior da casa, depende essencialmente da cultura e da época em que está inserida. Por exemplo, a cozinha ou o compartimento do fogo, apesar de existir desde os primórdios da habitação, assume configurações diferentes consoante a época e a região, reiterando a casa enquanto produto da sociedade e do habitante em mutação/evolução.

*“(…) a distribuição das atividades em vários espaços não só difere de um país e de uma cultura para outra, mas pode mudar rapidamente dentro de um país ou cultura, às vezes em menos de cinco ou dez anos. Além disso, essas diferenças e mudanças existem continuamente, simultaneamente e em paralelo entre si, na mesma sociedade.”*⁹⁷

Na Europa, e em específico em Portugal, identificam-se quatro principais necessidades: cozinhar/comer, higienizar, fazer necessidades fisiológicas, e dormir. Além dos espaços que respondem a estas necessidades base, o número de outras actividades que acontecem no interior da casa é incontável, por isso, projetar uma casa capaz de prever todas as atividades do seu habitante seria limitador para o mesmo.

*“Nem sempre é útil projetar a vida diária com tantos detalhes, quando as suas versões individuais diferem tão amplamente.”*⁹⁸

O estudo e desenho exaustivo de espaços específicos para todas as atividades desenvolvidas na casa iria resultar na perda de liberdade por parte do habitante. De facto, o habitante só irá tomar banho na banheira ou chuveiro e só irá cozinhar na cozinha. No entanto, ele pode ler na cozinha e no quarto de banho, tal como faz na sala de estar e no escritório. É necessário compreender que nos espaços desenhados para estas “funções básicas” se

97. LEUPEN, Bernard, MOOIJ, Harald, *Housing Design – a manual*, Rotterdam: NAI Publishers, 2011, p.63 *“(…) the distribution of activities into various spaces not only differs from one country and one culture to the next, but can change rapidly within a country or culture, sometimes in a span of no more than five or ten years. Moreover, these differences and changes exist continuously, simultaneously and in parallel to one another within the same society.”*

98. LEUPEN, Bernard, MOOIJ, Harald, *Housing Design – a manual*, Rotterdam: NAI Publishers, 2011, p.63 *“Furthermore it is not always useful to design daily life in such detail, when individual versions of it can differ so widely.”*

	Cozinhar	Dormir	Higienizar	Comer	Estar	Escritório	Garagem	Lavandaria	Vestibário	Despensa
Casa Y	1	3	3	2	1					
Casa no Chão das Giestas	2	3	5	2	1					
Casa Coruche	1	2	3	1	1					
Casa em Quelfes	1	2	2	1	1					
Casa no Sobral da Lagoa	1	3	3	1	1					
Casa no Magoito	1	4	3	2	1					
Casa em Cacela-a-Velha	1	3	3	2	1					
Casa em Leiria	1	4	4	1	1					
Casa em São Estevão	1	5	6	2	1					
Casa FFAT	1	3	3	1	1					
Casa Dr. Reginaldo Spenciere	1	5	5	1	2					
Casa ZM2	1	4	4	2	1					
Casa no Alto da Ajuda	1	3	3	1	1					
Casa em Alcobaça	1	4	7	2	1					
Casa com três pátios	1	4	3	1	1					
32 e 33 em Villa Utopia	1	4	6	1	1					
Casa em Irivo	1	4	4	1	1					
Casa em Francelos		3								
Casa em Lourosa	1	3	3	1	1					
Casa Xavier	1	3	3	1	1					

Quadro 5 - Atividades básicas e quantidade de espaços correspondentes / outros espaços.

podem desenvolver muitas outras atividades.

“Com isso [a cozinha, o quarto, a sala e o quarto de banho], ficam satisfeitas todas as necessidades mundanas de sobrevivência, isto é, abrigo, alimentação, descanso e higiene, o que não é pouco. O resto das atividades que geralmente desenvolvem os indivíduos, ou realizam-nas em alguns desses lugares ou não o fazem, ou têm de encontrar outros lugares.”⁹⁹

Uma casa que privilegie preferencialmente a indefinição sob a determinação de todos os seus espaços, poderá adaptar-se com mais facilidade à constante condição mutável do seu habitante e entorno. O espaço sobran­te, resultado da subtração dos sistemas e cenários que a constituem, é o espaço que será habitado e apropriado – para Cornoldi esse espaço é a principal qualidade da casa.

A capacidade que tem de ser vivida, ou seja, apropriada, é conseguida através da indeterminação mais do que da especialização. Isto porque, e voltando a um ponto que já foi aqui referido, a estrutura só se transforma em casa quando é habitada, e é o habitante – não o arquiteto ou o construtor – quem preconiza essa transformação. Assim sendo, uma boa casa é a casa que possibilita a apropriação, a construção de lugar no seu interior, e não a casa que tenta prever cada passo, cada atividade, esbatendo a criação do reflexo do indivíduo.

“Uma boa casa é aquela em que se vive bem, em que a sua qualidade essencial é a possibilidade que tem de ser vivida.”¹⁰⁰

Contudo, a habitação unifamiliar é um programa em que geralmente o arquiteto tem conhecimento prévio sobre os desejos e necessidades do habitante, e por isso, surgem naturalmente alguns espaços especializados como o escritório, a garagem, a biblioteca, zonas de serviço, entre outros, que se apontam no quadro 5. Destes espaços aqui assinalados, a lavandaria, a garagem e o escritório são os mais frequentes – reflexo da crescente importância do carro e do trabalho em rede a partir de casa.

Na amostra de casas a que recorremos, identificam-se também espaços indiferenciados aos quais não é atribuída uma função específica. Esses espaços verificam-se com mais frequência nas habitações em que não é possível identificar quartos com denominações específicas, destinados ao desenvolvimento de atividades secundárias.

Além das atividades assinalas no quadro 5, surgem também espaços aos quais são atribuídas outras denominações. O *quarto polivalente* na casa em Leiria, ou a *sala de família* na casa em São Estevão que, à semelhança do

99. FERNANDEZ, Andrés Lopez. Viviendas experimentales. TOMO VIII Entorno a la vivienda y su asociacion. Sevilla: Junta de Andalucía, Fevereiro de 2008, p.15 “Con esto quedan satisfechas todas las necesidades mundanas, de supervivencia, es decir, cobijo, alimentación descanso y aseo, que no es poco. El resto de actividades que habitualmente desarrollan los individuos, pues o las realizan en alguno de estos lugares o no las realizan, o tienen que encontrar otros lugares.”

100. CORNOLDI, Adriano. La arquitectura de la vivienda unifamiliar : manual del espacio doméstico / Adriano Cornoldi ; trad. Antoni Solanas i Cànovas. Barcelona : GG, 1999, p.9

que acontece com os espaços destinados a escritório, têm uma configuração semelhante à do quarto de dormir comum, e que por isso podem, no futuro, adquirir outras funções – por exemplo, ser utilizados como mais um quarto de dormir.

Estes espaços são importantes elementos na definição da flexibilidade necessária para que a casa se mantenha atualizada e acompanhe o processo de redefinição da estrutura familiar que abriga.

Assim, as actividades que a casa abriga podem ser divididas em dois grupos: básicas ou constantes (comer/cozinhar, dormir, higienizar e estar) e todas as outras.

De seguida, observamos usos dos espaços que respondem às necessidades básicas (cozinha, sala, quarto de banho, quarto) e posteriormente – em *Organização interior* – a forma como os espaços se organizam e se relacionam entre si.

Cozinha

Identificam-se três configurações base da cozinha de hoje em Portugal, no que ao uso diz respeito: a cozinha de jantar, onde se preparam os alimentos e se fazem as refeições; a cozinha e a sala partilham o mesmo espaço; e a cozinha de serviço ou funcional, onde apenas se preparam e armazenam os alimentos.

Cozinha de jantar

Na cultura portuguesa está impregnado o hábito de receber pessoas na cozinha – em quantas casas já entramos pela porta traseira, que dá acesso à cozinha?

A cozinha é muitas vezes onde se reúne a família nas refeições do dia a dia, e mesmo em ocasiões excepcionais este espaço tem um papel fundamental devido à cultura nacional e à associação *comer para festejar*.

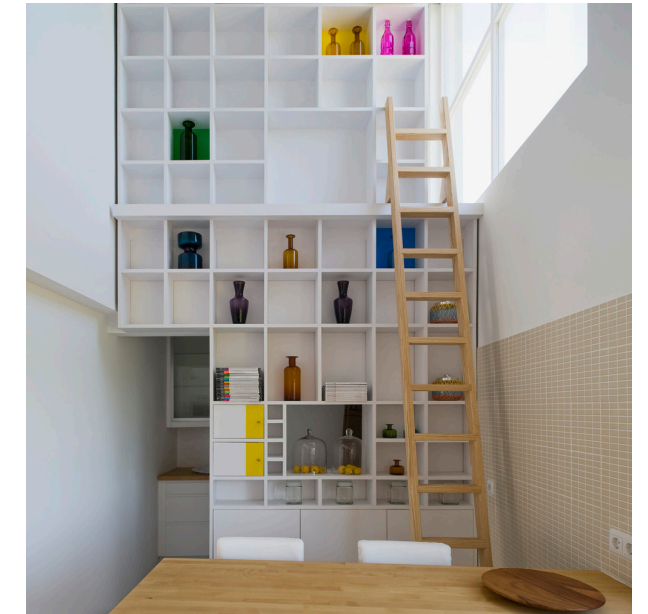
Estas cozinhas contêm um espaço de refeições para a família, que no limite, lhe dá uso de sala de estar no dia a dia.

Algumas casas continuam a construir essa infraestrutura de convivência característica popular portuguesa (prancha 24). No entanto, se antes a cozinha era o espaço central da casa, primeiro com o fogo, que aquecia os habitantes reunindo-os, depois com a televisão ou a lareira onde se reunia a família e com espaço suficiente para receber amigos ou dar jantares informais, hoje, apesar de poder conter um espaço de refeições, esse espaço é geralmente reduzido.

Os espaços de refeições desenhados na cozinha são geralmente utilizados para refeições rápidas e informais dos habitantes, mais do que para o convívio diário, como se pode observar na prancha 24.



136 - Casa em Cacela-a-Velha, Arq. Victor Neves. Zona de refeições.



137 - Casa em Cacela-a-Velha, Arq. Victor Neves. Zona de refeições.



138 - Casa em Cacela-a-Velha, Arq. Victor Neves. Cozinha.

Casa em Cacela-a-Velha, Arq. Victor Neves.

A casa em Cacela-a-Velha além de proporcionar uma relação franca para com a sala, desenha com detalhe uma área de refeições, que usufrui de uma vista ampla, e pé-direito duplo.

O terreno em que esta habitação se insere apresentou fortes condicionantes ao projeto – além de ser ladeado por duas empenas cegas, das quais se respeitou a cércea, foi encontrada também uma ruína romana que o arquiteto manteve.

A cozinha volta-se por isso a norte, orientação desfavorável para um programa que requer boa iluminação. No entanto, foi desenhado um pé-direito duplo que auxilia a iluminação e rasgada uma ampla janela panorâmica. Também a conexão direta com a sala permite melhorar a luz natural desta cozinha.

A zona para refeições, apesar dos bancos altos usufrui de uma vista ampla que atribui qualidade a este espaço, podendo ser utilizado no dia-a-dia da família, apesar de não se adequar à receber familiares ou amigos. O facto de ter uma ligação franca para com a sala, uma ampla passagem sem porta, introduz a cozinha no seio de diversas atividades, na intenção de a manter como parte do centro da vida familiar.



139 - Vila Utopia, Gonçalo Byrne Arquitetos. Cozinha



140 - Vila Utopia, Gonçalo Byrne Arquitetos. Pátio adjacente à cozinha.



141 - Vila Utopia, Gonçalo Byrne Arquitetos. Cozinha



142 -Vila Utopia, Gonçalo Byrne Arquitetos. Cozinha e espaço de jantar.

Vila Utopia, Gonçalo Byrne Arquitetos

Apesar de constituírem dois espaços distintos e identificáveis existe uma relação franca para com a sala, de jantar, que por sua vez se relaciona com a sala de estar. Dos casos estudados esta é a casa onde a relação cozinha/sala de jantar tem mais expressão, sendo que  também das casas com maior área, possibilitando este jogo de relações. O tamanho generoso de ambos os espaços evoca a memória das cozinhas tradicionais portuguesas, cheias de gente e movimento, figurando como o coração da casa. No entanto, a sua relação para com a sala era bem distinta da que acontece na Vila Utopia. Aqui os três espaços são um espaço único com subteis separações, paredes que não chegam às extremidades e por isso não encerram os espaços. A cozinha, apesar de localizada extremidade, traduz também aqui a intenção de a manter como parte do centro da vida familiar.



143 - Casa Dr. Reginal Spenciere, Auzprojekt. Cozinha e zona de estar.



144 - Casa Dr. Reginal Spenciere, Auzprojekt. Cozinha e zona de estar.



145 - Casa Dr. Reginaldo Spenciere, Auzprojekt. Cozinha e zona de estar.

Casa Reginaldo Spenciere, AUZprojekt

“A cozinha e área social foram montadas em cima para usufruir das vistas sobre o mar (e da luz que reflete); o quarto, do único habitante permanente, é um beliche colocado ao nível do sótão (mais horizonte); inversão que liberta o nível de entrada para polivalncias de fazer arrastar paredes. Pode-se ser quase tudo, no contacto com o terreno, que quis ser duna. Na praia, somos relaxados e não andamos vestidos, o (traje) tradicional fica descontextualizado. O projeto  essa procura particular que se liberta do pensamento geral, que já não serve (para pensar). Afinal, esta é uma casa para um imigrante, que às vezes pode receber amigos ou familiares.”ⁱ

ⁱ Casa Dr. Reginaldo Spenciere, AUZPROJEKT; Habitar Portugal 2006-2008, Seleção Mapei, Ordem dos Arquitetos, Disponível em: <http://0608.habitarportugal.org/ficha.htm?id=195> [Acedido em 8 de Março de 2016]



146 - Casa com três pátios, Arq. Miguel Marcelino. Cozinha.



147 - Casa com três pátios, Arq. Miguel Marcelino. Cozinha e despensa.



148 - Casa em Alcobaça, Aires Mateus Arquitetos. Cozinha.



149 - Casa Xavier, Seródio Furtado & Associados. Cozinha

Apesar de geralmente terem dimensões generosas, as cozinhas de serviço, ou antes, cozinhas destinadas apenas à preparação de alimentos, não contêm zona de refeições. Bem iluminadas, contam com zonas de armazenamento e despensa – como se observa na imagens a cima.

A ausência de televisores, cadeiras, sofás ou lareiras distancia-as da cozinha tradicional portuguesa, principal espaço de reunião familiar.

A casa com três pátios, do Arquiteto Miguel Marcelino, utiliza a zona de circulação, entre sala e cozinha, para na espessura das paredes criar a despensa (imagem 147).

A casa em Alcobaça, por sua vez, utiliza as paredes em torno de um balcão central para proporcionar esse armazenamento.

A casa Xavier, apesar de não contar com uma zona de refeições, permite a ampla comunicação para com a sala de jantar, através de uma parede de madeira deslizante (ao fundo, na imagem 149) que mescla os dois espaços.

Cozinha integrada na sala

Neste tipo de soluções não existe divisão física entre cozinha e sala, trata-se de um mono-ambiente (pranchas 25 e 26). O espaço destinado a cozinhar está integrado no espaço de jantar e de estar.

Esta solução pode dever-se à necessidade de economia de meios, ou por outro lado, tal como é comum na América do Norte, propor a integração da cozinha na sala, para que quem se ocupa da preparação dos alimentos mantenha contato com os habitantes ou convidados que estão na zona de estar. A junção dos dois espaços ilustra, por um lado, a perda de importância da cozinha isolada, relegada muitas vezes para um espaço nas zonas de serviço, por outro, uma tentativa de integração desse espaço – outrora centro da casa – no desenvolvimento das atividades diárias.

Cozinha de Serviço

Com a padronização das atividades do habitante, consequência da necessidade de construção em massa no pós-guerra, a cozinha transformou-se mais do que em um espaço equipado, num equipamento propriamente dito. Este compartimento tornou-se progressivamente o espaço mais desenvolvido, imaginativo e bem equipado da casa. Para isso muito contribuiu a criação do conceito moderno de cozinha – “a cozinha laboratório, cuja versão original iria ser designada como cozinha Frankfurt por ter sido originalmente concebida nessa cidade, é a precursora daquilo que hoje correntemente se intitula como a cozinha equipada e antecipa o estatuto simbólico e, consequentemente, o estatuto espacial que ela tem nas casas atuais; passados quase cem anos após a sua concepção original, a cozinha laboratório mantém-se como referência, um espaço em que o enorme investimento em matéria programática saldouse, intencionalmente, na sua própria subvalorização simbólica, um espaço concebido a partir do estrito entendimento das atividades que acolhe como obrigações cuja facilitação e eficácia viabilizar-se-iam através de um desempenho quase autómato.”¹⁰¹

A cozinha de serviço não pressupõe a criação de um lugar de estar, ela é um espaço que contém os mecanismos necessários à preparação e armazenamento dos alimentos, mas dela não faz parte nenhuma zona de refeições (prancha 27)

“Na Europa, os primeiros passos para sistematizar esta peça [cozinha] são dados pela chamada “cozinha de Frankfurt “. Nas palavras de Carlos Sambricio, “se anulava por completo a possibilidade de que a cozinha fosse usada como um elemento de estar, e – a partir de critérios tayloristas – definia-se um espaço onde a economia do gesto – o estudo das circulações – caracterizaria o que foi chamado Frankfurter Kuche.”¹⁰²

101. PEREIRA, Sandra Marques, *Casa e mudança social* - uma leitura das transformações da sociedade portuguesa a partir da casa. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2013, p. 68.

102. MONTEYS, Xavier, FUENTES, Pere, *Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona: GG, 2001, p.106 “En Europa, los primeros pasos para sistematizar esta pieza [COZINHA] los da la llamada “cocina de Francfort”. En palabras de Carlos Sambricio, “[se] suprimía por completo la posibilidad de que la cocina fuera usada como elemento de estar, y - desde criterios tayloristas - definía un espacio donde la economía del gesto - el estudio de las circulaciones - caracterizaría lo que se llamó la Frankfurter Kuche.”

Estas três formas de utilização da cozinha, refletem-se na organização interna da casa através da inter-relação entre cozinha e os restantes compartimentos. Por exemplo, uma cozinha de serviço pressupõe que haja proximidade a uma zona de refeições, sala de jantar, para onde possam ser transportados os alimentos rapidamente.

Sala

A sala é das peças a que é dedicada maior atenção no processo de projeto nos dias de hoje. Geralmente são-lhe reservadas as melhores vistas, uma boa orientação solar e tamanho generoso. Devido às características da habitação unifamiliar a sala é geralmente um elemento com franca ligação ao exterior, que pode funcionar como uma extensão da mesma (prancha 28).

Por se tratar de uma peça com dimensões generosas e organização relativamente livre onde se desenrolam inúmeras atividades, a sala pode ser utilizada como distribuidor de espaços, pode partilhar o espaço com a cozinha, ou desdobrar-se em vários compartimentos: sala de jantar, sala de estar, sala de televisão, entre outros.

Este acumular de funções da sala reflete a importância que esta peça ganhou nos últimos anos. Até à pouco tempo, em muitas casas de Portugal a sala continuava a ser projetada como uma dependência cerimonial, raramente utilizada no dia a dia pela família. Em muitas casas deixam de existir portas para a sala, pois ela surge integrada na entrada ou na distribuição da casa (pranchas 28 e 29).

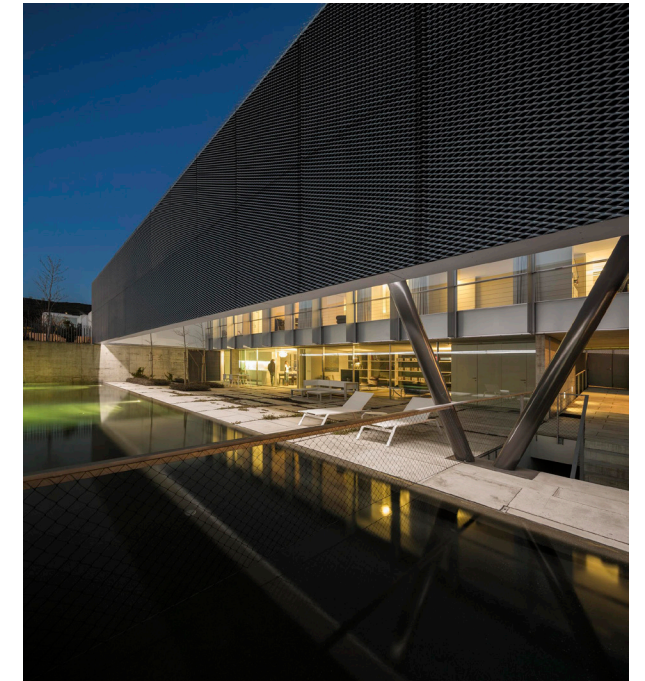
“A sala é, em toda a parte, uma dependência de natureza fundamentalmente cerimonial, relacionada com certas solenidades, designadamente a visita pascal, a velada fúnebre, e também determinados acontecimentos festivos; ela situa-se por isso geralmente logo à entrada da casa, e é a divisão onde a preocupação decorativa e os elementos de luxo assumem maior vulto. Nela figuram sempre as melhores peças do mobiliário da casa, e em especial, o oratório, geralmente sobre uma cómoda, e em alguns casos substituído por um nico cavado na parede, formando uma espécie de altar.”¹⁰³

Destinar a sala a mais usos do que os que a tradição previa, e encontrar uma nova localização dentro do diagrama de organização da casa (como se observa no ponto seguinte) fez com que este generoso espaço ganhasse mais importância e fosse realmente utilizado no dia-a-dia, sendo agora um dos espaços centrais, se não o espaço central, da habitação unifamiliar.

A crescente implantação tecnológica, a mesma que volta as casas para o seu interior e que permite ao cidadão comunicar sem se deslocar, faz com que os



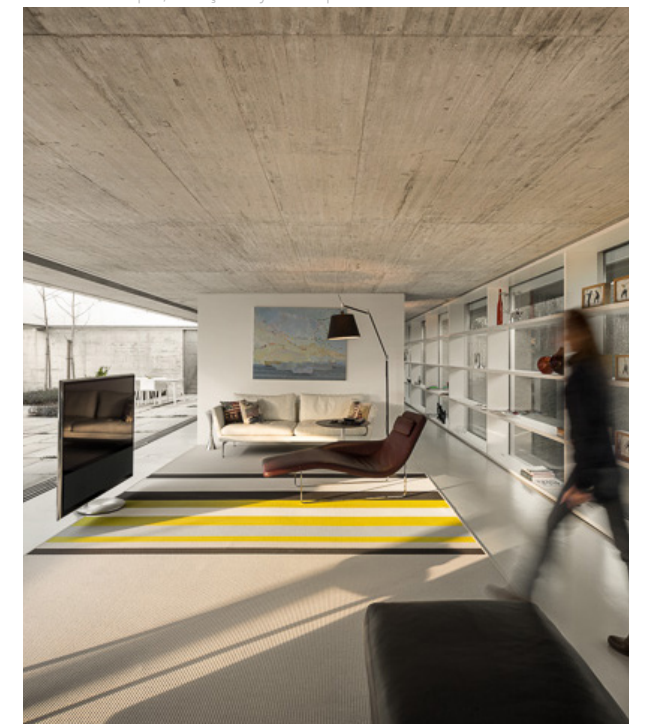
150 - Villa Utopia, Gonçalo Byrne Arquitetos



151 - Villa Utopia, Gonçalo Byrne Arquitetos



152 - Villa Utopia, Gonçalo Byrne Arquitetos



153 - Villa Utopia, Gonçalo Byrne Arquitetos

Vila Utopia, Gonçalo Byrne Arquitetos

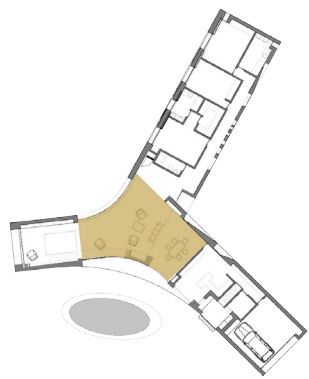
“Os espaços de “dia”, salas e cozinha, localizam-se no piso inferior, diretamente ligados ao grande pátio exterior. Uma vez que o anel envolve, apenas o piso superior da casa, é possível às salas do piso inferior beneficiarem de uma dupla exposição solar, aproveitando a dimensão transversal do lote e a introdução de uma extensão e transparência horizontais.”ⁱ

A sala é fechada para o pátio por caixilhos que se abrem totalmente, permitindo a sua ampliação e total integração com o espaço do pátio. Sala de estar e de jantar são separadas apenas por uma parede que não chega às extremidades, permitindo a circulação livre entre os dois espaços.

O espaço de estar está então conectado à sala de jantar e cozinha, aos acessos ao piso superior e inferior, ao espaço de entrada, ao espaço exterior e à piscina.

i Vila Utopia, Gonçalo Byrne Arquitetos.. Archdaily, 9h00, 6 de Abril de 2015, Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/764946/vila-utopia-goncalo-byrne-arquitetos> [Acedido em: 20/10/2016]

103. OLIVEIRA, Ernesto de Veiga, GALHANO, Fernando, *Portugal de perto: Arquitectura tradicional portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000; p.42



154 - Casa Y, Sousa Santos Arquitetos



155 - Casa Y, Sousa Santos Arquitetos



157 - Casa Y, Sousa Santos Arquitetos

Casa Y, Sousa Santos Arquitetos

A sala, assinalada na imagem 154, é formalmente o espaço central da casa a partir do qual se soltam os braços que contêm o restante programa.

“A casa é construída por três corpos divergentes do ponto de vista funcional, que se conjugam num único elemento através do espaço de intersecção que forma a sala de estar. Este espaço de intersecção possibilita a uma visão dinâmica da paisagem pois esta pode ser apreendida como panorama ou como imagem tangencial nos percursos de utilização da casa. Estes percursos desenvolvem-se segundo os eixos das alas sul – norte (quartos) e nascente – poente (serviços), tornando a sala num vórtice visual dialogante com a biblioteca que se configura no limite poente da construção. A ideia de paisagem enquanto imagem e o seu reflexo no quotidiano doméstico foram os fundamentos base do processo criativo deste projeto.”ⁱ

ⁱ Casa Y, Sousa Santos arquitectos, Disponível em: http://www.sousasantos.com/casa_y.php [Acedido em 1 de Março de 2016.]



156 - Casa Y, Sousa Santos Arquitetos

momentos de reunião familiar voltem a existir, muito centrados neste espaço. A sala roubou protagonismo à cozinha, e é o principal espaço de convívio e estar da habitação unifamiliar contemporânea em Portugal.

Quarto - o espaço do indivíduo

Durante muito tempo relegados para segundo plano, os quartos são hoje um dos espaços de caráter mandatório no desenho da habitação.

De alcovas no espaço de circulação, a compartimentos partilhados por vários indivíduos, até a espaços de expressão máxima da intimidade, o quarto é hoje projetado como um elemento obrigatório na composição da casa, com características próprias e específicas.

Idealmente abriga apenas uma pessoa ou um casal, e as atividades que nele se desenvolvem vão muito além de dormir. O quarto é depósito de bens materiais, é espaço de leitura, é espaço de brincadeira, de trabalho, e é também o espaço que oferece maior relaxamento e individualidade – se a casa é uma construção que reflete o seu conjunto de habitantes, o quarto reflete o indivíduo.

Algumas vezes é considerado um complexo do qual fazem parte vários compartimentos: pode conter um espaço de vestir, um espaço exterior, um espaço de estudo ou trabalho, bem como um banho privado. A configuração quarto e banho privado é já comum na habitação unifamiliar portuguesa, estando presente em todos os casos aqui apresentados.

Banhos - um novo espaço íntimo

O quarto destinado à higienização do habitante é um equipamento relativamente recente na casa.

Começou por se localizar no exterior da casa, sem nenhum tipo de tecnologia a suportar a sua função. Hoje é um dos compartimentos mais equipados e multiplicou-se no interior da habitação, o que em parte se deve a restrições legais que impõem o número mínimo de sanitários.

Além de suprir a necessidade de higienização do habitante, hoje é também uma zona de intimidade por excelência, estando associado à ideia de lazer, de relaxamento, de retiro, de descanso e cuidado íntimo.

Devido aos aparatos técnicos que se lhe associam, este compartimento localiza-se muitas vezes em núcleos técnicos, ou dentro do grupo dos chamados “espaços servidores”. No entanto, mais do que simples espaço servidor é também espaço de permanência.

“O quarto de banho é hoje uma peça cujo uso é quase exclusivamente de caráter relaxante ou de lazer e não exclusivamente higiénico.”¹⁰⁴

104. LEYVA, Juan L. Trillo, *Espacios de intersección*, in *Viviendas Experimentales*, Sevilla: Junta de Andalucía, p. 58. *“El baño es hoy una pieza cuyo uso es casi exclusivamente de carácter relajante o de ocio y no exclusivamente higiénico.”*

Como se organiza o programa?

“A cozinha é o compartimento essencial da casa, o local onde decorre toda a vida de relação da família, onde se cozinha, se come e se reúnem as pessoas depois do trabalho, sobretudo durante o Inverno. (...) A sua peça fundamental é a lareira, símbolo da casa, ou seja, o lugar onde se faz o fogo e se prepara a comida.”¹⁰⁷

Nesta descrição dos antropólogos sobre a cozinha em Portugal, é assinalado o seu lugar central na composição da casa. A preparação dos alimentos é uma permanente histórica, o que transformou, durante muito tempo, a cozinha no centro, no fogo, muitas vezes considerado o início da casa.

“Na ideia de casa encontra implícita a ideia de um foco que aglutina a vida doméstica e que diferencia qualquer construção de qualquer um que concordamos em chamar de lar. O termo casa significa, na sua origem, essa capacidade. Home refere-se a uma forma de domesticar o fogo para se tornar uma fonte de calor e energia para cozinhar. Não é surpreendente, portanto, que chamemos nossas casas de casas, mesmo que o elemento que lhes deu um nome já não existe.”¹⁰⁸

Hoje a distribuição das atividades na casa não se centra necessariamente na cozinha. A sala aglutina também um grande número de atividades no seu interior, e muitas vezes é também distribuidor, colocando-a no centro da organização espacial da casa (pranchas 28 e 29).

Na página seguinte estão as plantas das casas aqui enunciadas à escala 1:500, orientadas a Norte.

Observa-se que o tamanho e a orientação solar dos compartimentos varia bastante de casa para casa. A orientação solar é muitas vezes consequência de fatores externos como as vistas, a forma do terreno, os acessos possíveis, etc.. No entanto, se a posição dos compartimentos em relação à estrutura varia indefinidamente, a sua posição relativa, de espaço para espaço, apresenta algumas organizações recorrentes.

A cozinha está quase sempre relacionada de forma muito direta com a sala. Os quartos, na generalidade assumem uma posição periférica, como se pode observar no vegetal – diagrama que se sobrepõe às plantas e ilustra a relação entre os espaços de cada casa.

O diagrama em vegetal assinala os compartimentos existentes com um círculo de cor, a partir do qual surgem linhas pretas que se conectam com outro círculo (outro espaço). Cada linha representa uma porta (ou outro tipo

107. OLIVEIRA, Ernesto de Veiga; GALHANO, Fernando; Portugal de perto: Arquitectura tradicional portuguesa. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000; p.111

108. MONTEYS, Xavier, FUENTES, Pere, Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa. Barcelona: GG, 2001, p.104 “En la idea de casa se encuentra implícita la idea de un foco que aglutina la vida doméstica y que diferencia una construcción cualquiera de aquella que convenimos en llamar casa. El término hogar comporta, en su origen, esta capacidad. Hogar hace referencia a un modo de domesticar el fuego hasta convertirlo en fuente de calor y en energía para cocinar. No es de extrañar, pues, que llamemos a nuestras casas hogares, aun cuando el elemento que les ha dado nombre ya no exista.”

Há por isso autores a proporem novas formas de distribuir aquilo que até agora consideramos como um quarto de banho. Os componentes técnicos deste quarto são o vaso sanitário, o lavatório, o chuveiro ou a banheira, e o bidé. Na visão de Andrés Hernandez¹⁰⁵ estes componentes poderiam estar separados em várias estâncias da casa, em vez de concentrados num único espaço. O quarto de banho disperso ou fragmentado assenta na possibilidade de várias pessoas o utilizarem em simultâneo, em diferentes ritmos, sustentando o seu pensamento na diversidade de agregados familiares ou grupos de pessoas que habitam a casa na contemporaneidade.

As funções desenvolvidas no seu interior agrupam-se em pelo menos dois grupos – necessidades fisiológicas e higienização – pelo que poderiam ser desenhadas, por exemplo, duas zonas de banho: uma com o vaso sanitário, e uma com os equipamentos de higiene.

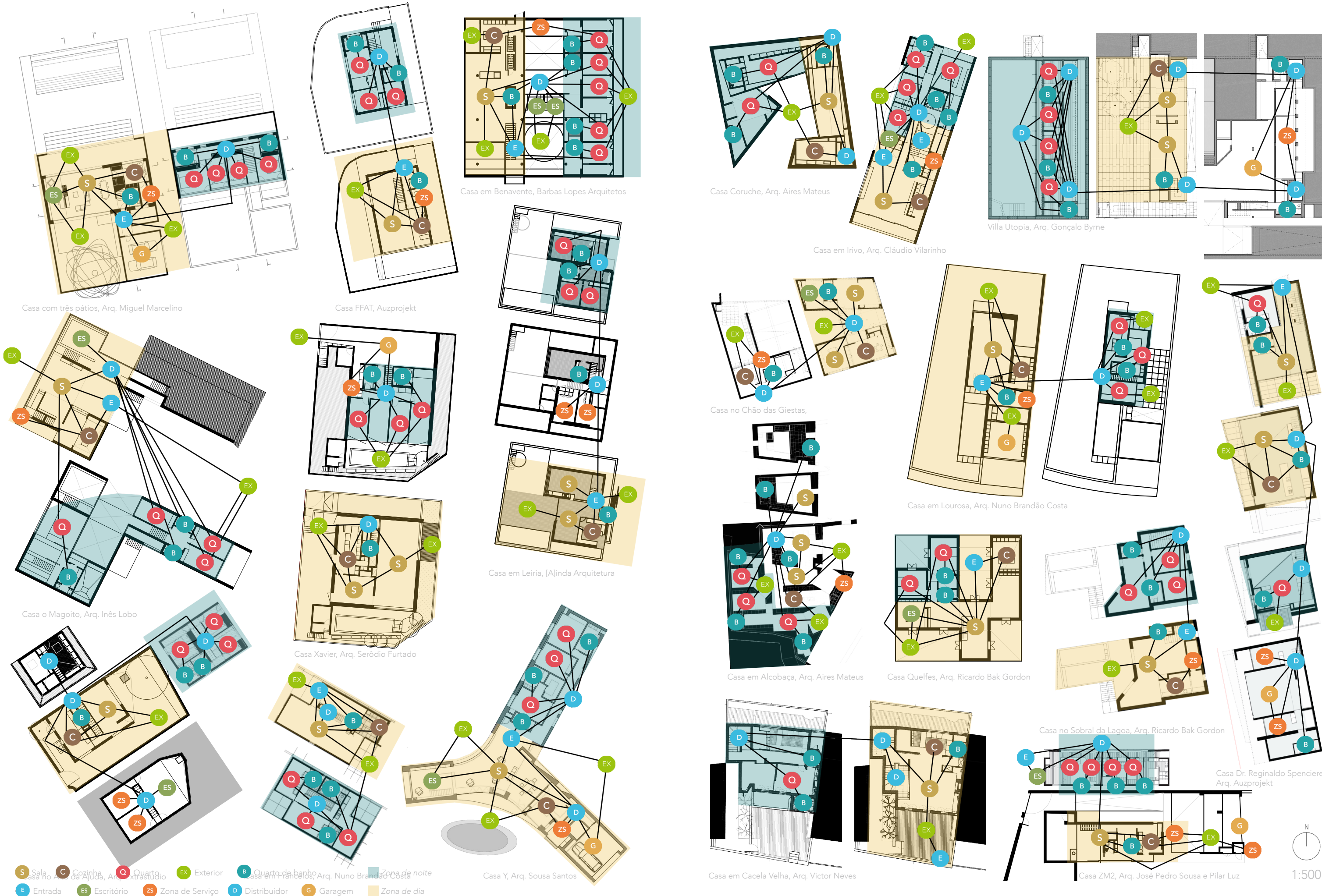
“Qual seria nossa reação se ao visitar uma casa alheia, perguntamos pelo quarto de banho e nos respondem de que parte é que precisamos. Está demonstrado que um banho espalhado pela casa é mais eficaz do que o atual, especialmente se a casa é habitada por vários indivíduos. Por outro lado, muitas das funções desempenhadas no banho, não têm muito a ver umas com as outras.”¹⁰⁶

Nenhuma das habitações unifamiliares estudadas apresenta uma solução que vá ao encontro deste pensamento, contudo, surge cada vez mais uma casa de banho associada a cada quarto, e uma destinada a serviço ou visitas, reiterando este espaço como um espaço de intimidade, apropriado pelo indivíduo e não pelo grupo de habitantes.

Apresentados os usos das componentes constantes da casa em Portugal, observa-se de seguida a forma como se relacionam entre si. Quais os percursos oferecem e em que posição se localizam dentro do diagrama que organiza a casa.

105. ERNANDEZ, Andrés Lopez. Viviendas experimentales. TOMO VIII Entorno a la vivienda y su asociacion. Sevilha: Junta de Andalucía, Fevereiro de 2008,

106. ERNANDEZ, Andrés Lopez. Viviendas experimentales. TOMO VIII Entorno a la vivienda y su asociacion. Sevilha: Junta de Andalucía, Fevereiro de 2008, p.21 “Cual sería nuestra reacción si de visita en una casa ajena, preguntamos por el baño y nos responden, qué parte de él necesitamos. Está demostrado, que un baño disperso por la casa, es más efectivo, que nuestro actual cuarto de baño, sobre todo si la casa está habitada por varios individuos. Por otra parte, muchas de las funciones que se realizan en ellos, no tienen mucho que ver.”



Casa com três pátios, Arq. Miguel Marcelino

Casa FFAT, Auzprojekt

Casa em Benavente, Barbas Lopes Arquitectos

Casa Coruche, Arq. Aires Mateus

Casa em Iriwo, Arq. Cláudio Vilarinho

Villa Utopia, Arq. Gonçalo Byrne

Casa no Chão das Giestas,

Casa em Lourosa, Arq. Nuno Brandão Costa

Casa em Leiria, [A]inda Arquitetura

Casa o Magoito, Arq. Inês Lobo

Casa Xavier, Arq. Seródio Furtado

Casa em Alcobaça, Arq. Aires Mateus

Casa Quelfes, Arq. Ricardo Bak Gordon

Casa no Sobral da Lagoa, Arq. Ricardo Bak Gordon

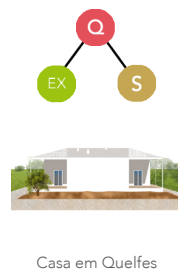
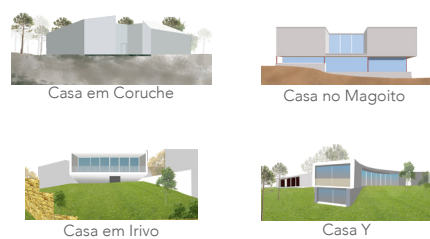
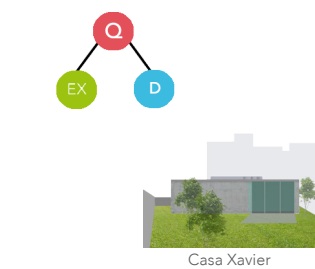
Casa Dr. Reginaldo Spenciere
Arq. Auzprojekt

Casa Y, Arq. Sousa Santos

Casa em Cacela Velha, Arq. Victor Neves

Casa ZM2, Arq. José Pedro Sousa e Pilar Luz

Conexões oferecidas pelo quarto



de acesso), entre um espaço e o outro, tornando possível compreender rapidamente qual o espaço onde se aglomeram mais movimentos na casa. A relação recorrente entre sala e cozinha, geralmente associadas a acessos exteriores e zonas de serviço, e por outro lado, a localização periférica dos quartos, indicia a já comum divisão em dois grupos de espaços: zonas de dia e zonas de noite. Estas duas zonas são assinaladas no vegetal – a mancha amarela representa as zonas de dia, a mancha azul as zonas de noite.

“Um dos subgrupos mais utilizados é formado pelos dormitórios ou a “zona de noite”, uma estrutura de primeiro grau (de acordo com a nomenclatura do trabalho citado) composta por um distribuidor central que relaciona quartos e banheiros. Mais variável é o subgrupo “zona de dia” que normalmente parte do hall de entrada e é composto pela cozinha, a sala de estar e um quarto de banho (...). A simplificação da fragmentação espacial do interior da casa em subgrupos, como as zonas de dia e de noite, contribuem para a involução do projeto doméstico e para a aceitação de sua inflexibilidade funcional. A zona de noite, ao separar-se como uma metade do resto das dependências limita-se ao seu uso noturno ou, ao uso esporádico, o que significa que na maior parte do nosso tempo só utilizamos menos de cinquenta por cento do espaço disponível.”¹⁰⁹

A afirmação de Juan Leyva ilustra, em parte, a realidade atual da habitação unifamiliar em Portugal. Por outro lado, a tardia emancipação dos filhos e os agregados cada vez mais heterogêneos resultam numa utilização mais intensiva do quarto por parte do indivíduo, o que desmente a utilização parcial da casa, apresentada na perspetiva supracitada.

Na página ao lado (140), isolam-se os quartos e respetivas conexões, e considera-se o quarto como o complexo de espaços composto por vestiário, zona de dormir, banho. Observa-se que a localização do quarto no interior da casa é sempre periférica, apesar de estar sempre relacionado com uma zona de distribuição, que permite aceder ao resto da casa.

Verifica-se que quando está em contacto com o solo, permite o acesso ao exterior. Por vezes a distribuição é feita através da sala ou da cozinha, como acontece na casa em Quelfes e na casa em Alcobaça. Salvo estas duas exceções, o quarto é sempre localizado num extremo do diagrama organizacional e apenas oferece conexões ao distribuidor. Assim, verifica-se uma zona periférica associada aos quartos, que podia coincidir com a comumente chamada “zona de noite”. No entanto, nada indica que esta área da casa seja efetivamente utilizada apenas durante a noite. A localização dos quartos dentro do diagrama organizacional prende-

109. LEYVA, Juan Luis Trillo, Estructuras de comunicación, Viviendas experimentales. TOMO VI Entorno a la vivienda y su asociación. Sevilla: Junta de Andalucía, Fevereiro de 2008, p.40 “Uno de los subgrupos más utilizado es el formado por los dormitorios o la “zona de noche”, estructura de primer grado (según la nomenclatura del trabajo citado) compuesta de un distribuidor central que relaciona dormitorios y cuartos de baño. Más variable es el subgrupo “zona de día” que normalmente parte del vestíbulo de acceso y está compuesto por la cocina, el salón y un aseo (...). La simplificación de la fragmentación espacial del interior de la vivienda en subgrupos como las zonas de día y de noche, contribuyen a la reiteración involutiva del proyecto doméstico y a la aceptación de su inflexibilidad funcional. La zona de noche al separarse como una mitad del resto de las dependencia se limita a su uso nocturno o, en todo caso, a un uso esporádico, lo que significa que la mayor parte de nuestro tiempo sólo gozamos de menos del cincuenta por ciento del espacio disponible.”

Conexões oferecidas através da cozinha

se portanto, mais com a privacidade dos espaços de intimidade do que propriamente com as chamadas zonas de noite e de dia, que dada a diversidade de hábitos do habitante na contemporaneidade, deixam de fazer sentido.

Na página anterior observam-se as conexões oferecidas pela cozinha e as conexões oferecidas pela sala. De imediato se compreende que a sala oferece mais conexões do que a cozinha, e aparece muitas vezes como elemento central, que distribuí, e onde se cruzam percursos.

A relação mais comum entre dois espaços existe entre Sala e Cozinha e verifica-se em 18 casas, sendo que em apenas três casas isso não acontece. Contudo, nos casos em que as habitações não estabelecem essa relação direta, cozinha e sala estão apenas separadas por um curto espaço de distribuição, ou seja, a relação de proximidade entre casa e cozinha constitui regra.

O acesso ao exterior a partir da cozinha também se verifica com regularidade (14 casos), bem como a zonas de serviço. Apesar de, como visto anteriormente, o programa de cozinha surgir relacionado com a sala ou conter mesmo espaços de jantar, dentro do diagrama de organização dos espaços a cozinha surge cada vez mais como um espaço de serviço, associado a percursos secundários, acessos de garagem ou traseiras.

Para isso também contribui a implantação tecnológica, que torna automatiza as tarefas e torna o ato de cozinhar num momento quase laboratorial. Assim, a cozinha é cada vez mais equipamento e menos espaço de estar ou viver.

Se a cozinha é cada vez mais encarada como um equipamento de serviço, a sala, por sua vez, ganha outro protagonismo. De espaço de exposição, raramente utilizado, de caratér cerimonial, para espaço versátil que agrega várias atividades e reúne o agregado por definição, transformando-se num elemento aglutinador dos elementos do seio familiar.

De todos os espaços a sala é o que estabelece relação com maior número de espaços, sendo que no limite se apresenta como espaço de distribuição propriamente dito. Por se relacionar com diversos espaços consegue ser o espaço mais versátil.

Geralmente é-lhe destinada uma área generosa e uma localização privilegiada dentro da habitação, um espaço cuidado e equipado, sendo que muitas vezes são destinadas à sala as melhores vistas e melhor orientação.

A existir uma lareira na casa de hoje, ela localizar-se-á (na grande maioria das vezes) na sala.

A sala é o novo centro (do fogo).

Quando pensamos em flexibilidade pensamos em algo maleável, capaz de movimentos amplos.

No entanto, em arquitetura, também associamos o conceito de flexibilidade ao uso. Assim, é comum dizer-se que determinado material é flexível porque pode ser usado para vários fins (por exemplo a cortiça, que pode ser utilizada em isolamentos ou acabamentos) ou que determinado espaço é flexível, pois consegue adaptar-se ao desenvolvimento de várias atividades.

Á noção de adaptação a vários usos associam-se muitas vezes os tabiques móveis, as portas de correr, espaços cuja forma é, de facto, mutável. No entanto, a um espaço firme e estático também se podem atribuir vários usos – uma outra forma de flexibilidade.

Como visto nos diagramas anteriores, há uma especialização de alguns espaços e em simultâneo a capacitação de compartimentos para o desenvolver de várias funções – a sala pode figurar como distribuidor, espaços aos quais não são atribuídas funções específicas, etc..

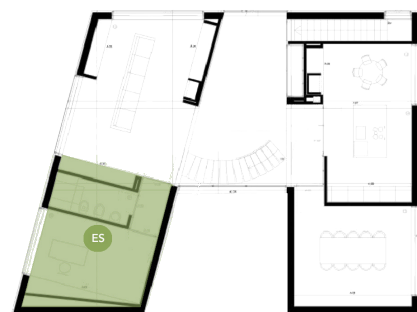
“Quanto maior foi a especialização das peças da casa e mais peças indefinidas desapareceram, maior foi a perda de flexibilidade desta.”¹¹⁰

Um espaço como o escritório na Casa das Giestas pode ser utilizado como quarto (imagem 158); A sala polivalente na Casa em Leiria, também pode ser utilizada como escritório, como quarto ou como sala (imagem 159), o que corresponde a uma noção de flexibilidade que se prende mais com a potencialidade de apropriação dos espaços do que com a potencialidade de transformação espacial dos mesmos.

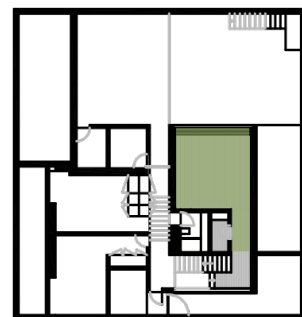
Assim, a potencialidade do espaço está relacionada com a polivalência e versatilidade mais do que com a mudança espacial. Também os novos mecanismos e avanços tecnológicos capacitam a optimização estrutural, permitindo uma organização do espaço com menos constrangimentos (imagens 160 e 161). A flexibilidade conseguida através da cooperação entre tecnologia e arquitetura, permite a independência entre estrutura e organização tipológica.

Ao conceito de flexibilidade associa-se a potencialidade do espaço em questão – se a sua forma permite várias apropriações ou apenas uma função em específico (como por exemplo acontece com a maioria dos quartos de banho). A atenção dada à potencialidade dos espaços prende-se sobretudo com as alterações do núcleo familiar que ocorrem com cada vez mais frequência, mas também com a liberdade de apropriação do espaço por parte do habitante. Contudo, no desenho das habitações unifamiliares, por existir na maioria das vezes um cliente específico, os espaços tendem especializar-se e apresentar características específicas.

110. MONTEYS, Xavier, FUENTES, Pere, *Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona: GG, 2001, p.46 “Podríamos asegurar que, cuanto mayor ha sido la especialización de las piezas de la casa y más piezas indefinidas han desaparecido, mayor ha sido la pérdida de flexibilidad de ésta.”



158 - Casa no Chão das Giestas, Sousa Santos Arquitetos



159 - Habitação unifamiliar em Leiria, [A] ainda Arquitetura



160 - Casa Irivo, Arquiteto Cláudio Vilarinho Estrutura em light steel framing



161 - Casa em São Estevão, Barbas Lopes Arquitetos. Organização interna fluida e desligada da estrutura.

No entanto, verificaram-se alguns mecanismos que potenciam a liberdade de apropriação dos espaços nos casos estudados.

Em Portugal as portas de correr são um mecanismo relativamente comum, no entanto, na maioria das vezes não intervêm na mudança espacial, sendo antes adotadas para poupança de espaço. Apesar de menos frequentes, os mecanismos flexíveis ou estruturas móveis, surgem em algumas habitações unifamiliares permitindo a redefinição dos espaços (prancha 30). Com os espaços cada vez mais desligados da sua estrutura, a utilização de portas e painéis de correr capacita a casa para a alteração dos ambientes, construindo espaços com diversas definições possíveis. Os painéis de correr ganham muitas vezes função de uma parede que flutua e desliza sobre uma calha de tecto, capaz de fechar ou abrir quartos e de subdividir compartimentos, como se verificou na casa Dr. Reginaldo Spenciere apresentada na prancha 30.

Registaram-se também espaços que apesar de vulgarmente associados a determinada atividade específica, são agora capazes de abrigar outras atividades, através do seu redimensionamento (prancha 31). Se dotarmos os espaços de passagem de pequenos equipamentos, como bancadas, estantes, ou bancos, podemos otimizar o seu uso. Além de zona de passagem, podem receber outros usos.

“Uma opinião generalizada é que os corredores têm utilidade enquanto houver espaços aos quais aceder, e assim são relegados ao papel de servidor e, a partir daqui, se trabalha na direção de torná-los estritamente um lugar de passagem. Do nosso ponto de vista, seria mais útil conceber o corredor como uma peça comum que permitiria outros usos além da passagem.”¹¹¹

Referimos anteriormente o habitante enquanto individuo mais os objetos que guarda. A criação de núcleos servidores, que libertam o resto da planta de tabiques, ou de paredes capazes de armazenar bens, que permitem ao habitante guardar os seus objetos sem que para isso tenha de ocupar o espaço vazio, permitem amplas zonas livres e são outra das estratégias utilizadas para permitir essa potencialidade (prancha 32).

Para isso são criados moveis aglutinados às paredes, muitas vezes quase imperceptíveis (prancha 32), que permitem esse armazenamento.

“Se começarmos a partir do mesmo volume, à medida que o armazenamento cresce, o espaço vazio diminui. Encontrar o equilíbrio é o objetivo do processo de projeto. Na medida em que o equipamento de habitação se torna mais complexo e atende todas as necessidades do inquilino, ao configurar o espaço, o armazenamento pode ser minimizado. O corpo de um carro é

111. MONTEYS, Xavier, FUENTES, Pere, *Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona: GG, 2001, p.48 *“Una opinión generalizada es que los pasillos sirven en tanto que hay habitaciones a las que acceder, con lo cual se les relega al papel de servidor y, a partir de aquí, se trabaja en la dirección de convertirlos estrictamente en un lugar de paso. Desde el punto de vista que nos ocupa, sería más útil concebir el pasillo como una pieza común que permitiría otros usos además del de paso.”*

112. LEYVA, Juan L. Trillo, *Espacios de intersección*, in *Viviendas Experimentales*, Sevilla: Junta de Andalucía, p. 51 “Las tres sustancias para generar vivienda: equipamiento, almacenamiento, espacio vacío. Si partimos de un mismo volumen, a medida que crece el almacenamiento disminuye el espacio vacío. Encontrar ese equilibrio es el objetivo del proceso proyectivo. En la medida en que el equipamiento de la vivienda se haga más complejo y resuelva todas las necesidades del inquilino, a la vez que configura el espacio, el almacenamiento podrá reducirse al mínimo. La carrocería de un coche es puro equipamiento, y esa superficie delimita el espacio y lo configura.”

113. MONTEYS, Xavier, FUENTES, Pere, *Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona: GG, 2001, p.58 “Si, cada vez con mayor frecuencia, la familia se convierte en un conjunto de gente adulta que convive bajo un mismo techo, parecen razonables aquellas soluciones, como el uso de dos puertas, que tan sólo diez años atrás no hubieran tenido sentido. Piénsese, por ejemplo, en los hijos adultos que conviven con sus padres o en las viviendas en las que uno de los usuarios trabaja y recibe en casa.”

*equipamento puro, e essa superfície delimita o espaço e o configura.”*¹¹²

As portas são também um mecanismo capaz de potenciar a flexibilidade. Como vimos anteriormente, nos diagramas de organização das atividades dentro da casa, o quarto ocupa geralmente uma posição periférica, com apenas um acesso, posição que se relaciona com o seu caráter íntimo afastando-o das circulações ou espaços comuns. Contudo, se ao quarto associarmos uma outra porta de acesso ao exterior, além de permitirmos a chegada a casa sem contacto com a família, também seria possível, por exemplo, o seu uso enquanto escritório, capaz de receber visitas profissionais sem que tenham de percorrer o interior da habitação.

*“Se, cada vez com maior frequência, a família se converte num grupo de pessoas adultas que vivem juntas sob um mesmo teto, parecem razoáveis as soluções, como o uso de duas portas, que até à dez anos atrás não teriam sentido. Considere, por exemplo, filhos adultos que vivem com os seus pais ou casas onde um dos usuários trabalha e recebe profissionais em casa.”*¹¹³

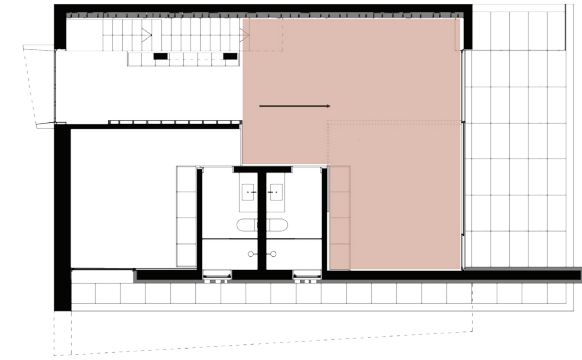
Os mecanismos capazes de potenciar a flexibilidade adoptados nestas habitações demonstram a preocupação com a adaptabilidade da casa a novas realidades, na consciência da constante mutação característica da contemporaneidade. Compreender a flexibilidade como potencialidade, mais do que mudança de configuração dos espaços, é compreender que se prende não só com a redefinição da forma do espaço, mas também com espaços que, sem alterarem a sua estrutura, permitem várias apropriações por parte do habitante.



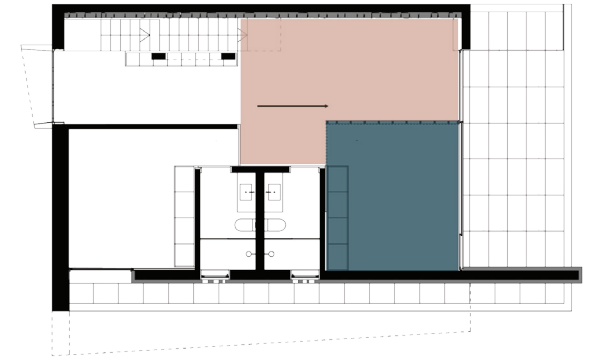
162 - Casa Dr. Reginaldo Spenciere, Arquitetos AUZprojekt; Sala expandida.



163 - Casa Dr. Reginaldo Spenciere Arquitetos AUZprojekt; Quarto.



164 - Casa Dr. Reginaldo Spenciere, Arquitetos AUZprojekt; Sala expandida a rosa.



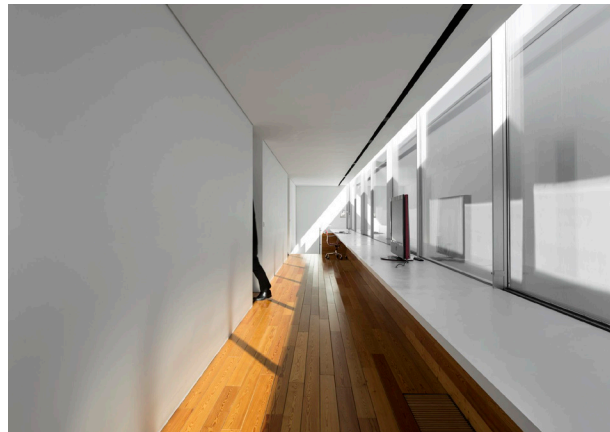
165 - Casa Dr. Reginaldo Spenciere Arquitetos AUZprojekt; Quarto a azul e sala a rosa.

Casa Dr. Reginaldo Spenciere, Arquitetos Auzprojekt.

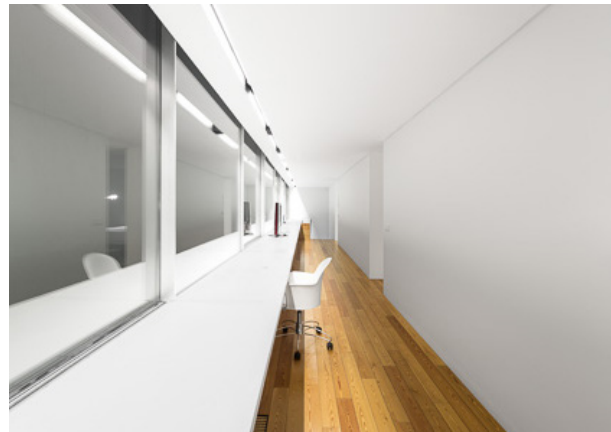
Na Casa Dr. Reginaldo Spenciere, pertencente a um médico estrangeiro a viver em Vila do Conde, um grande painel de correr transforma parte da sala num quarto, dando a possibilidade ao habitante de receber confortavelmente as visitas da sua família. Quando as visitas retornam, não existe um quarto que fica vazio, à espera de habitante, mas antes uma extensão do espaço da sala de estar. O quarto desaparece e incorpora-se na sala, como uma extensão da mesma.

*“A cozinha e a área social foram colocadas no topo para apreciar a vista do mar (e a luz refletindo), o quarto, do único habitante permanente, é um beliche colocado no sótão (ainda mais horizonte), que liberta o nível do solo para versatilidade, com paredes deslizantes. Pode ser quase tudo, em contato com o chão que queria ser uma duna.”*ⁱ

ⁱ AUZPROJEKT, Casa Dr. Reginaldo Spenciere, Archdaily, 29 de Janeiro de 2010. Disponível em: <http://www.archdaily.com/47753/casa-dr-reginaldo-spenciere-auzprojekt> [Acedido em: 11 de Setembro de 2017] “The kitchen and social area were placed on top to enjoy the sea view (and the light reflecting), the bedroom, of the only permanent inhabitant, is a bunk bed placed at the attic (even more horizon), which liberates the ground level for versatility, dragging walls. It can be almost everything, in contact with the ground which wanted to be a dune.”



166 - Vila Utopia, Gonçalo Byrne Arquitectos



167 - Vila Utopia, Gonçalo Byrne Arquitectos



168 - Vila Utopia, Gonçalo Byrne Arquitectos



169 - Vila Utopia, Gonçalo Byrne Arquitectos



170 - Vila Utopia, Gonçalo Byrne Arquitectos



171 - Vila Utopia, Gonçalo Byrne Arquitectos

Vila Utopia, Gonçalo Byrne Arquitectos

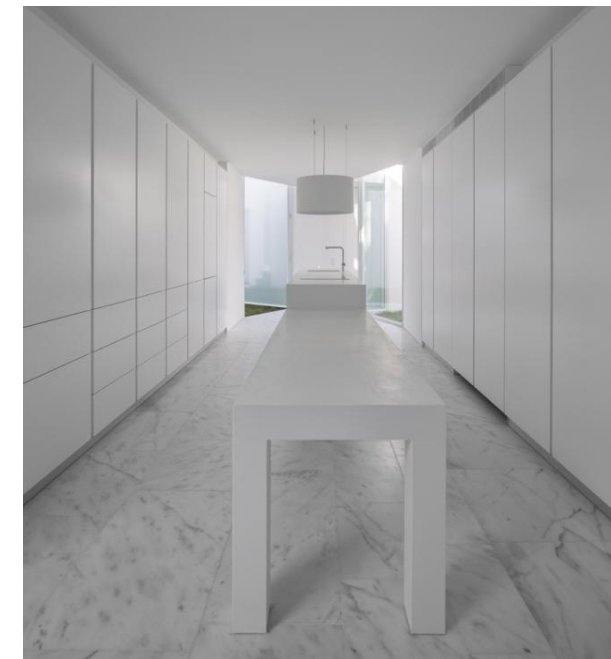
*"Uma opinião generalizada é que os corredores enquanto houver salas às quais aceder, sendo relegados ao papel de servidor e, a partir daí, trabalha-se na direção de convertê-los num lugar de passagem. Deste ponto de vista, seria mais útil conceber o corredor como uma peça comum que permitiria outros usos além da passagem."*ⁱ

O corredor das Villas Utopia propõe usos alternativos. A sua largura generosa pretende que este espaço seja mais do que uma mera circulação e possa ser utilizado como escritório, como zona de leitura, zona de televisão; um espaço tratado como uma sala de apoio aos quartos, mais do que distribuidor. Na fachada utilizam-se laminas metálicas que além de filtrarem a luz são também suporte de objetos, espaço de armazenamento, desocupando o centro dos espaços.

ⁱ MONTEYS, Xavier, FUENTES, Pere, *Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona: GG, 2001, p.48
"Una opinión generalizada es que los pasillos sirven en tanto que hay habitaciones a las que acceder, con lo cual se les relega al papel de servidor y, a partir de aquí, se trabaja en la dirección de convertirlos estrictamente en un lugar de paso. Desde el punto de vista que nos ocupa, sería más útil concebir el pasillo como una pieza común que permitiera otros usos además del de paso."



172 - Casa em Alcobaça, Aires Mateus e Associados



173 - Casa em Alcobaça, Aires Mateus e Associados



174 - Casa Quelfes, Ricardo Bak Gordon Arquitectos



175 - Casa Quelfes, Ricardo Bak Gordon Arquitectos



176 - Casa Quelfes, Ricardo Bak Gordon Arquitectos



177 - Casa Quelfes, Ricardo Bak Gordon Arquitectos

Casa em Alcobaça, Arquitectos Aires Mateus e Associados; Casa em Quelfes, Arquitecto Ricardo Bak Gordon.

Em Alcobaça os armários justapostos à parede são praticamente imperceptíveis. O tratamento dado aos quartos de banho faz com que pareçam surgir no interior das paredes.

Em Quelfes os armários destacam-se, deixando ver que são de facto eles quem compartimenta os espaços.

Infraestrutura

*“Um eletrodoméstico, um computador, um telemóvel, o automóvel, a televisão, os interruptores da luz e as luzes que nos fornecem, todos estes aparatos e muitos mais são parte da implementação tecnológica da nossa vida quotidiana e, por conseguinte, também das nossas casas como ambientes do nosso quotidiano.”*¹¹⁴

A infraestrutura, aqui tida como parte da estrutura que medeia a relação entre habitante e meio, é constituída pelo esqueleto eletrónico e tubagem de extração ou abastecimento. Neste esqueleto inclui-se hoje, não só o abastecimento elétrico, como também as redes de televisão, internet e telefone, além da tubagem de extração e abastecimento da casa, que inclui abastecimento de água, de gás, de ar frio ou quente, extração de águas cinzentas e renovação de ar. Faz também parte da infraestrutura a forma como estas redes se encontram com o habitante – a interface. Parte das transformações tecnológicas mais significativas dos últimos tempos prendem-se com a reinvenção da interface. Nos telemóveis, carros, computadores e também na casa, procura-se a interação cada vez mais facilitada (amigável e pensada no utilizador) entre aparato eletrónico ou mecânico e movimento ou ação do utilizador. Essa interação “amigável” aproxima estes aparatos tecnológicos a extensões do nosso corpo, que utilizamos de forma inconsciente, automática, e das quais somos cada vez mais dependentes. Tanto o simples interruptor, como os sensores de movimento que acendem as luzes automaticamente são a parte desse interface.

*“A nossa sensação de conforto depende em grande parte da nossa dependência face às máquinas que nos facilitam as ações de habitar, que nos permitem levar a cabo uma vida mais relaxada e cómoda.”*¹¹⁵

A “Casa” como ícone figurativo transforma-se cada vez mais em “habitação-casa” – contendor de informações (programas e necessidades; sonhos e desejos) e mecanismo de interface que faz a ponte entre o usuário e o entorno.¹¹⁶

Como referido anteriormente, a “habitação-casa” tem em conta vários contextos: o contexto social – gostos e vontades do cliente; contexto legal – normativas legais; contexto material – técnicas e processos que definem uma indústria mais ou menos local; contexto físico – condicionantes reais ou ideológicas em que se baseia o projeto num processo aberto e por isso interativo.

A televisão, a internet sem fios, os telemóveis, são mecanismos que por si

114. SALAZAR, Jaime. *La casa como artefacto*, in GAUSA, Manuel, SALAZAR, Jaime. *Singular housing: el dominio privado*. Barcelona: GG, 2002. p.93
“Un electrodoméstico, un ordenador, un teléfono móvil, el automóvil, la televisión, los interruptores de luz y las luminarias que nos la aportan, todos estos aparatos y muchos más forman parte de la implementación tecnológica de nuestra vida cotidiana y, por lo tanto, también de nuestras casas como los entornos de nuestra cotidianeidad.”

115. SALAZAR, Jaime. *Casa como artefacto*; in GAUSA, Manuel, SALAZAR, Jaime. *Singular housing: el dominio privado*. Barcelona: GG, 2002.

116. SALAZAR, Jaime. *La casa como artefacto*, in GAUSA, Manuel, SALAZAR, Jaime. *Singular housing: el dominio privado*. Barcelona: GG, 2002



178 - Casa em Monsaraz



179 - Casa em Monsaraz



180 - Casas no Torrão, Setúbal



181 - Casa no Torrão, Setúbal



182 - Casa em Ovar.



183 - Casa em Ovar.



184 - Casa em Coruche, Aires Mateus e Associados



185 - Casa em Francelos, Arq. Nuno Brandão Costa

só alteram ou influenciam esses contextos e a forma como os apreendemos, alterando por isso a configuração espacial da casa. São motores de mudança de toda uma geração que se reflete numa forma de viver mais despreocupada em relação às tarefas elementares, de sobrevivência, e que valoriza atividades de recreio, descanso e culto do corpo – consequências da introdução dos aparelhos tecnológicos nas tarefas do dia-a-dia. Máquinas que fazem parte do quotidiano da casa, e mais importante, da nossa ideia de conforto. O entorno interno, essa infraestrutura associada ao cenário – como é vista por Bernard Leupen – enquanto implementação tecnológica faz já parte da nossa noção de casa.

“Um dos aspetos fundamentais para o desenvolvimento formal da arquitetura é o da progressiva implementação técnica e tecnológica do espaço. A arquitetura evolui à medida que evoluem as técnicas de construção. Mas também evolui em função da maneira como evolui o contexto das máquinas associadas ao habitar, e isso é particularmente claro e próximo no momento atual.”¹¹⁷

Atualmente surgem inovações tecnológicas numa base quase diária: luzes automáticas, aplicações capazes de programar todos os aparelhos eletrónicos conectados à habitação¹¹⁸, vidros transparentes que se tornam opacos com um *click*¹¹⁹, telhas que recolhem a luz solar¹²⁰, entre muitos outros exemplos que poderiam ser aqui referidos. A entrada destes produtos no mercado é o testemunho da transformação que presenciamos atualmente. Ainda que ocorra de forma lenta, como todas as transformações da habitação, existe de facto um crescente vínculo entre arquitetura e tecnologia. Vínculo que, mais do que somar-se à noção “tradicional” de arquitetura, funde-se com ela. Essa fusão torna cada vez mais invisível e imperceptível a implantação tecnológica.

“A implementação tecnológica é cada vez mais sofisticada, mais invisível, mais nanotecnológica.”¹²¹

A dissimulação dos aparatos técnicos na forma da casa é algo que tem sido desejado desde sempre (a passagem dos fios elétricos para dentro das paredes, a introdução de caleiras internas, são testemunhos dessa vontade). No entanto, além dos meios para que isso aconteça se terem otimizado, hoje é ainda mais recorrente, ou comum, o desejo de dissimular o equipamento. As chaminés, por exemplo, eram construídas de forma saliente na fachada por necessidades estruturais. Contudo, nas casas de emigrante, apesar dessa necessidade deixar de existir, elas são revestidas de materiais distintos dos utilizados nas fachadas e desenhadas de forma a se assemelharem a um

117. SALAZAR, Jaime. *A casa como artefacto* in GAUSA, Manuel, SALAZAR, Jaime. *Singular housing: el dominio privado*. Barcelona: GG, 2002. p.96 *“Uno de los aspectos fundamentales en el desarrollo formal de la arquitectura es el de la progresiva implementación técnica y tecnológica del espacio. La arquitectura evoluciona a medida que evolucionan las técnicas de construcción. Pero también evoluciona en función de la manera en que evoluciona el contexto de las máquinas asociadas al habitar, y eso es particularmente claro y próximo en el momento actual.”*

118. EDP RE:DY, aplicação para smartphone. Disponível em: <https://energia.edp.pt/particulares/servicos/redy/> [Acedido em: 10/08/2017]

119. Smartglassinternational Disponível em: <http://www.smartglassinternational.com/march-newsletter-2/> [Acedido em: 10/08/2017]

120. Tesla Solar roof, Disponível em: https://www.tesla.com/pt_PT/solarroof?redirect=no [Acedido em: 10/08/2017]

121. SALAZAR, Jaime. *A casa como artefacto* in GAUSA, Manuel. SALAZAR, Jaime. *Singular Housing: el dominio privado*. Barcelona: GG, 2002. p.268. *“Technological implementation is increasingly more sophisticated, more invisible, more nanotechnological.”*

elemento estrutural da casa. Hoje, como observamos na grande maioria das casas em estudo, elas desaparecem. Na casa em Coruche (imagem 184), por exemplo, a chaminé ou qualquer outro aparato técnico é completamente imperceptível. Já na casa em Francelos (imagem 185) a chaminé é visível, mas não lhe é dado nenhum destaque, ela surge como uma necessidade, dissimulada na materialização da casa, apesar de visível.

Estrutura

Tal como acontece com a infraestrutura, também os materiais de construção da estrutura propriamente dita são cada vez mais diversificados e abundantes. A pré-fabricação, a introdução do vidro e a construção seca foram duas das grandes evoluções tecnológicas da modernidade no que à materialidade da casa diz respeito. Hoje novas técnicas e materialidades surgem todos os dias. Observa-se que nas casas aqui apontadas a pré-fabricação surge mais frequentemente em elementos pontuais (mais relacionados com a infraestrutura), do que com a construção da estrutura propriamente dita. O betão armado continua a ser o material mais utilizado, pela liberdade plástica/formal que proporciona. A liberdade que este material permite, associado ao domínio de técnicas construtivas por parte da equipa especializada responsável pela construção da casa, contribuiu o aparecimento de novas formas, tornando possível a dissolução formal da casa – sem condicionantes formais impostas pelo material (ou pelo menos, em menor quantidade), conseguindo expressar a sua interpretação do meio.

*“A flexibilidade conseguida através da cooperação entre tecnologia e arquitetura, permite, como visto até aqui, a independência entre estrutura e organização tipológica. Isto permitiu que, na contemporaneidade, a organização tipológica se desenvolve-se não tanto como a divisão e definição de espaços com funções específicas, mas antes como um diagrama de funções. Não se trata da clássica disposição interior baseada em compartimentos ou delimitações, mas antes espaços fluidos que cumprem as várias funções do habitar.”*¹²²

A implantação tecnológica contribuí ativamente para a mudança que se opera na casa contemporânea: desde a optimização do equipamento referente à infraestrutura, à interface que o relaciona com o habitante, até à capacitação de adaptação da forma da estrutura em relação ao meio.

Além de facilitar a interação entre casa e habitante, intervém também na relação entre estrutura e infraestrutura, bem como na relação estrutura/meio. É potenciadora da interatividade característica da casa contemporânea – casa interativa.

122. GAUSA, Manuel, SALAZAR, Jaime, *Singular housing: el dominio privado*. Barcelona: GG, 2002, p.23

Para projetar uma casa

Cada Casa

A observação até aqui empreendida desperta a consciência da diversidade e heterogeneidade existente em Portugal, no que aos contextos, condições e circunstancias diz respeito, que consequentemente se refletem na paisagem. Desperta também para a diversidade das abordagens adotadas no processo de projeto, por estas serem fruto de interpretações das variáveis supra citadas. A casa mostrou ser hoje produto de uma abundante recolha de informação, sobre a qual se debruçam várias especialidades. Desde o pedido do(s) futuro(s) habitante(s), onde começa todo o processo: os seus desejos, as suas aspirações, o seu agregado familiar, o terreno que escolheu; até à construção propriamente dita, existe um constante cruzamento de informação. Imposições legais, sejam elas alturas, afastamentos, número mínimo de quartos de banho, tipos de solo, orientação solar, programa pedido, vistas existentes, natureza existente. A casa é fruto do cruzamento de toda esta informação, gerênciada pelo arquiteto, que lhe fará corresponder uma forma e uma organização.

Assim, mais do que partir de determinado gosto, ou ser desenhada segundo alguma regra de estilo, a casa de hoje parte da organização da informação disponível sobre o terreno, o habitante, a cidade, o país, onde se irá inserir. A casa contemporânea não é pensada a partir de imposições estilísticas, princípios modernos, ou restrições materiais. Hoje, o(s) contexto(s) é(são) a base de informação sobre a qual se parte para o desenho, que relaciona e interpreta o entorno global.

Com a consciência da realidade diversa e em constante mutação, a casa é *"concebida, em suma, mais da diversidade e da individualidade do que da homogeneidade e da coletividade."*¹²³

A Casa transformou-se em **cada Casa**. *‘Cada Casa’* é fruto da interpretação de uma vasta base de dados. Interpretação essa que irá reagir aos contextos em que se insere o indivíduo e onde pretende construir: condições geológicas, geográficas e climáticas; circunstancias urbanas, sociais, económicas, culturais e políticas.

*“A análise incisiva do ambiente construído adjacente, tanto no entorno imediato como no mais afastado, é crucial para um bom projeto de habitação. Note-se, no entanto, que tal análise do contexto não implica uma posição inequívoca sobre o contextualismo. Cabe ao designer decidir o que fazer com as conclusões dessas análises e que escolhas fazer com base nessas conclusões.”*¹²⁴

Contudo, como a observação aqui elaborada partiu apenas de Portugal

123. GAUSA, Manuel. *Kit Houses – Kinder Houses*. in *Singular Housign: el domínio privado*. Barcelona: GG, 2002, p.144 *“concebida, en suma, más desde la diversidad y la individualidad que desde la homogeneidad y la colectividad.”*

124. LEUPEN, Bernard; MOOIJ, Harald, *Housing Design – a manual*, Rotterdam: NAI Publishers, 2011, p.340 *“Incisive analysis of the adjacent built environment, in both the immediate surrounding and further afield, is crucial for good housing design. It should be noted, however, that such an analysis of the context does not imply an unambiguous position on contextualism. It is up to the designer to decide what to do with the conclusions of these analyses and what choices to make on the basis of these conclusions.”*

continental, num intervalo de tempo relativamente reduzido, é possível enunciar intenções comuns, que então ilustram a casa de Portugal contemporâneo.

Em *Para projetar uma casa*, enunciam-se essas intenções comuns, e destacam-se algumas das interpretações dadas às relações entre Casa e envolvente; meio e estrutura; e estrutura e habitante; de forma a construir um corpo de despertadores de projeto, que permita um olhar crítico sobre a habitação unifamiliar, bem como constituir uma base de temas que podem ser equacionados na construção *da Casa em Portugal*.

A casa está conetada

A casa é refúgio frente ao contexto

A diversidade referida reflete-se nas diversas circunstâncias urbanas em que se insere a casa, traduzindo-se em diferentes relações entre casa e envolvente. A localização da casa oferece à partida informações que serão contabilizadas no processo de projeto: tipo de solo, tipo de organização urbana em que se insere, clima, etc.

Da observação aqui compreendida, foi possível verificar que, independentemente da sua localização (das condições geográficas, geológicas e climáticas, e da circunstância urbana – que assumem características únicas em casa projeto) a casa encontra-se sempre conectada a um centro.

Existe, de facto, uma preocupação com os acessos oferecidos a quando da escolha do terreno, sendo que a proximidade ao centro urbano é apresentada geralmente como uma mais valia. Na maioria das vezes essa conexão é garantida através do automóvel, que ganha um novo destaque no diagrama de espaços da casa. A rede viária é o principal canal de conexão, e o automóvel é o meio de deslocação preferencial, além de ser também um novo centro-móvel, associado cada vez mais a cada indivíduo.

Assim, a noção de centro continua associada à casa, espaço a que se retorna no final do dia, mas associa-se também ao carro, enquanto centro-móvel, que conecta a casa a vários pequenos centros (como o local de trabalho, ou um clube de lazer). Uma condição da casa dos dias de hoje em Portugal é, portanto, **garantir a conexão a um centro**.

Apesar da necessidade de conexão, observou-se que a casa procura transmitir simultaneamente a sensação de **refugio frente ao contexto**.

Mais do que refugio frente às condições naturais, a casa transforma-se em fortaleza do seio familiar. Opaca em relação ao exterior urbano, a casa volta-se para dentro, garantindo a preservação da intimidade dos seus habitantes. De facto, existe um maior cuidado e preocupação no controle do que pode ou não ser visto a partir do exterior, condição transversal às casas estudadas, ainda que surja com mais ênfase nas construções localizadas nas periferias ou centros urbanos.

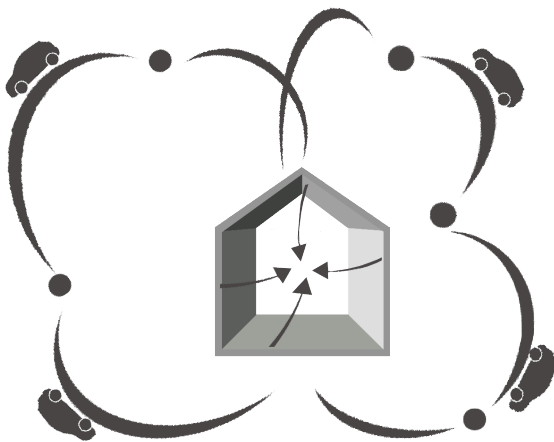
Esta proteção da intimidade não se circunscreve aos limites físicos da estrutura, pelo contrário, observa-se um esforço pelo controlo de espaços exteriores capazes de receber o habitante sem o expor às vistas alheias.

De novo, a formalização do refúgio não é o único pressuposto na construção da casa. Pelo contrário, pela quantidade de fatores nos quais se move o processo de desenho da nova habitação, esta proteção surge materializada

de inúmeras formas. Muros altos, terrenos escavados onde a casa surge encrostada, a própria geometria da casa, a localização das aberturas, a adoção de vegetação de folha perene, ou mesmo temas como o pátio, que surge na casa rural, recuperados (ou mantidos) na casa de hoje, com vista a proporcionar essa privacidade. Esta noção de proteção contribuí para fortalecer também a ideia de centro do indivíduo. A sua casa constitui o seu pequeno universo, construído à sua imagem e isolado do mundo exterior, instituindo-se como **refúgio que protege privacidade do habitante**.

Na relação da Casa com para com a Envolvente, deve ser empreendido um esforço para o equilíbrio entre estes dois pressupostos antagónicos de conexão (em relação a um centro) e isolamento (em relação à envolvente próxima).

A casa garante a conexão a um centro ou vários centros urbanos. Simultâneamente protege a privacidade dos seus habitantes, sendo refúgio frente ao contexto, e reforçando-se como centro do individuo à volta do qual orbitam pequenos centros.



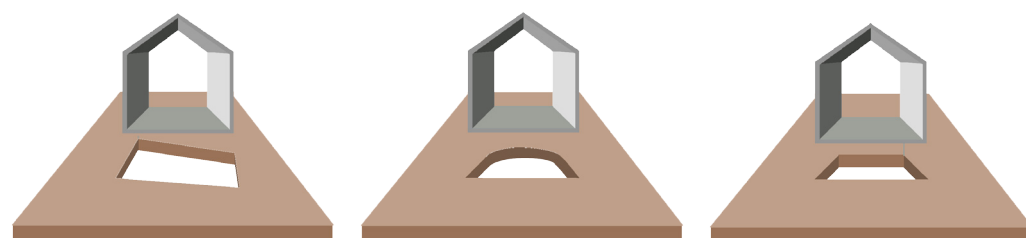
A casa pertence (ao meio natural e/ou construído)

Do estudo dos dados (variáveis) a partir dos quais parte o processo de projeto, surge uma interpretação (única) de Casa, e por isso **a formalização da relação meio/estrutura pode assumir as mais diversas formas**. Hoje, não é possível identificar invariáveis de estilo, regionalismos fruto de referenciais limitados¹²⁵ e até, na maioria das vezes, deixa de ser possível identificar o local e cultura onde se insere a casa a partir dos materiais utilizados. A primeira preocupação aqui levantada surgiu precisamente da constatação (que aliás, motivou o trabalho) de que é cada vez mais difícil identificar padrões no que à construção da casa diz respeito, e por isso, identificar o lugar e contexto em que a casa se insere. Pode-se, por isso, considerar que a casa se tornou mais (estritamente) local, menos regional, nacional ou global – da Casa a Cada Casa – sendo que cada casa é fruto da interpretação dos contextos por parte da equipa responsável pela sua construção (habitante/ indivíduo inclusive).

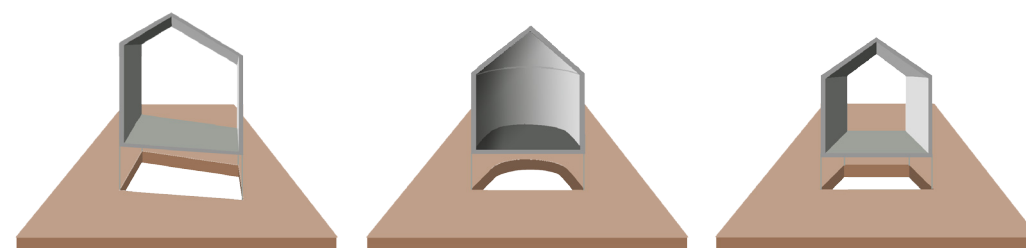
“A arquitetura não tem sentido como objeto diferencial, se não como mecanismo operativo que persegue uma determinada estratégia de adequação ao meio real.”¹²⁶

Assim, o que as casas de hoje têm em comum em relação à sua forma e materialização, prende-se com a intenção de **fazer a casa pertencer ao meio onde se insere**. Equacionando as condições e condicionantes do meio, a forma da casa pode ser consequência da legislação imposta, da orientação solar, da orientação mais favorável às vistas, da procura pela garantia de privacidade, entre muitas outras. Aqui se identifica a intenção e não a formulação ou materialização. Para fazer com que a casa pertença ao existente, observaram-se três principais estratégias: a integração no existente através de uma atitude dissimuladora; através de uma ação interventiva, que reestrutura o existente e por isso, passa a ser parte do mesmo; ou através da oposição construído/natural, que assume a nova intervenção enquanto uma camada mais da paisagem. A primeira pode materializar-se como uma forma orgânica dissimulada no terreno ou por outro lado, como uma nova construção num centro consolidado que mimetiza ou reinterpreta as construções adjacentes. A segunda, parte da identificação de um problema no meio que se procura colmatar através da nova construção. Por alterar o meio onde se insere passa a ser parte indissociável do mesmo.

125. SALAZAR, Jaime, GAUSA, Manuel, *Single-family housing: the private domain*. Basel: Birkhauser, 1999.
126. SALAZAR, Jaime, GAUSA, Manuel, *Single-family housing: the private domain*. Basel: Birkhauser, 1999, p. 263
“La arquitectura no tiene sentido como objeto diferencial sino como mecanismo operativo, que plasma o persigue una determinada estrategia de adecuación al medio real.”



A representação de casa (a cinzento) é sempre igual e não existe uma procura pela pertença aos contextos (a castanho)



A materialização da casa de hoje, parte da intenção de a fazer pertencer aos contextos (a castanho) em que se insere.

A terceira prende-se essencialmente com construções em paisagens naturais, que optam por se afirmar enquanto objeto artificial, permitindo assim a manutenção da paisagem natural em seu redor.

“Agrada-me a ideia de equação que cada projeto de arquitetura coloca. Para cada lugar (é certo que há que saber o que o lugar significa, desde logo porque não se trata apenas de lugar físico) e para cada programa será encontrada uma resposta, subjetiva é certo, mas que implica a identificação do problema. A questão fundamental do projeto. E esse processo é um processo mental. A experimentação serve para o conduzir, pra o estratificar e para lhe dar forma.”¹²⁷

No esquema da página ao lado a plataforma castanha representa os contextos, as circunstâncias e as condições geográficas, climatéricas e geológicas. Não se refere a um entorno meramente físico, mas antes, ao produto da recolha de toda a informação, que irá constituir a base de projeto.

A cinzento representa-se a casa, habitação unifamiliar, que se irá inserir nesse entorno.

Na fila de cima a casa surge sempre igual, seja qual for a forma do entorno. Representa as habitações unifamiliares que se projetam e constroem segundo princípios formais ou estéticos, mais do que pela gerência de informação. Acreditamos que essa formulação é referente às gerações anteriores e que hoje a casa é construída no esforço de **pertencer ao entorno**.

Assim, na fila em baixo, a casa mantém a sua configuração de habitação unifamiliar, mas é ilustrado essa vontade de a fazer pertencer.

127. GORDON, Ricardo Bak, *Intervenções informais* (entrevista) in *Arq'á* n.º62, Outubro 2008, p.48-55.

A forma como a estrutura e o habitante se relacionam vai depender principalmente da apropriação do espaço por parte do indivíduo.

Talvez por isso a estrutura interior da habitação unifamiliar – os componentes e a forma como se organizam – seja, de todos os parâmetros aqui observados, aquela que menos varia de casa para casa.

A Casa tem sempre equipamento capaz de responder às quatro principais necessidades aqui já identificadas: cozinhar/comer, higienizar, fazer necessidades fisiológicas, e dormir. Estas atividades são abrigadas por espaços que apresentam relações recorrentes entre si: a cozinha conectada à sala, a sala com ligação ao exterior, os quartos a ocuparem uma posição periférica, etc.

Observa-se que geralmente são agrupados os espaços comuns, utilizados por todos os habitantes – como a sala, a cozinha e as zonas de serviço – e num outro grupo os espaços íntimos, destinados a ser habitados por um indivíduo ou um casal – como os quartos, os vestiários e os banhos.

O arquiteto desenha espaços potenciais, capazes de responder às necessidades básicas do indivíduo, e é através do habitar que a casa se transforma em ‘*cada casa*’. É o habitante quem lhe imprime a sua unicidade no interior.

Assim, na relação estrutura-habitante foram observadas morfologias recorrentes das quais destacamos as que parecem trazer algo de novo para a observação da casa, que anotamos de seguida.

Uma das mudanças significativas nos espaços interiores da casa prende-se com o **quarto de banho enquanto novo espaço de intimidade**. Este espaço relativamente recente na habitação unifamiliar tem deixado de ser uma mera zona de serviço.

“A terminologia segundo a qual uns espaços da casa são servidores de outros nega a aos primeiros a capacidade de serem usados além dessa condição.”¹³⁸

Além de se ter multiplicado dentro da casa, ganhou também mais área e detalhe, transformando-se num compartimento de lazer ou cuidado íntimo, onde se pode despende algum tempo.

Nota-se que muitas vezes o habitante possui o seu próprio quarto de banho, onde guarda bens pessoais e íntimos, associando esta peça cada vez mais à sua individualidade. O grau de intimidade de um quarto de banho assemelha-se hoje ao de um quarto de dormir, sendo que muitas vezes já integra este último. O quarto por sua vez, não sofreu alterações significativas. É cada vez mais um espaço destinado ao indivíduo ou ao casal, oferecendo privacidade. (p.135) Nessa ambição, apresenta por vezes uma relação com o exterior que permite aceder ao quarto sem cruzar o resto das dependências.

128. Rehabitar - fuera de lugar [6] Rehabitar en nueve episodios / Martí Amargós [Et. Al.] Madrid: Lampreave, 2012, p.3 “*La terminología según la cual unos espacios de la casa son servidores de otros niega a los primeros la capacidad de ser usados más allá de esa condición.*”

No que ao espaço familiar ou social diz respeito, a sala tem vindo a ganhar cada vez mais destaque. Observou-se que é o espaço ao qual é reservada a melhor vista, maior área e que mais conexões oferecem figurando como um novo centro - o novo espaço do fogo (p.144).
A cozinha, até então espaço central indiscutível da casa, aproxima-se cada vez mais de equipamento de serviço (p.131).

Pontualmente as habitações observadas apresentaram soluções menos comuns de apropriação do espaço que vale a pena ressaltar, por poderem constituir temas a adoptar no processo de projeto.

O desenho de equipamentos destinados ao armazenamento de bens, simultâneamente utilizado como divisor de espaços ou filtro de fachada permite a optimização do espaço livre. Ao destinar um espaço ao armazenamento e localizá-lo nas extremidades dos espaços, ou mesmo envolvendo os espaços, desocupando o centro, optimizam-se os espaços livres, deixando a casa à apropriação do habitante. Uma proposta que se prende com utilizar a estrutura enquanto equipamento – à semelhança do que acontece com o carro.
Também o redimensionamento de alguns espaços, como o corredor, permite apropriações distintas por parte do habitante. O corredor útil surge nos casos estudados e dinamiza o espaço de transição.
Estas soluções vão ao encontro de uma maior liberdade de apropriação por parte do habitante. Fazer com que a casa seja vivida, habitada, na sua plenitude é uma ambição da casa (contemporânea) em Portugal.

“Da vivenda como ritual, a casa, passamos à vivenda como contentor, a caixa; artefacto mecânico primeiro, objeto, e posteriormente dispositivo interativo, diagrama. Um mecanismo artificial, mas que já não é autista (prototípico), se não interativo (sinérgico), atento às solicitações exteriores que incidem sobre ele, que o tornam ao mesmo tempo abstrato e esquemático (global), e também único e intransferível (local). Um “sistema operativo” capaz de articular uma ordem elementar básica e uma definição definitivamente diversa, livre (descodificada) e individual.”¹²³

A casa – meio, estrutura e habitante (indivíduo) em constante inter-relação – é hoje abrigo, espaço de trabalho, representação e corpo interativo.
As noções de casa que aqui se associaram a circunstâncias, tempos e construções anteriores, não desapareceram. Pelo contrário, compilaram-se e acumularam-se, dando origem a uma nova noção de casa.
A era da informação e mobilidade trouxe mudanças à casa contemporânea, algumas delas assinalas ao longo deste trabalho. Mais do que os novos recursos tecnológicos e construtivos, alterou-se a forma como a casa é pensada e organizada, transformando-a em *casa-diagrama*, uma construção interativa e reativa que, se por um lado interage com os contextos onde se insere, por outro, reage a estímulos e à – cada vez mais abundante – informação disponível. Essa informação é gerenciada pelo arquiteto, e origina uma interpretação que dá origem ao projeto.

Composta por uma estrutura que se relaciona com o meio em que se insere, e em simultâneo, responde às necessidades do habitante que abriga, além de compreender a constante mutação dessas duas realidades, é fruto de uma resposta única às imposições do meio, que contabiliza os contextos bem como a realidade do habitante atual – núcleos familiares diversos, habitante único, vários habitantes sem laços familiares, várias gerações sob um mesmo tecto - e as suas (sempre novas) necessidades - conexão às redes urbanas, interatividade, privacidade, adaptabilidade, etc.

A contemporaneidade é, como apontado no início deste trabalho, um tempo de constante e rápida mudança e adaptação. O(s) contexto(s) alteram-se constantemente e conseqüentemente altera-se o meio, o habitante, e as suas necessidades e desejos, alterando-se também a Casa. Esta noção de constante mutação associada à Casa é fundamental para a compreensão das inúmeras formulações que adquire nos dias de hoje.

Não é identificável um padrão material ou formal na casa construída em Portugal na contemporaneidade. Apenas na organização interior, nos espaços existentes e na relação que estabelecem entre si, foi possível encontrar semelhanças identificáveis, que mesmo assim, apresentaram bastantes variáveis.

129. C A S A - C A J A , GAUSA, Manuel, in *Singular Housign: el dominio privado*. Barcelona: GG, 2002, p.61
“De la vivienda como ritual, la casa, pasamos a la vivienda como contenedor, la caja: artefacto mecánico primero, objeto, y posteriormente dispositivo interactivo (sinérgico).”

Não é por isso possível responder taxativamente à pergunta colocada no início desta dissertação (na Motivação): *Como são as casas no Portugal de hoje?* Não quer isto dizer que não é possível formular uma resposta a esta pergunta, mas antes, que essa resposta se prende mais com o método, com a forma de pensar e fazer os espaços, do que com aspetos formais e materiais propriamente ditos, que admitem desde logo um grande número de variáveis. É necessário deixar de perpetuar e assumir convenções, e começar a compreender a contemporaneidade como um tempo de constante mudança. Aqui não se apontaram formulações ideais da casa. Assinalaram-se intenções de projeto e respetivas materializações, compreendendo sempre a casa como uma construção que pertence a um todo em constante mudança. O destaque de soluções nos projetos observados pretendeu criar uma base de temas que podem agora ser contabilizados na equação de “cada casa”. Esses temas pretendem promover a reflexão crítica, e sobretudo contribuir para processos de projeto conscientes e resilientes, no desenho e construção **da casa em Portugal**.

Bibliografia principal

GAUSA, Manuel. SALAZAR, Jaime. *Singular housing: el domínio privado*
Barcelona: GG, 2002. ISBN: 8495951150

GAUSA, Manuel. *Nuevas alternativas housing, nuevos sistemas.*
Barcelona: GG, 2002. ISBN: 8495951150

LEAL, João. *Entre o Vernáculo e o Híbrido: a partir do Inquérito à Arquitetura Popular em Portugal.*
in Joelho, revista de cultura arquitetónica, Intersecções: Antropologia e Arquitetura, nº2 Cord Paulo Providência, et.all. Coimbra: EDARQ, Abril de 2011 [Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/37394/3/Entre%20o%20Vernaculo%20%20o%20Hibrido.pdf> (Acedido em: 12/05/2017)]

LEUPEN, Bernard, MOOIJ, Harald, *Housing Design - a manual*
Rotterdam: NAI Publishers, 2011. ISBN: 978-90-5662-826-0

MONTEYS, Xavier; *Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa.*
Barcelona: GG, 2001; ISBN: 8425218691

OLIVEIRA, Ernesto de Veiga; GALHANO, Fernando; *Portugal de perto: Arquitectura tradicional portuguesa.*
Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000; ISBN: 97220-0959-1

VILLANOVA, Roselyne; LEITE, Carolina; RAPOSO, Isabel. *Maisons de rêve au Portugal.*
Paris: éditions créaphis, 1994; ISBN: 2907150375

Associação dos Arquitectos Portugueses. *Arquitectura Popular em Portugal.*
4ª Edição, Lisboa: Ordem dos Arquitetos, 2004. ISBN: 9729766878

Revista *Arq’a*.
Lisboa: Futurmagazine. Números 21 (Janeiro de 2005) a 121 (Dezembro 2015);

Revista *Darco magazine*
Matosinhos: Sociedade Industrial Gráfica. Números 01 (2008) ao 16 (2016).

Bibliografia complementar

AMARGÓS, Martí [Et. Al.], *Rehabitar en nueve episodios*
Madrid: Lampreave, 2012. ISBN: 9788461600533

Atlas Santa Maria da Feira “35 Anos de Caminho, da democracia à união europeia. Um tempo de excelência” *De 1974 a 2009 - um percurso de mudança e excelência*
Santa Maria da Feira: Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, 2009.

BAPTISTA, Luís Santiago. *Placeless: Para além da negatividade.*
Dédalo #9, place:less. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2013.

COSTA, Pedro Machado, *Habitar Portugal 2006/2008*
Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2009. ISBN: 9789896580421

CORNOLDI, Adriano. *La arquitectura de la vivienda unifamiliar : manual del espacio doméstico*
Adriano Cornoldi ; trad. Antoni Solanas i Cànovas. Barcelona : GG, 1999

DOMINGUES, Álvaro. *A paisagem é um estado de espírito.*
FAUP. Disponível em: <http://www.barometro.com.pt/2011/05/02/a-paisagem-e-um-estado-de-espírito/>
[Acedido em 17/11/16]

DOMINGUES, Álvaro, *Vida no campo*
Porto: Dafne, 2011. ISBN: 978-989-8217-19-6

FERNANDEZ, Andrés Lopez, *Viviendas experimentales*.
Sevilha: Junta de Andalucía, 2002,

LEAL, João. *Arquitetos, Engenheiros, Antropólogos: Estudos sobre Arquitetura Popular no século XX português*. 1ª Edição, Porto: Fundação Instituto Arquiteto José Marques da Silva, 2009. ISBN: 978-972-99852-3-2 Disponível: <https://fims.up.pt/ficheiros/LivroFinalConferencias.pdf> [Acedido em: 12/05/2017]

LLEÓ, Blanca; *Sueño de habitar*.
Barcelona: Gustavo Gil, 2005; ISBN: 84-252-2017-3

MELGAREJO, María; *Nuevos modos de habitar = new ways of housing*.
Valencia: COACV, 1996; ISBN: 8486828155

MILANO, Maria, *Do Habitar*.
ESAD - Escola Superior de Arte e Design; coord. Maria Milano. Matosinhos: ESAD, 2005.

Prós e Contras – Edição Especial Despovoamento. Conduzido por Carlos Daniel.
20 de Fevereiro de 2017, Vila Real. Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p3246/edicao-especial-despovoamento> [Acedido em: 1 de Março de 2017]

RIBEIRO, Orlando. *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*.
Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1991. ISBN 972-569-320-7

RYBCZYNSKI, Witold. *Home - a short story of an idea*.
Nova York: Viking Penguin, 1986; ISBN: 0140102310

SIZA VIEIRA, Álvaro, *01 textos, texto 012: Materiais*.
Porto: Civilização Editora, 2009. ISBN: 978-972-26-2923-2

SOBRAL, José Manuel. *O Genuíno, o Espúrio e a Identidade Local: Um estudo de caso das políticas de património em meio rural*.
Disponível em: http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_08/N2/Vol_viii_N2_243-272.pdf [Acedido em: 12/09/2016]

TAVARES, Domingos. *Casas de Brasileiro – Erudito e popular na arquitetura dos Torna-Viagem*.
Porto: Dafne Editora / CEAU, Junho de 2015; ISBN: 978-989-8217-31-8

TÁVORA, Fernando. *O problema da casa portuguesa*.
Lisboa: Manuel João Leal, 1947.

TÁVORA, Fernando. *Da organização do espaço*.
Porto: Faup publicações, 1996; ISBN: 9729483221

Webgrafia

[A] Ainda Arquitetura
(n.d.) Disponível em: <http://cargocollective.com/aindaarquitectura-cultural> [Acedido em 30/05/2017]

Arquitectos Anónimos, *Casa FFAT*
(n.d.) Disponível em: <http://www.arquitectosanonimos.com/FFAT-HOUSE> [Acedido em 5/10/2016]

AUZprojekt!
(n.d.) Disponível em: <http://www.auzprojekt.com> [Acedido em 5/10/2015]

AVA Architects, *Chão das Giestas House*
18 Mai 2014. ArchDaily Brasil. (Trad. Baratto, Romullo) Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/602126/casa-chao-das-giestas-ava-architects> [Acedido em: 1/03/2016]

Barbas Lopes Arquitetos Studio, *House ML*
(n.d.) Disponível em: <http://barbaslopes.com/np4/75.html> [Acedido em 22/08/2017]

Brandão Costa
(n.d.) Disponível em: <http://www.brandaocosta.com/#empty> [Acedido em 12/10/2016]

CADETE, Patrícia. *Desertificação do interior vem de trás e projecta-se no futuro*.
20 de Fevereiro de 2017, 20:47h. Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/pais/desertificacao-do-interior-vem-de-tras-e-projecta-se-no-futuro_v984262 [Acedido em 1 de Março de 2017]

Casa Dr. Reginaldo Spenciere, Auzprojekt
Habitar Portugal 2006-2008, Seleção Mapei, Ordem dos Arquitetos, Disponível em: <http://0608.habitarportugal.org/ficha.htm?id=195> [Acedido em 8 de Março de 2016]

Gonçalo Byrne Arquitetos
(n.d.) Disponível em: <http://www.byrnearq.com> [Acedido em 8/10/2016]

GORDON, Ricardo Bak, *Casa no Sobral da Lagoa*
1 de Fevereiro de 2012; Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-26531/casa-no-sobral-da-lagoa-bak-gordon-arquitectos> [Acedido em 30 de Maio de 2017]

GORDON, Ricardo Bak, *Casa em Quelfes*
Disponível: http://www.bakgordon.com/200_projects/210_select_projects/210_0303_quelfes/0303_quelfes_pl.htm [Acedido em: 28/09/2017]

HELM, Joana, *Casa no Sobral da Lagoa - Bak Gordon Arquitetos*
10:00h, 1 de Fevereiro de 2012, Archdaily [Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-26531/casa-no-sobral-da-lagoa-bak-gordon-arquitectos> (Acedido em 1 de Março de 2016)]

Inês Lobo arquitectos, Lda.
(2016) Disponível em: http://www.ilobo.pt/ines_lobo_arquitectos_lda/Ines_Lobo.html [Acedido em 8/10/2016]

José Pedro Sousa
(2016) Disponível em: <http://jpsousa.com> [Acedido em 1/10/2015]

MARCELINO, Miguel, *Casa com três pátios*
Miguel Marcelino Arquitecto (n.d.) Disponível em: <http://www.marcelino.pt> [Acedido em 29/09/2015]

Serôdio, Furtado & Associados, Arquitectos, Lda.
(2010) Disponível em: <http://www.serodiofurtado.com> [Acedido em 10/03/2016]

Sousa Santos Arquitetos
(n.d.) Disponível em: <http://www.sousasantos.com> [Acedido em 10/03/2016]

Inês Lobo Arquitetos, *Casa no Magoito*
(n.d.) Disponível em: <https://divisare.com/projects/17435-ines-lobo-casa-no-magoito> [Acedido em 26/09/2017]

VICTOR NEVES, *Casa em Cacela Velha*
9 de Janeiro de 2014 Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/957547/casa-unifamiliar-em-cacela-velha-slash-victor-neves> [Acedido em: 20/05/2016]

Vila Utopia, Gonçalo Byrne Arquitetos
Archdaily, 9h00, 6 de Abril de 2015, <http://www.archdaily.com.br/br/764946/vila-utopia-goncalo-byrne-arquitectos>

VILARINHO, Cláudio. *House 1 Penafiel*
(2012) Disponível em: <http://claudiovilarinho.com> [Acedido em 17/10/2015]

Créditos de imagem

Imagem 2 - Apartamentos em Hansaviertel, Berlim, Oscar Niemeyer
MONTEYS, Xavier; *Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona: GG, 2001; ISBN: 8425218691

Imagem 9 - População absoluta de Portugal em 1864
Instituto Nacional de Estatística, População absoluta por distrito, recenseamento de 1864. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_pesquisa&frm_accas=PESQUISAR&frm_show_page_num=1&frm_modos_pesquisa=PESQUISA_SIMPLES&frm_modos_texto=MODO_TEXTO_ALL &frm_texto=cidades+populacao&frm_imgPesquisar=++ [Acedido em: 20/05/2017]

Imagem 10 - Densidade populacional de Portugal por distrito em 1911
Instituto Nacional de Estatística, Densidade populacional por distrito, censo de 1911. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_pesquisa&frm_accas=PESQUISAR&frm_show_page_num=1&frm_modos_pesquisa=PESQUISA_SIMPLES&frm_modos_texto=MODO_TEXTO_ALL &frm_texto=cidades+populacao&frm_imgPesquisar=++ [Acedido em: 20/05/2017]

Imagem 11 - Densidade populacional de Portugal por distrito em 2001
Instituto Nacional de Estatística, Densidade populacional por distrito, censo de 2001. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_pesquisa&frm_accas=PESQUISAR&frm_show_page_num=1&frm_modos_pesquisa=PESQUISA_SIMPLES&frm_modos_texto=MODO_TEXTO_ALL &frm_texto=cidades+populacao&frm_imgPesquisar=++ [Acedido em: 20/05/2017]

Imagem 12 - Densidade populacional de Portugal por distrito em 2011
Instituto Nacional de Estatística, Densidade populacional por distrito, censo de 2001. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_pesquisa&frm_accas=PESQUISAR&frm_show_page_num=1&frm_modos_pesquisa=PESQUISA_SIMPLES&frm_modos_texto=MODO_TEXTO_ALL &frm_texto=cidades+populacao&frm_imgPesquisar=++ [Acedido em: 20/05/2017]

Imagem 41 - Habitação Unifamiliar em Leiria [A] ainda arquitetura, fotografia exterior
Google Earth, Street View, 2017

Imagem 42 - Casa Xavier, Serôdio Furtado & Associados, fotografia exterior
Google Earth, Street View, 2017

Imagem 43 - Casa ZM2, José Pedro Sousa e Pilar Luz, fotografia exterior
Inês d’Orey, in *Casa ZM2, José Pedro Sousa*, revista Arq’a número 84/85, Setembro/Outubro 2010

Imagem 44 - Casa Y, Carlos Veloso Arquiteto, fotografia exterior
Google Earth, Street View, 2017

Imagem 45 - Alçado A / Rua António Joaquim Pintor, Santa Maria da Feira
Montagem e fotografias da autora em 2 de Abril de 2016;

Imagem 46 - Alçado B / Avenida 5 de Outubro, Santa Maria da Feira
Montagem e fotografias da autora em 2 de Abril de 2016;

Imagem 47 - Alçado C / Rua Comendador Sá Couto, Santa Maria da Feira
Montagem e fotografias da autora em 2 de Abril de 2016;

Imagem 50 - Casa em São Estevão, Barbas Lopes Arquitetos, fotografia exterior
Daniel Malhão in *Barbas Lopes Architectos – Casa em St. Estevão, Benavente*, Críticos-arquitetos.pt in Revista Arqa 71/72, Julho/Agosto 2009 p.122

Imagem 51 - Casa em São Estevão, Barbas Lopes Arquitetos, planta de implantação
in *Barbas Lopes Architectos – Casa em St. Estevão, Benavente*, Críticos-arquitetos.pt in Revista Arqa 71/72, Julho/Agosto 2009 p.122

Imagem 52 - Casa em São Estevão, Barbas Lopes Arquitetos, vista aérea
Google Maps, 2017

Imagem 53 - Casa em São Estevão, Barbas Lopes Arquitetos, planta piso 1
redesenho da autora a partir da planta original in *Barbas Lopes Architectos – Casa em St. Estevão, Benavente*, Críticos-arquitetos.pt in Revista Arqa 71/72, Julho/Agosto 2009 p.122

Imagem 54 - Casa em São Estevão, Barbas Lopes Arquitetos, vista da rua
Google Street View, 2017

Imagem 55 - Casa no Magoito, Inês Lobo Arquitetos, fotografia exterior
Leonardo Finotti, Disponível em: <https://divisare.com/projects/17435-ines-lobo-casa-no-magoito> [Acedido em: 1/10/2016]

Imagem 56 - Casa no Magoito, Inês Lobo Arquitetos, vista aérea
Google Maps 2017

Imagem 57 - Casa no Magoito, Inês Lobo Arquitetos, relativamente às duas cidades vizinhas
Google Maps 2017

Imagem 58 - Casa no Magoito, Inês Lobo Arquitetos, planta de implantação
Redesenho da autora a partir da planta de Inês Lobo Arquitetos Disponível em: <https://divisare.com/projects/17435-ines-lobo-casa-no-magoito> [Acedido em: 1/10/2016]

Imagem 59 - Casa no Magoito, Inês Lobo Arquitetos, vista da rua de acesso
Google street view, 2017

Imagem 60 - Casa no Chão das Giestas, fotografia exterior
FG+SG, Fernando Guerra; Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/602126/casa-chao-das-giestas-ava-architects> [Acedido em: 1 de Outubro de 2016]

Imagem 61 - Casa no Chão das Giestas, planta de implantação
Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/602126/casa-chao-das-giestas-ava-architects> [Acedido em: 1 de Outubro de 2016]

Imagem 62 - Casa no Chão das Giestas, implantação
Google Maps 2017

Imagem 63 - Casa no Chão das Giestas, planta piso 0
Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/602126/casa-chao-das-giestas-ava-architects> [Acedido em: 1 de Outubro de 2016]

Imagem 64 - Casa no Chão das Giestas, vista da rua
Google Street View, 2017

Imagem 65 - Casa em Cacela-a-Velha, Arquiteto Victor Neves, fotografia exterior
Fernando Guerra + Sergio Guerra in *Casa em Cacela Velha - Arq. Victor Neves*, 9 de Janeiro de 2014
Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/957547/casa-unifamiliar-em-cacela-velha-slash-victor-neves> [Acedido em 10/10/2016]

Imagem 66 - Casa em Cacela-a-Velha, Arquiteto Victor Neves, planta de implantação
in *Casa em Cacela Velha - Arq. Victor Neves*, 9 de Janeiro de 2014, Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/957547/casa-unifamiliar-em-cacela-velha-slash-victor-neves> [Acedido em 10/10/2016]

Imagem 67 - Casa em Cacela-a-Velha, Arquiteto Victor Neves, vista aérea
Google maps, 2017

Imagem 68 - Casa em Cacela-a-Velha, Arquiteto Victor Neves, planta piso 0
in *Casa em Cacela Velha - Arq. Victor Neves*, 9 de Janeiro de 2014, Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/957547/casa-unifamiliar-em-cacela-velha-slash-victor-neves> [Acedido em 10/10/2016]

Imagem 69 - Casa em Cacela-a-Velha, Arquiteto Victor Neves, vita da rua de acesso
Google street view, 2017

Imagem 70 - Casa em Irivo, Arquiteto Cláudio Vilarinho, fotografia exterior
Cláudio Vilarinho, Casa em Penafiel 1, disponível em: <http://claudiovilarinho.com/projects/pena-el1/> [Acedido em: 10/9/2016]

Imagem 71 - Casa em Irivo, Arquiteto Cláudio Vilarinho, planta de implantação
Cláudio Vilarinho, Casa em Penafiel 1, disponível em: <http://claudiovilarinho.com/projects/pena-el1/> [Acedido em: 10/9/2016]

Imagem 72 - Casa em Irivo, Arquiteto Cláudio Vilarinho, vista aérea
Google Maps, 2017

Imagem 73 - Casa em Irivo, Arquiteto Cláudio Vilarinho, vista aérea com percursos
Google Maps, 2017; ilustração de percursos pela autora.

Imagem 74 - Casa em Irivo, Arquiteto Cláudio Vilarinho, Rua de acesso
Google street view, 2017

Imagem 75, 76 - Casa Coruche, Aires Mateus Arquitetos, fotografia exterior.
Fotografia Fernando Guerra e Sérgio Guerra, in *Aires Mateus - Casa, Coruche*; Abstrações Radicais, Arqa 42, Fevereiro 2007.

Imagem 77 - Casa Coruche, Aires Mateus Arquitetos, Corte
Redesenho da autora a partir do corte original em *Aires Mateus - Casa, Coruche*; Abstrações Radicais, Arqa 42, Fevereiro 2007.

Imagem 78, 79 - Casa Coruche, Aires Mateus Arquitetos, fotografia do pátio
Fotografia Fernando Guerra e Sérgio Guerra, in *Aires Mateus - Casa, Coruche*; Abstrações Radicais, Arqa 42, Fevereiro 2007.

Imagem 80 - Casa FFAT, Arquitetos Anónimos, fotografia exterior.
Fotografia Abel Andrade. Casa FFAT / Arquitetos anónimos; Disponível em: <http://www.arquitectosanonimos.com/FFAT-HOUSE> [Acedido em: 01/03/2016]

Imagem 81 - Casa FFAT, Arquitetos Anónimos, vista aérea
Google Maps 2017

Imagem 82 - Casa FFAT, Arquitetos Anónimos, esquema conceptual
Casa FFAT / Arquitetos anónimos; Disponível em: <http://www.arquitectosanonimos.com/FFAT-HOUSE> [Acedido em: 01/032016]

Imagem 83 - Casa Xavier, Serôdio Furtado & Associados, fotografia exterior
Fotografia: João Pedro Serôdio. *Serôdio Furtado & Associados* in Darco magazine, número 04, Setembro/Outubro 2006.

Imagem 84 - Casa Xavier, Serôdio Furtado & Associados, vista aérea
Google Maps 2017

Imagem 85, 86 - Casa Xavier, Serôdio Furtado & Associados, fotografia exterior
Fotografia: João Pedro Serôdio. Disponível em: <http://www.serodiofurtado.com/#/pt/projectos/habitacao-unifamiliar/casa-xavier> [Acedido: 26/09/2017]

Imagem 87, 88 - Casa Xavier, Serôdio Furtado & Associados, vista da rua.
Google Street View 2017

Imagem 89 - Habitação Unifamiliar em Leiria [A] ainda arquitetura, fotografia exterior
Habitação Unifamiliar em Leiria, disponível em: <http://0608.habitarportugal.org/cha.htm?id=281> [Acedido em 10/10/2016]

Imagem 90 - Habitação Unifamiliar em Leiria [A] ainda arquitetura, vista aérea
Google maps 2017

Imagem 91 - Habitação Unifamiliar em Leiria [A] ainda arquitetura, fotografia exterior
Habitação Unifamiliar em Leiria, disponível em: <http://0608.habitarportugal.org/cha.htm?id=281> [Acedido em 10/10/2016]

Imagem 92 - Habitação Unifamiliar em Leiria [A] ainda arquitetura, fotografia interior do quarto
Habitação Unifamiliar em Leiria, disponível em: <http://0608.habitarportugal.org/cha.htm?id=281> [Acedido em 10/10/2016]

Imagem 93- Habitação Unifamiliar em Leiria [A] ainda arquitetura, fotografia exterior
Google street view, 2017

Imagem 94 - Casa no Sobral da Lagoa, Arquiteto Ricardo Bak Gordon, fotografia exterior
Casa no Sobral da Lagoa - Ricardo Bak Gordon, Archdaily, 1 de Fevereiro de 2012; Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-26531/casa-no-sobral-da-lagoa-bak-gordon-arquitectos> [Acedido em 10/10/2016]

Imagem 95 - Casa no Sobral da Lagoa, Arquiteto Ricardo Bak Gordon, planta de implantação
Casa no Sobral da Lagoa - Ricardo Bak Gordon, Archdaily, 1 de Fevereiro de 2012; Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-26531/casa-no-sobral-da-lagoa-bak-gordon-arquitectos> [Acedido em 10/10/2016]

Imagem 96, 97, 98 - Casa no Sobral da Lagoa, Arquiteto Ricardo Bak Gordon, fotografia exterior
Casa no Sobral da Lagoa - Ricardo Bak Gordon, Archdaily, 1 de Fevereiro de 2012; Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-26531/casa-no-sobral-da-lagoa-bak-gordon-arquitectos> [Acedido em 10/10/2016]

Imagem 100 - Casa em Irivo, Arquiteto Cláudio Vilarinho, planta com indicação das fotografias
Montagem da autora sobre planta de Cláudio Vilarinho, *Casa em Penafiel 1*, Disponível em: <http://claudiovilarinho.com/projects/penafiel1/> [Acedido em: 10/9/2016]

Imagem 107 - Casa no Magoito, Inês Lobo Arquitetos, fotografia exterior
Leonardo Finotti, Disponível em: <https://divisare.com/projects/17435-ines-lobo-casa-no-magoito> [Acedido em: 1/10/2016]
Imagem 108 - Casa no Magoito, Inês Lobo Arquitetos, axonometria.
Leonardo Finotti, Disponível em: <https://divisare.com/projects/17435-ines-lobo-casa-no-magoito> [Acedido em: 1/10/2016]

Imagem 109 - Casa no Magoito, Inês Lobo Arquitetos, fotografia exterior
Leonardo Finotti, Disponível em: <https://divisare.com/projects/17435-ines-lobo-casa-no-magoito> [Acedido em: 1/10/2016]

Imagem 110 - Casa em São Estevão, Benavente. Barbas Lopes Arquitetos. fotografia do pátio
Daniel Malhão, Disponível em: <http://barbaslopes.com/np4/17/> [Acedido em: 20/10/2016]

Imagem 111, 112, 113, 114 - Casa em São Estevão, Benavente. Barbas Lopes Arquitetos. fotografia interior
Daniel Malhão, Disponível em: <http://barbaslopes.com/np4/17/> [Acedido em: 20/10/2016]

Imagem 115 - Açoteias em Olhão.
Câmara municipal de Olhão. Disponível em: <http://www.cm-olhao.pt/destaques/em-destaque-o-que-e-que-olhao-tem/1763-o-que-e-que-a-barreta-tem> [Acedido em: 21/09/2017]

Imagem 116 - Açoteias na Casa em Cacela-a-Velha, Arquiteto Victor Neves.
Fotografia Fernando Guerra e Sérgio Guerra. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-87683/tres-casas-patio-slash-miguel-marcelino>. [Acedido em: 21/09/2017]

Imagem 118 - Pátio da Casa com três pátios, Arquiteto Marcelino.
Fotografia Fernando Guerra e Sérgio Guerra. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-87683/tres-casas-patio-slash-miguel-marcelino>. [Acedido em: 21/09/2017]

Imagem 119, 120, 121, 122, 123 - Casa com três pátios, Arquiteto Miguel Marcelino.
Fotografia Fernando Guerra e Sérgio Guerra. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-87683/tres-casas-patio-slash-miguel-marcelino>. [Acedido em: 21/09/2017]

Imagem 128 - Casa em Lourosa, Arquiteto Nuno Brandão Costa
Disponível em: <https://divisare.com/projects/73851-nuno-brandao-costa-armenio-teixeira-casa-em-lourosa-santa-maria-de-feira> [Acedido em: 26/09/2017]

Imagem 129 - Casa em Francelos, Arquiteto Nuno Brandão Costa
Disponível em: <https://www.brandaocosta.com/projetos/francelos/> [Acedido em: 26/09/2017]

Imagem 130 - Casa em Lourosa, Arquiteto Nuno Brandão Costa
Disponível em: <https://divisare.com/projects/73851-nuno-brandao-costa-armenio-teixeira-casa-em-lourosa-santa-maria-de-feira> [Acedido em: 26/09/2017]

Imagem 131 - Casa em Francelos, Arquiteto Nuno Brandão Costa
Disponível em: <https://www.brandaocosta.com/projetos/francelos/> [Acedido em: 26/09/2017]

Imagem 132 - Casa Xavier, Serôdio Furtado & Associados. Fotografia interior.
Fotografia: João Pedro Serôdio. *Serôdio Furtado & Associados* in Darco magazine, número 04, Setembro/Outubro 2006.

Imagem 133 - Casa com três pátios, Arquiteto Miguel Marcelino. Fotografia exterior.
Fotografia: Fernando Guerra. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-87683/tres-casas-patio-slash-miguel-marcelino> [Acedido em: 21/09/2017]

Imagem 134 - Casa Dr. Reginaldo Spenciere, Auzprojekt. Fotografia exterior.
Fotografia: André Ritchie. *Habitar Portugal 2006-2008*, Casa Dr. Reginaldo Spenciere; Disponível em: <http://0608.habitarportugal.org/cha.htm?id=195> [Acedido em 10/10/2016]

Imagem 136, 137, 138 - Casa em Cacela-a-Velha, Arquiteto Victor Neves, fotografia interior
Fotografia Fernando Guerra e Sérgio Guerra, *in Casa em Cacela Velha - Arq. Victor Neves*, 9 de Janeiro de 2014, Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/957547/casa-unifamiliar-em-cacela-velha-slash-victor-neves> [Acedido em 10/10/2016]

Imagem 139, 140, 141, 142 - Vila Utopia, Gonçalo Byrne Arquitetos.
Fotografia: Fernando Guerra e Sérgio Guerra. *Vila Utopia - Gonçalo Byrne Architectos*, 6 de Abril de 2015, Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/764946/vila-utopia-goncalo-byrne-arquitectos> [Acedido em 10/10/2016]

Imagem 143, 144, 145 - Casa Dr. Reginaldo Spenciere, Auzprojekt. Fotografia interior.
Fotografia: André Ritchie. *Auzprojekt, Casa Dr. Reginaldo Spenciere*; Disponível em: <https://www.auzprojekt.com/portfolio/dr-reginaldo-spenciere-house/> [Acedido em 10/10/2016]

Imagem 146, 147 - Casa com três pátios, Arquiteto Miguel Marcelino. Fotografia interior, cozinha
Fotografia Fernando Guerra e Sérgio Guerra. Disponível em: <http://ultimasreportagens.com/urdata/659/index.html#8> [Acedido em: 21/09/2017]

Imagem 148 - Casa em Alcobaça, Aires Mateus e Associados. Fotografia interior.
Fotografia Fernando Guerra e Sérgio Guerra. Disponível em: <http://ultimasreportagens.com/urdata/659/index.html#8> [Acedido em: 21/09/2017]

Imagem 149 - Casa Xavier, Serôdio Furtado & Associados. Fotografia interior.
Fotografia: João Pedro Serôdio. Disponível em: <http://www.serodiofurtado.com/#/pt/projectos/habitacao-unifamiliar/casa-xavier> [Acedido: 26/09/2017]

Imagem 150, 151, 152, 153 - Vila Utopia, Gonçalo Byrne Arquitetos.
Fotografia: Fernando Guerra e Sérgio Guerra. *Vila Utopia - Gonçalo Byrne Architectos*, 6 de Abril de 2015, Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/764946/vila-utopia-goncalo-byrne-arquitectos> [Acedido em 10/10/2016]

Imagem 154 - Casa Y, Sousa Santos Arquitetos, planta piso 0.
Y House - Sousa Santos Arquitetos, 4 de Setembro de 2009; Disponível em: <http://www.archdaily.com/33867/y-house-jorge-sousa-santos> [Acedido em: 10/10/2016]

Imagem 155, 156, 157 - Casa Y, Sousa Santos Arquitetos. Fotografia interior, sala.
Fotografia: Fernando Guerra e Sérgio Guerra. *Y House - Sousa Santos Arquitetos*, 4 de Setembro de 2009, Disponível em: <http://www.archdaily.com/33867/y-house-jorge-sousa-santos> [Acedido em: 10/10/2016]

Imagem 158 - Casa no Chão das Giestas, Arquiteto Carlos Veloso. Planta piso 1.
Adaptação pela autora, sobre fotografia: Fernando Guerra e Sérgio Guerra. *Casa Chão das Giestas / AVA Architects* 18 Mai 2014, ArchDaily. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/602126/casa-chao-das-giestas-ava-architects> [Acedido em: 01/03/2016]

Imagem 159 - Habitação unifamiliar em Leiria, [A] ainda arquitetura. Planta piso 1.
Adaptação pela autora, sobre fotografia: Fernando Guerra e Sérgio Guerra. *Habitação Unifamiliar em Leiria*, Disponível em: <http://0608.habitarportugal.org/cha.htm?id=281> [Acedido em 10/10/2016]

Imagem 160 - Casa em Irivo, Arquiteto Cláudio Vilarinho
Fotografia: Futureng. *Casa em Leiria*. Disponível em: <http://www.futureng.pt/portfolio/moradia-penafiel> [Acedido em 10/10/2016]

Imagem 161 - Casa em São Estevão, Benavente. Barbas Lopes Arquitetos.
Daniel Malhão, Disponível em: <http://barbaslopes.com/np4/17/> [Acedido em: 20/10/2016]

Imagem 162, 163 - Casa Dr. Reginaldo Spenciere, Auzprojekt. Fotografia interior.
Fotografia: André Ritchie. Auzprojekt, Casa Dr. Reginaldo Spenciere; Disponível em: <https://www.auzprojekt.com/portfolio/dr-reginaldo-spenciere-house/> [Acedido em 10/10/2016]

Imagem 164 - Casa Dr. Reginaldo Spenciere, Auzprojekt.
Diagrama da autora sobre planta do piso 0, disponível em: <https://www.auzprojekt.com/portfolio/dr-reginaldo-spenciere-house/> [Acedido em 10/10/2016]

Imagem 165 - Casa Dr. Reginaldo Spenciere, Auzprojekt.
Diagrama da autora sobre planta do piso 1, disponível em: <https://www.auzprojekt.com/portfolio/dr-reginaldo-spenciere-house/> [Acedido em 10/10/2016]

Imagem 166, 167, 168, 169, 170, 171 - Vila Utopia, Gonçalo Byrne Arquitetos. Fotografia interior.
Fotografia: Fernando Guerra e Sérgio Guerra. *Vila Utopia - Gonçalo Byrne Architectos*, 6 de Abril de 2015, disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/764946/vila-utopia-goncalo-byrne-arquitectos> [Acedido em 10/10/2016]

Imagem 172 - Casa em Alcobaça, Aires Mateus e Associados. Planta piso 0.
Aires Mateus e Associados. Disponível em: <http://ultimasreportagens.com/urdata/659/index.html#8> [Acedido em: 21/09/2017]

Imagem 173 - Casa em Alcobaça, Aires Mateus e Associados. Fotografia interior.
Fotografia Fernando Guerra e Sérgio Guerra. Disponível em: <http://ultimasreportagens.com/urdata/659/index.html#8> [Acedido em: 21/09/2017]

Imagem 174, 175, 176, 177 - GORDON, Ricardo Bak, Casa em Quelfes
Disponível: http://www.bakgordon.com/200_projects/210_select_projects/210_0303_quelfes/0303_quelfes_pl.htm [Acedido em: 28/09/2017]

Imagem 184 - Casa Coruche, Aires Mateus Arquitetos, fotografia exterior.
Fotografia Fernando Guerra e Sérgio Guerra, in *Aires Mateus - Casa, Coruche*; Abstrações Radicais, Arqa 42, Fevereiro 2007.

Imagem 185 - Casa em Francelos, Arquiteto Nuno Brandão Costa
Disponível em: <https://www.brandaocosta.com/projetos/francelos/> [Acedido em: 26/09/2017]

